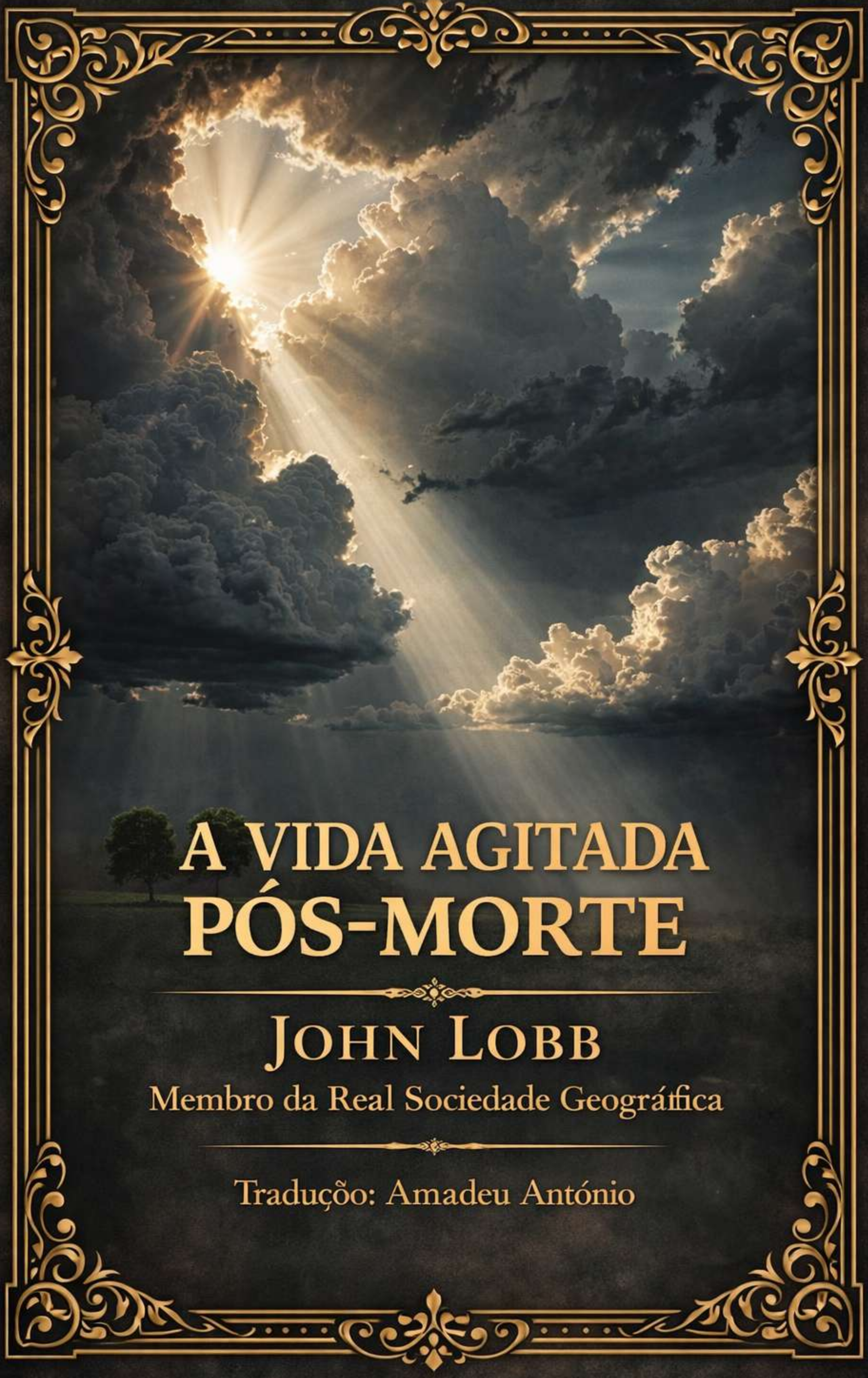

A VIDA AGITADA PÓS-MORTE

John Lobb

Membro da Real Sociedade Geográffica

Tradução: Amadeu António

A VIDA AGITADA APÓS A MORTE

PELA VOZ DOS MORTOS

ILUSTRADO COM FOTOGRAFIAS ESPIRITUAIS

EDITADO POR

JOHN LOBB, F.R.G.S., F.R.HIST.S.

EDITOR DE 'CONTOS COM OS MORTOS'

DURANTE TRINTA ANOS, EDITOR-CHEFE DO 'THE CHRISTIAN AGE'

Aqueles que forem considerados dignos de alcançar o mundo, ... já não podem morrer, pois são iguais aos anjos - Jesus de Nazaré, São Lucas XX. 35-36

LONDRES

JOHN LOBB, 4 LUDGATE CIRCUS, E.C.

AGENTES COMERCIAIS

L. N. FOWLER, 7 IMPERIAL ARCADE, LUDGATE CIRCUS, E.C. 1909

PREFÁCIO

O Editor não pode descrever melhor este volume do que citando o Prefácio do seu livro, "Talks With the Dead" — "Este livro não é mais para o homem comum do que para o Arcebispo." O grande além engoliu muitos dos nossos entes queridos, e nós mesmos avançamos rapidamente para ele, podendo a qualquer momento romper o fino véu que nos divide. "O que é que nos espera lá?" As páginas seguintes fornecem uma resposta. "Durante os últimos cinquenta anos, acreditei numa vida futura; agora, acrescentei conhecimento à minha fé.

Mais de mil dos chamados mortos apareceram em círculos onde me sentei durante os últimos quatro anos; olhei para os seus rostos, recebi mensagens da sua voz espiritual, fiquei maravilhado com o seu conhecimento íntimo da minha vida passada, senti o toque das suas mãos celestiais." Os retratos utilizados neste livro foram todos tirados, com muitos outros que possuo, pelo Sr. Boursnell, o conhecido médium, de Richmond Road, 15, Shepherd’s Bush, W., e à luz do dia. Devo dizer que foram posteriormente "preparados" para a máquina de impressão, mas os originais podem ser vistos a qualquer momento; isto resolverá a alegação de "Falsificação". JOHN LOBB.

INTRODUÇÃO

Ao longo desta obra, registei a experiência dos chamados mortos que se manifestaram e utilizaram os corpos de médiuns. Com muita relutância, apresentei aqui e ali algum intercurso pessoal com aqueles com quem estive familiarizado na minha longa e variada carreira pública. Suprimi grande parte devido à indelicadeza de publicar as suas declarações relativas àqueles que ainda estão no corpo. As que são apresentadas podem ser verificadas pelos parentes e amigos interessados.

O meu contacto pessoal com os desencarnados, e as suas experiências da Vida após a Morte, intensificaram a minha veneração pela Bíblia e pela vida e ensinamentos de Cristo. Leio agora o Antigo e o Novo Testamentos sob uma nova luz e num sentido espiritual mais elevado.

O Espiritualismo Moderno demonstra o ensinamento de Cristo e dos Seus Apóstolos menos a estrutura eclesiástica, despojado dos terrores com que a superstição e o erro o investiram.

O Espiritualismo não é um sistema de credos e dogmas que se incorporaram nas "escrituras de confiança" das várias seitas das Igrejas ortodoxas, mas sim o conhecimento das grandes verdades espirituais da Vida após a Morte ensinadas pelo Manso Nazareno.

CARLTON HOUSE, 75 Victoria Park Road, South Hackney. JOHN LOBB

A VIDA AGITADA ALÉM DA MORTE

ATOS, NÃO CREDOS, O FACTOR APÓS A MORTE

Porque, assim como o corpo sem espírito está morto, assim também a fé sem obras está morta. — Tiago ii. 26. *Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor... e as suas obras os seguem.* — Apocalipse xiv. 13.

Após a morte, ligações de Credo, posições Oficiais, Riqueza, Poder, Esplendor, por maiores que sejam, não valem nada. Os mais poderosos patrícios da Terra estão ao mesmo nível dos mais pobres plebeus. A mão da morte despoja os príncipes de todos os adornos terrenos e deixa as suas almas nuas ao olhar comum de todos no Mundo Espiritual. Homens de substância material aqui, são mendigos famintos lá. As "coisas

feitas no corpo" serão o factor determinante ali. As "coisas feitas" pelo corpo são apenas uma pequena porção dos atos da nossa vida. As nossas boas ações são realmente feitas antes de uma mão se levantar ou de um músculo se mover. O pensamento, as intenções da alma, formam o carácter. Coisas feitas pelo corpo são apenas exibições contingentes e ocasionais. "Anjos, teus velhos amigos, te saudarão, Alegres no seu próprio lar agora por te encontrar. Todas as tuas boas obras que te precederam, Estão à tua espera à porta."

AS OCUPAÇÕES DOS CHAMADOS MORTOS

Os deveres e ocupações dos chamados mortos são muitos e variados. Não ocupados? Ora, há milhões de almas a passar diariamente, homens, mulheres e crianças, de todas as idades, de todos os climas; todos têm de ser recebidos, treinados e instruídos nas leis do Mundo Espiritual. Pode o leitor conceber incontáveis miríades de imortais vivos e conscientes a não fazerem nada?

Há os membros das igrejas ortodoxas para serem instruídos. Uma das primeiras perguntas feitas por eles é: "Onde está Jesus?". O seu treino religioso levou-os a esperar uma apresentação a Ele à sua entrada no Céu. Outros ficam surpreendidos por estarem acordados. Tinham sido ensinados que a morte era um "sono", e que dormiriam até à ressurreição dos mortos, quando a trombeta do Grande Arcanjo chamaria todos dos seus túmulos. Estes e muitos outros erros têm de ser corrigidos. Os chamados mortos encontram-se possuidores de um corpo espiritual que corresponde exatamente ao corpo físico. Bandos de espíritos brilhantes ocupam-se com os recém-chegados habitantes, ajudando-os amorosamente a perceber as condições alteradas do seu ser. Nem uma alma é esquecida, nem uma negligenciada. Legiões de Anjos Poderosos, "Hostes de Deus, Seres Ministrantes", assistem a todos e a cada um que passa para o próximo mundo.

SECTÁRIOS ILUDIDOS NO MUNDO ESPIRITUAL

HÁ milhões de sectários iludidos no Mundo Espiritual à espera de receber uma harpa e uma coroa. Criados na "Fé" ortodoxa, e ligados a uma seita desde a infância, ensinados a acreditar num céu literal e num inferno literal — um lago de fogo e enxofre, os espíritos ortodoxos seguem os seus antigos instrutores no Mundo Espiritual, em busca de alguma explicação para o seu falso ensinamento. Arcebispos, Papas e os chefes das várias seitas estão tão surpreendidos e humilhados quanto os seus seguidores perplexos. Os bandos de missionários angelicais têm muita dificuldade em desiludi-los, pois eles apegam-se tenazmente à "Fé" dos seus pais. De vez em quando, alguns dos espíritos iludidos regressam e usam o corpo de um médium, e lamentam os erros teológicos do seu ministério terreno.

VIDA APÓS A MORTE

Tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna. — S. Paulo, Gálatas vi. 7, 8.

Após a morte, existem estágios de vida espiritual adaptados a cada forma de mente e experiência. Se um ser humano está imerso em trevas e ignorância, a mera mudança chamada morte não o libertará de imediato. O espírito entra num estágio de experiência que é turvo, vago e sombrio, onde sente a escuridão e a vergonha das suas próprias falhas. Na presença de espíritos superiores avançados ele não poderia ser admitido enquanto estas sombras se apegarem à sua alma. Com outro avanço, ou degrau acima, ele entra num estado de existência espiritual correspondente, onde há um pouco mais de luz, um pouco mais de conhecimento e sabedoria. Por outro lado, o homem justo e esclarecido, que vive a sua vida mais elevada, entra numa vida de beatitude espiritual, correspondente à sua conduta em vida. Quando o espírito larga o seu corpo físico, seja ele rei ou mendigo, passa para lá pelo que vale espiritualmente. Se a sua alma estiver revestida de atos amorosos, trajada de humildade e adornada de bondade, ele é coroado entre os reis do Mundo Espiritual. Se, quando na terra, a sua alma estava cheia de egoísmo, ele é um mendigo espiritual, embora possa ter governado um império na terra.

O ESTADO DA ALMA APÓS A MORTE

Quando a morte intervém, não há mudança de carácter. A morte nem rouba à humanidade as virtudes, nem a alivia dos seus vícios. O processo é passado sem qualquer mudança além daquela que é efetuada pela libertação do invólucro físico e pela aquisição de perceções à frente do estado primitivo. O progresso para uma condição de vida mais elevada é assegurado pela volição — pelo exercício da vontade, e pelas influências de seres mais brilhantes que estão sempre prontos a ajudar na elevação daqueles que se encontram num plano inferior a eles próprios, sempre que surge no interior o desejo ou aspiração de progresso. Todos os amigos espirituais que regressaram e falaram comigo dizem que "os espíritos habitam um mundo de atividade e progresso, e não um de inatividade, de gozo lânguido e egoísta, nem ainda um de desespero e sofrimento eternos".

A MORTE E O QUE SE SEGUE, POR UM ESPÍRITO

Todos os que passam de vós para nós são objeto de simpatia angélica e cuidado vigilante. Não há exceção a esta regra, seja ele rei ou camponês, santo ou pecador, mas há alguns que são incapazes de reconhecer os anjos como tal, e se tivessem o poder diriam: "Não queremos nada convosco", e estes são entregues a habitar num estado onde têm de esperar até que possam ser utilizados para o propósito de fornecer as condições necessárias para a evolução de outras formas superiores. Quando estas

condições estão suficientemente desenvolvidas, e eles são capazes de recordar as memórias da sua vida terrena, são assistidos por missionários angelicais para progredir.

QUESTÕES MOMENTOSAS

"Ó, este estranho misturar de Vida e Morte, De Alma e Substância! Deixa-me compreender Os segredos ocultos do hálito fugaz da vida, O destino do meu ser, o seu alvo e fim."

"Quem e o que sou eu — eu próprio? De onde vim? De quem e de onde emanei? Por que nasci num estado físico de ser? 'Espírito e Alma e Corpo.' Para onde e para que tendo eu, e qual é o grande futuro que se apresenta diante de mim quando eu passar pelo estado chamado morte?" Algum preço é demasiado alto a pagar pela solução eficiente de tão grandes problemas? Para ganhar tal conhecimento, nenhum sofrimento, nenhuma abnegação, nenhum sacrifício é demasiado grande; pois quem quer que ganhe o conhecimento de si mesmo obtém um vislumbre através de um véu fendido para aquele Além maior que revela o conhecimento posterior da presença e ação, dentro da forma humana, do Grande Infinito.

O INÍCIO DO ÁTOMO ESPIRITUAL

POR UM ESPÍRITO

"Quando comecei eu a ser?" Este pensamento levar-nos-á de volta através de eras incalculáveis, a um estado em que a Vida é fluídica, e que compararei ao vasto oceano que cobre uma porção tão grande da superfície exterior da terra. Esse "Oceano" — uma vasta coleção de fluido aquoso — deriva a sua atualidade e correspondência de um fluido aéreo infinitamente mais vasto que circunda e está presente em todas as porções dos universos não ocupadas por esferas sólidas. O que é o *Eu*, de que só vós tendes consciência? Imediatamente a seguir ao *Eu* vem outro termo — *mim mesmo* — e este termo dual exprime a consciência de serdes o que sois. Segui-me, em pensamento, até àquele vasto oceano etéreo de vida fluídica do qual fazíeis então parte infinitesimal. Naquele estado anterior e longínquo do ser, não havia um "Eu, mim mesmo", do qual possais ter a mínima consciência, pois o "Eu, mim mesmo" estava então por formar, e não tinha vida consciente de si separada do todo ilimitado no qual estava imerso; a vida consciente que permeava esse vasto reservatório era a posse exclusiva do Grande Eu Sou. Esta era a expressão de então da Vida na sua primeira forma, e além disto a unidade não pode ir.

O GERME DA VIDA IMORTAL

POR UM ESPÍRITO

Vê-se claramente que deve haver um ponto no estado em que o "Eu, mim mesmo" começou como tal a ser e, como uma unidade, começou o seu curso de vida distinguido de todos os outros. Na aparência, foi separado e retirado do grande reservatório, mas a sua saída daquele estado de vida indiferenciada não o constituiu uma unidade separada. Isto resultou quando certas formas duais de vida, num certo estado e esfera, e numa certa ocasião, receberam nas suas próprias formas um influxo de vida, de um estado ainda mais interior e exaltado, e dentro desse influxo havia algo que, dentro das suas formas, se tornou uma unidade. A partir desse estado desenvolveu-se um germe, e nesse germe, invisível para os seus recetores, havia um poder latente e possibilidades que em mudanças futuras se tornaram realidades. Foi então, e naquele estado específico, que o incipiente "Eu, mim mesmo" iniciou o seu curso, com uma aparente diferenciação de forma, e com uma experiência toda própria, e esta diferença, com os seus estados de mudança subsequentes, conferiu à unidade uma consciência expressa pelo "Eu, mim mesmo" que nunca se extinguirá.

O MUNDO ESPIRITUAL — ONDE FICA?

O Mundo Espiritual — onde fica? Existe uma ideia popular de que o homem entra no Mundo Espiritual na morte e que está separado dele agora. Supõe-se por muitos que o universo espiritual está longe, e que o homem morto tem de subir alguma "escada" etérea como o símbolo apresentado a Jacob de outrora para encontrar o reino espiritual. Onde fica o Mundo Espiritual? Onde é que não fica? Estamos agora tão verdadeiramente no universo espiritual como alguma vez viremos a estar. O corpo é apenas o médium, a residência do espírito. O Mundo Espiritual é todo esse reino de existência em que o espírito vive, pensa, se move e tem o seu ser. Os mortos que regressaram expressaram a sua surpresa, ao serem libertados das suas vestes físicas, por não terem sido levados através de milhas de espaço.

A REALIDADE DO MUNDO ESPIRITUAL

A realidade do Mundo Espiritual é provada pelo facto de que os habitantes do Grande Além têm, em vários períodos da história do mundo, visitaram esta terra, revelaram-se em forma real e conversaram livremente com os mortais. Eles não são fantasmas, espetros, meras sombras, contornos, mas seres reais, tangíveis, substanciais. Os mortais neste plano terrestre é que são os fantasmas; nós parecemos assim àqueles que estão fora do corpo. Sabemos agora que o Mundo Espiritual é composto de elementos ou substâncias subtis, tão tangíveis para o desencarnado como a nossa terra o é para o encarnado, e que a sua região existe em conformidade com as leis da natureza, correspondendo à nossa esfera terrena na exata proporção do estado avançado da vida espiritual. As suas multidões fervilhantes são verídicas, a sua sociedade natural, a sua

linguagem audível, as suas atividades enérgicas, a sua vida inteligente, a sua glória discernível, a sua variedade infinita, harmonizada pela grande lei do Amor.

A MORTE, UM PORTAL PARA UMA NOVA VIDA

A MORTE é um portal para uma nova vida, uma porta através da qual o espírito passa e é o passo seguinte na grande economia da vida. Tal como a primavera renova os botões e as flores que pareciam mortos no outono, assim através da morte a alma renova a sua vida e veste o traje da eternidade. As leis do desenvolvimento espiritual no próximo mundo são naturais e espontâneas. Após a morte, o indivíduo continua a pensar, tem a mesma identidade, os mesmos afetos e todos os atributos que o distinguiram enquanto aqui esteve. A sua posição na nova vida depende da natureza da vida física quando na terra. Os pensamentos, as paixões e os atos do recém-erguido enquanto aqui esteve fixaram o ponto de partida na próxima vida. O despojar do corpo físico de modo algum altera o indivíduo; a morte não faz qualquer alteração no Ego moral ou espiritual. O que somos aqui, somos após a mudança chamada morte. Cada alma, ao deixar o corpo, é colocada sob a influência de espíritos superiores para instrução. Alguns ficam imersos em trevas por longos períodos e eras devido ao seu apego às suas associações terrenas. Mas os raios de luz, através de ministrantes angélicos, acabam por os alcançar e, gradualmente, eles são elevados e seguem em frente.

A MORTE, UMA GRANDE SURPRESA

POR UM ESPÍRITO

Quando acordei no Mundo Espiritual e percebi que tinha mãos e pés, tudo o que pertence ao corpo humano, não posso expressar-vos em forma de palavras os sentimentos que nesse momento pareceram apoderar-se da minha alma. Percebi que tinha um corpo — um corpo espiritual — e com que belo e glorioso fulgor de luz me lembrei do que S. Paulo disse: "Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual." Percebi naquele momento, como nunca antes o fizera, a gloriosa verdade do meu próprio desabrochar. Eu esperara dormir um longo sono de morte e acordar na ressurreição geral, para receber louvor ou condenação, "segundo as obras feitas no corpo". Imaginai então, se puderdes, qual deve ser a surpresa de um espírito ao descobrir, após a morte, que é um espírito recém-nascido do tabernáculo de carne em decomposição que deixa atrás de si. Olhei para os amigos que choravam com um coração entristecido, misturado com alegria, sabendo, como sabia, que poderia estar com eles diariamente, embora invisível e desconhecido.

OS MORTOS PERPLEXOS

Ao entrarem na vida espiritual, os mortos ficam habitualmente muito perplexos. Ao início, muitos acreditam que estão a sonhar e que não acordaram, e é muitas vezes muito tempo depois de terem deixado o corpo que conseguem perceber que a morte ocorreu. A atitude mental de um grande número de tais pessoas, diz o Sr. Leadbeater em "Invisible Helpers", foi expressa de forma incisiva por um general inglês que, três dias após a sua morte, encontrou um dos membros do bando de ajudantes espirituais que conhecera na vida terrena. Após expressar o seu grande alívio por ter finalmente encontrado alguém com quem era capaz de comunicar, a sua primeira observação foi: "Mas se eu estou morto, onde estou? Pois se isto é o céu, não acho grande coisa, e se é o inferno, é melhor do que eu esperava!". Mas, infelizmente, um número muito maior encara as coisas de forma menos filosófica. Foram ensinados que todos os homens estão destinados às chamas eternas, exceto uns poucos favorecidos que são sobre-humanamente bons e, visto que uma quantidade muito pequena de autoexame os convence de que não pertencem a essa categoria, ficam muitas vezes em pânico de terror. Outros ficam aturdidos e perplexos ao descobrir que a mera crença num Credo, a pertença a uma Igreja, o Batismo, a Confirmação, etc., não contam para nada. Ver-se-á assim que os bandos missionários que trabalham entre os recém-mortos têm que fazer para acalmar, confortar e instruir os membros presos a credos das igrejas ortodoxas, que, após terem experimentado a maioria das seitas, descobrem que foram grosseiramente enganados por falsos dogmas e ensinamentos.

BEM-AVENTURANÇA ETERNA

OU TORMENTOS PERPÉTUOS APÓS A MORTE

"E nasci eu apenas para morrer? E devo eu subitamente cumprir O severo decreto da natureza? O que depois da morte para mim resta? Alegrias celestiais ou dores infernais, Por toda a eternidade." *Wesleyan Methodist Hymn Book, Hino 43.*

BEM-AVENTURANÇA eterna ou tormentos perpétuos. Que doutrina monstruosa para promulgar! Não é de admirar que os mortos, ao deixarem o corpo, fiquem aterrorizados e perplexos. Ensinar que milhões dos nossos semelhantes são anualmente transferidos da terra para a bem-aventurança imediata e eterna ou para tormentos perpétuos é uma anomalia demasiado terrível e revoltante. Que analogia terrena podem eles apresentar para garantir tal doutrina antinatural? Eles sustentam que as únicas e eternas ocupações dos poucos favorecidos no céu, coroados e com harpas e palmas, são curvar-se e cantar para sempre, enquanto incontáveis milhões da nossa raça estão condenados à perdição eterna, a chorar e lamentar-se e a ranger os dentes! O frio assentimento que a massa de cristãos professos deu a este dogma monstruoso mas, felizmente, mítico e falso, nunca bastou para influenciar as suas vidas para o bem.

Os corações dos milhões não foram tocados pela perspetiva que lhes foi retratada da vida após a morte. O Deus cujo nome é Misericórdia e cuja natureza é Amor nunca pedirá contas a nenhuma das Suas criaturas pela indiferença com que encaram o céu e o inferno, que não estão preparados para desfrutar nem merecem que lhes sejam

consignados. Ministros das igrejas ortodoxas regressam e lamentam ter alguma vez caluniado assim o DEUS SAPIENTÍSSIMO E AMOROSO, e que, dos seus púlpitos, tenham enganado tantos durante a sua vida terrena. Sim, eles dariam mundos para voltar a desfazer o trabalho das suas vidas. O seu progresso na vida espiritual é grandemente retardado pelo seu falso ensinamento.

O GRANDE JUÍZO NA MORTE

O horrível dogma dos tormentos eternos para os impenitentes tem causado muito mal nas igrejas ortodoxas. Embora a linguagem figurada oriental de Jesus de Nazaré fosse facilmente compreendida pelas pessoas do Seu tempo, ela foi distorcida para servir aos pontos de vista dos sacerdotes e para se ajustar aos seus credos. Os amigos espirituais asseguram-nos que o Dia do Juízo é o dia da morte; que não haverá qualquer aparato formal de tribunal, tal como foi imaginado, num dia distante, na presença de um universo reunido, em que Cristo Se sentará em julgamento e condenará o pecador ao castigo eterno — ao fogo do inferno. Embora nada disto exista, ainda assim cada ato é registado, cada pensamento anotado, cada hábito conhecido como um factor no carácter futuro.

Não existem outros livros senão os registos da consciência, nenhum inferno senão a chama do remorso, que purgará a alma como que pelo fogo. O homem faz o seu próprio futuro, molda o seu próprio carácter, sofre pelos seus próprios pecados e deve trabalhar pela sua própria salvação. Ele não está abandonado, por muito que, no seu desespero, o possa pensar. A disciplina sob a qual ele é colocado irá, a seu tempo, elevá-lo. Sim, os anjos ministrantes ajudarão o que aspira e darão alento à alma que esmorece; mas, embora possam confortar, não podem poupar uma única dor, nem atenuar num ápice a penalidade dos erros da vida terrena. Esta deve ser suportada pela alma que pecou.

A VIDA TERRENA DA MULHER ENCURTADA PELO EXCESSO DE TRABALHO

Aperfeiçoado pelos sofrimentos. — Heb. ii. 10.

Pelo menos um terço das esposas e mães sobrecarregadas de trabalho passa para o outro mundo quinze a vinte anos antes de ter terminado a sua vida terrena. Os cuidados maternais e domésticos, exigentes e exaustivos, são frequentemente uma rotina de trabalho escravo, ano após ano. A tensão é demasiado grande e a natureza cede sob ela; ela perde a saúde e o ânimo e, mais do que tudo, a sua juventude — a última coisa que uma mulher deve deixar escapar, pois não importa quão velha seja em anos, deve ser jovem no coração e no sentimento, visto que a juventude da idade é, por vezes, mais atraente do que a própria juventude. Não pode haver visão mais triste do que a de uma esposa e mãe debilitada e sobrecarregada. Um pouco mais de reflexão, um pouco mais de indagação compassiva por parte de

MARIDOS E FILHOS ADULTOS

salvaria frequentemente muitas mulheres de uma partida prematura de junto deles, num momento, inclusive, em que são mais necessárias. Durante as minhas investigações psíquicas, perguntei frequentemente aos meus amigos espirituais sobre os membros das suas famílias: "A sua esposa está aqui consigo?". Eles responderam invariavelmente: "Não, John, ela está numa esfera superior; mas vejo-a ocasionalmente". Alguns dos ministros populares que conheci na sua vida terrena estão numa esfera inferior, enquanto a esposa está numa esfera superior.

Os homens que desconhecem as leis do Mundo Espiritual, quando a pobre esposa desgastada foi conduzida pelos anjos de Deus para as regiões celestiais, disseram: "Sim, John, em breve me juntarei a ela". Não tão cedo, não; o "seio de Abraão" não é alcançado através de uma rotina de mudanças agradáveis, ano após ano, enquanto a esposa é deixada com todo o fardo da casa. O autossacrifício, o viver cristão, é o factor que confere posição e glória na vida após a morte. Basta olharmos para o nosso lar, para a mãe e para a esposa, e veremos que o princípio de Cristo é a raiz germinal das suas vidas.

AS MULHERES AQUI E DEPOIS DA MORTE

Porque a nossa leve aflição, que é apenas por um momento, opera para nós um peso eterno de glória mui excelente; enquanto não olhamos para as coisas que se veem, mas para as que se não veem: porque as coisas que se veem são temporais; mas as que se não veem são eternas. — 2 Cor. iv. 17, 18.

A posição da mulher após a morte surpreenderá o homem morto. A sua paciência no suportar da labuta da vida terrena, que resulta numa morte precoce, é recompensada no próximo mundo. Para a mulher sobrecarregada, uma velhice viçosa está fora de questão; a velhice chega-lhe mirrada e amarelada antes do tempo. A sua própria natureza e disposição são alteradas pelo fardo que, sendo demasiado pesado para carregar, é arrastado conforme os pés fatigados e as mãos cansadas conseguem cumprir a sua parte. Até os seus afetos são embotados, e ela torna-se meramente uma máquina; uma mulher sem tempo para ser feminina, uma mãe sem tempo para treinar e guiar os seus filhos como só uma mãe consegue, uma esposa sem tempo para simpatizar com o marido e animá-lo; uma mulher tão sobrecarregada durante o dia que, quando a noite chega, o seu único pensamento e anseio intenso é pelo descanso e por um sono que provavelmente não virá, e mesmo que viesse, ela está demasiado cansada para o desfrutar.

A MULHER: A SUA OCUPAÇÃO APÓS A MORTE

Mas os que forem tidos por dignos de alcançar aquele mundo... não casam, nem são dados em casamento. Porque já não podem mais morrer: pois são iguais aos anjos. — S. Lucas xx. 35, 36.

O sexo e as relações sexuais permanecem os mesmos após a morte; uma mulher aqui na vida corporal continua a ser uma mulher quando desencarnada, exceto que os propósitos do matrimónio terminam com a vida física. A mulher ocupa uma posição mais elevada e sagrada após a morte. As labutas da vida material são trocadas pelo ministério angelical. "São iguais aos anjos". Os seus deveres no Mundo Espiritual são numerosos e variados.

As miríades de crianças que passam para o outro lado reclamam os seus serviços maternais; muitas, antes de atingirem a maturidade, nascem no próximo mundo; milhões morrem jovens, devido à ignorância dos pais, negligência, acidentes e outras causas; todas têm de ser cuidadas, amparadas e treinadas, e trazidas de volta à terra, para ganharem algum conhecimento da vida física pela qual foram destinadas a passar. Depois, há os doentes, os moribundos e os mortos. Bandos de mulheres são designados para cada um e para todos, para vigiar, esperar e assistir os sofredores, até que a mudança chamada morte liberte a alma do corpo. Nem um só de todos os doentes é deixado a sofrer e a morrer sozinho.

"Ó, vós que sofreis, levantai-vos, Limpai as lágrimas dos vossos olhos, Erguei os vossos rostos para a luz, Lede corretamente o mistério da morte: A vida desabrocha da vida interior, E com a morte a vida começa."

A ALMA A DEIXAR O CORPO

Ele tinha dado o seu último suspiro, e eu vi o que supus ser o seu corpo espiritual sair do seu mortal na forma de uma estrutura nebulosa e, diretamente sobre ele, e na sala onde jazia, assumiu a forma humana, mas parecia não ter inteligência. De repente, iluminou-se, e estava vivo e inteligente; olhou em volta como se duvidasse de onde estava. Voltou então a sua atenção para a família e amigos, que estavam em lágrimas em redor do seu cadáver, e dedicou-lhes um olhar de afeto; e foi levado numa onda de luz para longe, na distância, até desaparecer da minha vista. Enquanto o seu corpo espiritual se formava desta maneira, três espíritos estavam presentes. Quando, por fim, iniciaram a sua jornada ascendente, todos lançaram sobre nós olhares de grande afeto e alegria. Enquanto se elevavam, juntavam-se-lhes de tempos a tempos outros espíritos brilhantes e felizes e, à medida que se desvaneciam na distância, deram-nos unitariamente um olhar de despedida de um afeto que não tem paralelo na terra.

"Assim se desvanece a nuvem de verão, Assim abranda a lufada quando as tempestades passam, Assim suavemente se fecha o olho do dia, Assim morre uma onda ao longo da costa. Adeus, esperanças e medos em conflito! Onde luzes e sombras alternadamente habitam; Quão brilhante a manhã imutável aparece; Adeus, mundo inconstante, adeus! Terminado o trabalho da vida, ao afundar-se o barro, Liberto da sua

carga, o espírito voa, Enquanto o céu e a terra se combinam para dizer — Quão abençoado o justo quando morre!"

A CENA DA MORTE DOS JUSTOS

Foi levado pelos anjos para o seio de Abraão. — S. Lucas xvi. 22.

"Ouve, eles sussurram; os anjos dizem: 'Irmã espírito, vem embora'." — POPE. *Quando morremos, temos os queridos anjos como nossa escolta no caminho.* — LUTERO.

A cena da morte dos justos, tal como vista pelo clarividente, é uma visão jamais esquecida. Grupos de seres celestiais reúnem-se em redor do santo que morre, trajados com vestes de um branco imaculado, cujos semblantes irradiam deleite, usando capelas de flores tão belas como se tivessem sido tecidas de raios de sol e rosas misturados. Estes são os bandos de "espíritos ministrantes enviados para ministrar àqueles que hão de herdar a salvação". Pudessem os amigos que choram ver os Seres Resplandecentes e os raios luminosos de glória na câmara da morte destes santos, e eles secariam as suas lágrimas e cantariam de alegria.

Veriam que não há nada de desolador e insocial na partida dos seus entes queridos para as esferas imortais. Os amigos anjos vestidos de branco reúnem-se como se tivessem vindo para alguma grande celebração festiva. Esperam jubilosamente, e observam a separação do espírito do seu invólucro terreno e, assim que libertos do corpo, flutuam suave e amorosamente com o liberto para a terra da Luz e do Amor, onde o que ressuscitou é acolhido por velhos e amorosos amigos ao som de música celestial desconhecida na terra.

ANJOS ASSISTEM OS MORTOS

Tal como os anjos celestiais ministraram às necessidades da alma na infância, assim agora estão presentes quando o primeiro ciclo da vida está completo, para assistir na nossa ressurreição para a plenitude da vida no mundo espiritual. Quando toda a ligação vital entre o corpo e o próprio homem cessou, ele passa para um sono profundo e inconsciente. Os anjos estão ao seu redor para o guardar da aproximação de qualquer influência perturbadora e, gradualmente, por atrações suaves e delicadas, retiram-no do seu invólucro material, elevam-no e atendem a todas as suas necessidades. Agora, ensinam-lhe a natureza do novo mundo no qual ele entrou aberta e conscientemente, dando-lhe toda a assistência e, de múltiplas formas, preparam-no para o seu lar eterno. — REV. CHAUNCEY GILES.

A MUDANÇA CHAMADA MORTE

NÃO há dor no morrer. É como o refluxo de uma maré, como o fluir de um riacho, como a passagem da luz do dia para o crepúsculo, como o chegar dos pores do sol de outono em que todo o céu ocidental é inundado por um fulgor de luz. Encontrar-se a flutuar do tempo para o espaço imensurável da eternidade é uma experiência que apenas aqueles que passam pelo portal da morte podem compreender. A maior surpresa de todas é que se sente o deslizar das coisas humanas sem uma dor ou arrependimento. Sente-se que a própria dor partiu, e que uma inundação pura e inefável vem ao vosso encontro logo ali, atravessando o porto.

O afrouxar dos afetos humanos, a dor que atinge o coração quando se ouve o soluço dos entes queridos perto de nós e não se pode responder, é contrabalançado pelo frémito que acompanha o desprendimento do laço mortal, e sente-se alegria pela morte mesmo enquanto ela ocorre. A maior maravilha de todas é que tudo na vida material permanece igual, mas transfigurado. Toda a sensação e consciência tornam-se cada vez mais palpáveis, até que os próprios batimentos cardíacos dos amigos são audíveis, enquanto o espírito parte.

ANJOS DA GUARDA NO QUARTO DO DOENTE

"O quarto estava cheio de anjos, E ela admirava-se de não os podermos ver Enquanto flutuavam sem ruído Em redor da sua cama."

Guardiães angélicos rodeiam o leito do doente. Quando todos os acompanhantes saíram, estes observadores invisíveis pairam em redor do enfermo. Nenhum sofredor é alguma vez deixado sozinho. Olhos clarividentes contemplam estes ajudantes invisíveis e brilhantes. O doente pode estar completamente inconsciente da sua presença, mas eles estão lá, dia e noite, observando com terna solicitude cada sintoma da doença. De vez em quando são vistos pelos moribundos, radiantes e luminosos. O espírito está frequentemente muito fraco, após uma doença prolongada, e estes guardiães angélicos vigiam e esperam pela mudança chamada morte. O bebé recém-nascido não é mais indefeso do que muitos espíritos recém-nascidos, nem requerem menos cuidados ao entrarem na vida espiritual. Os médicos no Mundo Espiritual estão amorosamente empenhados em atender aqueles que, no hospital espiritual, entram no mundo invisível vindos de corpos terrenos que foram definhados pela doença.

"A morte não é senão um estranho amigo Que abre a porta dourada, Convida-nos a passar o portal escurecido, Para a brilhante margem celestial. A morte é a vida recém-nascida a expandir-se — Alcançando o alto para a meta — Rompendo as suas algemas enferrujadas, Para a liberdade da alma. A morte é o anjo designado pelo céu, Que nos convida a explorar Paisagens mais ricas, prazeres mais puros, Imarcescíveis como o sempre-mais." — BARLOW.

FOTOGRAFADOS APÓS A MORTE

Nem se deixarão persuadir, ainda que algum dos mortos ressuscite. — S. Lucas xvi. 31.

Temos uma acumulação de evidências indiscutíveis do facto de que espíritos do mundo invisível se materializam para os seus retratos e são identificados pelos seus amigos; não há, portanto, necessidade de discutir com qualquer "Tomé duvidoso". Nos últimos quarenta anos, o fenómeno psíquico da fotografia de espíritos tem sido um facto científico estabelecido; os mortos apareceram na placa sensível. O Dr. Alfred Russel Wallace, F.R.S., o famoso cientista e colaborador de Darwin no estabelecimento da doutrina da evolução, no seu famoso livro "Miracles and Modern Spiritualism", páginas 188 a 205, trata a fotografia de espíritos cientificamente, fornecendo abundância de provas de que os chamados mortos regressam e são fotografados.

Sir William Crookes, F.R.S., um dos mais eminentes e proficientes cientistas físicos, já em 1874 escrevia: "Tive muito sucesso ao tirar numerosas fotografias de Katie King (um espírito materializado, assim chamado, ou forma etérica) com a ajuda da luz elétrica". Sir William era, nessa altura, um perito com a câmara fotográfica, tendo-a usado muito nas suas descobertas químicas e também em investigações astronómicas e do espectro solar. Ele diz: "Ao todo tenho quarenta e quatro negativos, alguns inferiores, alguns indiferentes e alguns excelentes". Mal passa uma semana sem que eu tenha de satisfazer os desejos dos enlutados através de uma apresentação ao fotógrafo mediúnico

O RETRATO DOS SEUS MORTOS.

Os LEITORES do meu livro "Talks With the Dead" e outros que frequentaram os serviços nas províncias onde oficiei obtiveram fotografias dos seus chamados mortos. Muitos podem atestar o seu regresso na placa sensível. As lágrimas de não poucos sofredores foram secas. Nalguns casos, o "Tomé duvidoso" trouxe as suas próprias placas e seguiu o operador para a sua sala, vendo por si mesmo a execução do trabalho. Permitam-me dizer, aqui, que é absurdo que qualquer pessoa cuja vida seja marcada por graves irregularidades espere que os santos mortos a atendam; eles não posarão para o seu retrato a menos que sejam dadas condições pelo modelo, e é contrário à lei da afinidade moral esperá-lo. O poder dos espíritos para fazerem com que representações das suas formas sejam impressas nas superfícies sensíveis de placas quimicamente preparadas do fotógrafo tem sido, como outros poderes psíquicos, negado e ridicularizado, mas a posse deste poder é agora um facto bem estabelecido.

A FORMA ESPIRITUAL DO SR. THOMAS EVERITT FOTOGRAFADA

Durante mais de quarenta anos, o Sr. e a Sra. Everitt trabalharam nos interesses do movimento — o nome Everitt é uma palavra familiar entre os Espiritualistas.

UMA MENSAGEM DE GERALD MASSEY APÓS A MORTE

A vida física terminou para mim agora; e isto é uma bênção de várias formas — uma bênção por ter atravessado a própria purgação, a própria disciplina; pois, após a dor, retamente suportada, vem o prazer; e o que semeámos em tristeza ceifamos em alegria. Agora que fui submetido à minha disciplina, estou grato por ter passado por ela. Olhando para trás, descubro que muitas vezes, quando imaginava que estava a descer, estava na realidade a ascender espiritualmente; pois estava a expor as minhas costas ao chicote da adversidade e estava a beneficiar com a chibatada.

Um dos meus maiores confortos na vida, sob as suas mais pesadas provações e numerosas tristezas, foi o facto de possuir o conhecimento do espiritualismo para me apoiar no seu enfrentamento; e tive-o em medida plena e transbordante.

Foi isto que me permitiu elevar-me acima de todas as minhas desventuras, de modo que podem estar certos de que nada na vida compensará um homem pela falta desse conhecimento.

Sim, de facto, o conhecimento espiritual é a pérola de grande valor, e estou grato por tê-lo possuído em abundância, combinado com a consciência da proximidade dos anjos ministradores, e de ter adotado uma visão correta dos mistérios da vida e da morte, tanto quanto está no poder de um mortal adotar uma visão correta de algo.

Não recebo mérito pela minha aberta confissão de crença no espiritualismo, pois eu era um soldado da fortuna e nada tinha a perder.

Além do mais, quando um homem adquiriu uma certa posição e influência, pode dar-se ao luxo de proclamar as suas crenças. É quando ele está por baixo e tenta abrir caminho para cima que tem de ter cuidado para não ofender os preconceitos de outras pessoas.

Eu não tive receios, contudo, e consegui realizar uma boa dose de trabalho real e honesto com a minha pena.

Quando chega o momento apropriado, a partida é bastante súbita para homens que são espiritualmente sustentados além do período comum da existência humana. Somos ajudados por um bando de espíritos para realizar o nosso trabalho. Quando este está concluído, eles retiram-se, e nós caímos. Foi o que aconteceu comigo. Parti calma e pacificamente. Bem, foi-me permitido dar ao mundo pelo menos uma obra sólida e boa sobre Egiptologia. (Provavelmente a última, "Ancient Egypt: The Light of the World".)

Naturalmente, não foi o resultado das minhas próprias investigações isoladas, embora tenha feito o meu melhor para aperfeiçoar o meu conhecimento através dos

métodos comuns de educar a mente, mas sem as maravilhosas intuições e inspirações que recebi por vezes, nunca poderia ter escrito esse livro.

Existem coisas ali apresentadas como meras sugestões que serão provadas por futuros exploradores como factos reais. Já me foi permitido encontrar vários dos meus guias face a face, e entre estes encontram-se membros das antigas dinastias egípcias, como, por exemplo, Totmés III.

É um grande prazer encontrar-se finalmente face a face com todos aqueles espíritos cuja presença apenas se "sentia" anteriormente, mas que foram seus companheiros e ajudantes durante um grande número de anos. É uma experiência deliciosa adquirir a elucidação de tantos mistérios. Eu era um médium, num certo sentido, pois costumava ter uma espécie de sonhos vívidos, nos quais via certas entidades, que me dirigiam sobre o que dizer e fazer, tanto nos meus livros como nas minhas palestras. E encontrei aqui aqueles que eu considerava sombras, e tive a felicidade de lhes apertar as mãos e de os saudar.

[O texto acima é um extrato de uma longa mensagem de Gerald Massey, transmitida através da mediunidade do Sr. James Wrenn Sutton três dias após o seu falecimento, e que apareceu posteriormente no "Harbinger of Light" de fevereiro de 1907. — ED.]

GERALD MASSEY

Gerald Massey, Poeta, Reformador, Egiptólogo e Espiritualista, regressou alguns dias após a morte para ajustar um assunto pessoal. Tinha havido uma pequena diferença de opinião entre um velho amigo e ele próprio, e coube-me a mim prestar assistência no assunto. O nosso amigo comum, o Sr. Boursnell, o bem conhecido médium de fotografia espiritual, foi controlado pelo Sr. Massey, e foi efetuada uma reconciliação entre o falecido e o velho amigo no corpo, ficando ambos novamente em completo acordo.

Não é apenas como um poeta do povo que o seu nome passará à posteridade, mas como um grande egiptólogo. A sua última grande obra, de trinta anos de investigação, foi concluída apenas um mês antes do seu falecimento, "Ancient Egypt: The Light of the World", publicada a duas guinéus líquidos.

Não posso fazer melhor do que apresentar aqui um extrato de um artigo apreciativo do Sr. James Robertson, de Glasgow, aquele veterano espiritualista escocês, publicado em "Light", a 9 de novembro de 1907:

Um grande herói partiu da nossa visão física, um homem de grande reputação e de soberba coragem. O Espiritualismo não teve nas suas fileiras qualquer voz ou pena de peso igual à do poeta Gerald Massey. Na manhã de terça-feira, 29 de outubro de 1907, a porta abriu-se para ele e ele iniciou a sua nova peregrinação. Mal podemos estimar, ainda, o valor total da sua grande obra, mas um dia as muitas pérolas de sabedoria e

verdade que estão espalhadas pelos seus escritos serão reunidas, e mostrarão ao mundo que os fenómenos do Espiritualismo contêm a única evidência possível, palpável e natural de uma vida futura que os homens têm, ou alguma vez tiveram, para se basearem.

O Espiritualismo era para ele uma revelação sublime que destruiria para sempre o medo da morte. Ele sentia que colocaria uma alma nova na religião, pois qualquer ciência da religião com o fantasma omitido era destituída de sentido. "A ciência moderna", disse ele, "libertou um dilúvio de destruição que é fatal para as crenças ignorantes e as falsas fés derivadas de uma mitologia mal interpretada, mas nunca poderá apagar um único facto ou desenraizar uma única realidade na Natureza. A religião propriamente dita começa com, e deve incluir, a ideia de, ou o desejo por, outra vida. E só o Espiritualismo oferece os meios de a estabelecer como um facto. Só o Espiritualismo oferece uma base científica para uma doutrina da imortalidade."

A palavra dever tinha para Massey um significado real, ele era o expoente vivo dos pensamentos de Carlyle: "A Verdade, embora os céus me esmaguem por segui-la! Nenhuma falsidade, embora um celestial País da Cucanha fosse o preço da apostasia!"

Há meio século que ele brilhava no mundo como um dos mais graciosos e encantadores poetas líricos, mas ele não se importava tanto com a sua reputação como poeta como com tornar claro para a humanidade que UM CABO TINHA SIDO LANÇADO ENTRE OS DOIS MUNDOS e que havia operadores inteligentes na outra extremidade que nos podiam enviar mensagens em linguagem humana. Se todos os espiritualistas tivessem demonstrado uma décima parte da sua sublime coragem, a nossa causa ter-se-ia destacado muito mais proeminentemente do que acontece hoje.

Aquilo a que ele se agarrou inicialmente, nunca largou. Ele ouviu todo o balbuciar teosófico e maravilhou-se com a cegueira crassa dos "investigadores" que nada descobriam. A sua era uma luz real que o ajudava a ver claramente em muitos domínios.

A história da sua vida não precisa de ser abordada aqui. "Ele aprendeu no sofrimento o que ensinou no canto", e dedicou-se desde a juventude a defender a causa dos fracos, dos pobres e daqueles cujas vidas se tornaram amargas por terem de carregar fardos mais pesados do que aqueles que retamente lhes pertenciam. Muitos dos seus corajosos desabafos do coração serão ainda guardados como tesouros nos dias mais brilhantes que ele claramente via estarem à frente. Os seus nobres ideais e os seus apelos apaixonados por justiça nunca foram superados. As notícias dos jornais da semana passada contaram algumas partes da história da VIDA LITERÁRIA DE MASSEY, uma vida de luta heroica com pouco para o ajudar exceto os impulsos divinos que brotavam no seu ser. Cada grande contemporâneo sentiu e admitiu o seu poder e falecimento.

Walter Savage Landor disse que havia pensamentos e expressões na sua poesia que lhe lembravam Shakespeare nos melhores dos seus sonetos. Carlyle disse do seu "In Memoriam", um dos mais sublimes poemas espirituais, que era "heroico". Ruskin reconheceu a sua dívida de gratidão para com Massey por muitos pensamentos

encorajadores e nobres, e disse que os seus poemas eram uma dádiva útil e preciosa para as classes trabalhadoras. Matthew Arnold, Thomas Aird, Hugh Miller e multidões de outros prestaram igualmente tributo à voz séria e apaixonada que ressoava em apelos por justiça.

COM O CONHECIMENTO DO ESPIRITUALISMO QUE TINHA, um novo mandato chegou a Massey, ao qual ele obedeceu. A evidência que o convenceu, para além de qualquer dúvida, de que os seus entes queridos que tinham partido da vista podiam vir ao seu redor na sua vida quotidiana, impeliu-o a escrever o seu poema intitulado "A Tale of Eternity", um epítome de factos espirituais, uma profunda obra de génio, repleta de passagens que evidenciam a ação espiritual, enquanto as alusões científicas que contém revelam a mente mestra do pensador inspirado. A publicação deste volume quase destruiu a sua posição no reino das letras. O mundo hoje está mais favoravelmente disposto a ouvir o psíquico do que estava então — graças tanto a Massey como a qualquer outro. Proclamar-se abertamente um espiritualista naquela época custava algo: Robert Chambers teve o cuidado de esconder o seu conhecimento e nunca perdeu a posição; Massey falou abertamente e pagou o preço. Ele tinha sido durante alguns anos um dos mais populares oradores de plataforma, os seus compromissos de conferências em cada inverno totalizavam setenta ou oitenta; mas no ano seguinte, após o seu Espiritualismo ter sido propalado na Imprensa, estes compromissos caíram para sete. Associações Cristãs de Jovens, que anteriormente tinham olhado para a sua poesia como especialmente religiosa, consideravam agora a nova voz que lhes chegava como pecaminosa, e ouvi-o descrever, com aquele fino toque de humor que era uma das suas características marcantes, como recebeu o tratamento de indiferença de antigos admiradores.

Seguiu-se a sua pequena obra, há muito esgotada, intitulada "CONCERNING SPIRITUALISM". Quão valioso o Espiritualismo se tinha tornado para ele é demonstrado por algumas das belas passagens de que o livro abunda. Nada poderia ser mais admirável ou mais verdadeiro do que estas palavras:

"O Espiritualismo tornará a religião infinitamente mais real e traduzi-la-á do domínio da crença para o da vida. Tem sido para mim, em comum com muitos outros, tal elevação do horizonte mental e uma entrada dos céus — tal transformação de fés em factos — que só posso comparar a vida sem ele a navegar a bordo de um navio com as escotilhas fechadas, sendo mantido prisioneiro, encerrado, apertado, confinado, vivendo à luz de uma vela — às escuras para a glória sobre a cabeça, e cego para mil possibilidades de ser, e depois subitamente, nalguma esplêndida noite estrelada, ser-lhe permitido ir ao convés pela primeira vez, para ver o estupendo mecanismo dos céus estrelados todo resplandecente com a glória de Deus, para sentir aquela vasta visão a brilhar nos olhos, de uma beleza desconcertante, e beber vida nova com cada fôlego desta maravilhosa liberdade, que o faz dilatar a alma quase o suficiente para preencher a imensidão que vê ao seu redor."

TENNYSON ERA UM ADMIRADOR DESTE PEQUENO LIVRO e escreveu a Massey, dizendo que o tinha lido repetidamente e que tinha comprado exemplares para

oferecer a amigos. Há mais de vinte e cinco anos, quando tive o privilégio de me sentar e conversar com o poeta diariamente, e de passear com ele, perguntei-lhe a que livro Tennyson se tinha referido, pensando na altura que deveria ser "The Natural Genesis" ou "The Book of the Beginnings", que tinham acabado de ser publicados. "Não", disse ele, "é o meu livrinho, 'Concerning Spiritualism'; não sabe que todos os Tennysons são espiritualistas?" Descobri mais tarde que Frederick Tennyson, cuja reputação poética foi obscurecida pela do seu grande irmão, tinha sido colaborador do "Spiritual Magazine" e amigo de médiuns e trabalhadores como o falecido James Burns.

A forma mortal do Sr. Massey foi enterrada no Antigo Cemitério de Southgate a 4 de novembro. A placa de identificação no caixão ostentava a inscrição: "Gerald Massey, nascido a 29 de maio de 1828, renascido a 29 de outubro de 1907." Entre os muitos belos emblemas florais contribuídos, o do Sr. Andrew Glendinning ostentava a seguinte inscrição tocante: "A Terra está mais pobre e o céu está mais rico com a transição de Gerald Massey."

Desde a sua entrada na vida espiritual, ele tem-nos visitado ocasionalmente, e olhos clarividentes veem-no frequentemente na plataforma nos nossos serviços.

O REGRESSO DOS MORTOS VERSUS A "SUPERSTIÇÃO"

"Disseram-te que do limite invisível O caminho sombrio nunca permitiu o regresso: Que tudo o que as lágrimas podem mover com a vida fugiu: Que o amor terreno é impotente sobre os mortos, — Não o acredites."

Sra. HEMANS, (Sra. Felicia Dorothea Hemans, apelido de solteira Browne, nascida em 1794, falecida em 1835, escritora de versos, escreveu "Early Blossoms" antes dos quinze anos, e posteriormente "Domestic Afflictions", Hinos, etc.)

Não há muitos anos, era moda ridicularizar qualquer pessoa que tivesse tido a boa fortuna de encontrar face a face um habitante do Mundo Espiritual, e embora tais experiências fossem presumivelmente não menos comuns então do que agora, aqueles que as encontravam naturalmente guardavam-nas para si próprios se valorizavam as suas reputações como membros sãos de uma sociedade materialista.

Nos últimos anos, porém, ocorreu uma mudança salutar na opinião pública a este respeito. Escarnecer dos fenómenos psíquicos é agora reconhecido como demonstração não de vigor intelectual, mas de ignorância e presunção, e já não é seguro para quem deseja estar na moda levantar o grito de papagaio tolo e antiquado de "Superstição". De todas as partes do mundo chegam relatos bem atestados do regresso ocasional dos mortos. O facto de o homem sobreviver ao processo chamado morte está provado para além de qualquer dúvida.

"Então as formas dos que partiram Entram pela porta aberta, Os amados, os de coração fiel, Vêm visitar-me mais uma vez."

LONGFELLOW.

A DIFAMAÇÃO DOS MORTOS A PARTIR DOS PÚLPITOS

POR UM ESPÍRITO

EMBORA possais trovejar com brilhantismo de linguagem, caís, no entanto, muito longe da verdade quando falais como o fazeis a respeito daqueles espíritos ministradores que revisitam a terra para influenciar para o bem e remover as ideias falsas que incutistes nas mentes das pessoas.

Que acusação atroz é essa que fazeis tocante aos entes queridos e amados cujos afetos na terra nunca foram postos em dúvida, representando-os a todos como espíritos malignos que regressam para enegrecer os corações daqueles que amaram! Mãe! tu, se fosses retirada da terra e transferida para a vida eterna, regressarias à terra para enganar os teus filhos e filhas? Tu, pai, cujo coração sangrou pelas muitas dores que os teus filhos sofreram, regressarias à terra para desviar os teus filhos do caminho?

"Ó vós, mortais tristes e cansados, Com as manchas de lágrimas na vossa face, Pensais que os anjos benditos Não podem vir para saudar as vossas formas?"

VÓS, AUTOCONSTITUÍDOS CONSERVADORES DAS ALMAS

Como ousais, a partir dos vossos púlpitos, viciar a atmosfera das vossas igrejas e capelas ao tentardes vilipendiar aqueles que em amor e simpatia regressam à terra a partir das suas resplandecentes moradas? Como ousais tentar romper os elos que ligam os afetos de marido e mulher, pais e filhos, irmãos e irmãs, através dos vossos escarnecimentos cruéis? Recebei em troca as garantias daqueles que caluniastes de que o mais pobre, bem como o mais rico habitante da terra, é amorosamente vigiado, a partir dos lares dos espíritos libertos, pelos seus parentes, que sofrem quando ele erra e se regozijam quando ele adere ao caminho da verdade e do que é correto.

Os caluniados dizem-vos que o grande movimento espiritual que está agora a espalhar-se sobre a terra tem por objetivo a emancipação da humanidade dos laços da ignorância e da superstição que, por demasiado tempo, mantiveram a razão cativa.

"Ó vós, mortais tristes e desdenhosos, Envoltos em orgulhosa presunção, Pensais que o vosso ódio nos impede De regressar para saudar as vossas almas? Chamar-nos-eis demónios e demónios, A nós que vos amamos e ajudamos? Pensais que os anjos benditos Não podem vir para saudar as vossas formas?"

COMO OS ESPÍRITOS SE MANIFESTAM COM ROUPAS

POR UM ESPÍRITO

Muitos investigadores do espiritualismo têm tido dificuldade em explicar a materialização de vestes espirituais. Isto é de fácil solução.

A musselina espiritual, como tal o é, é invisível ao olho físico e, na vida espiritual, é, como referi anteriormente, fabricada com facilidade e rapidez. A mudança de um artigo invisível (para vós) para um visível é operada desta maneira:

A musselina é trazida para a proximidade do Médium, de quem são recolhidas partículas — conforme emanam lentamente do corpo. Estas partículas (de natureza tão subtil que não são vistas por vós) são concentradas por uma forte força magnética, e dois espíritos (o número geralmente envolvido em tal trabalho) esforçam-se para, por assim dizer, saturar a musselina com a aura ou partículas, de uma forma que guarda semelhança com a impregnação de material por óleos ou tintas para a exclusão de água.

FÓSFORO

é o principal componente das partículas requisitadas para o propósito de materializar vestes espirituais em círculos de materialização.

Mas, para completar o trabalho, um terceiro espírito, que se caracteriza pela posse de um magnetismo de natureza mais grosseira do que os outros dois, desempenha agora a sua parte magnetizando-o. A musselina tornou-se agora objetiva para a visão física e suportará o manuseamento, mas não é de natureza tão durável que suporte a influência de uma luz poderosa, a qual, se for aplicada sobre o tecido, o resolve na sua condição original.

Este fenómeno do poder espiritual tem sido um grande mistério para muitos dos povos da terra, que duvidaram mesmo após terem segurado uma porção da veste palpável!

Estas afirmações só podem ser apreciadas por aqueles que testemunharam materializações espirituais; para todos os outros, elas serão ininteligíveis.

ELES REGRESSAM DE FACTO

"E com a manhã aqueles rostos de anjo sorriem, Que eu amei há muito tempo, e perdi por um pouco." J. H. Newman

Sim, eles regressam de facto, os nossos queridos não estão perdidos, eles estão "a vigiar e à espera" daqueles deixados para trás por um pouco.

Na terça-feira, 19 de maio de 1908, uma cadeira foi colocada à minha disposição na sessão quinzenal privada realizada na casa do Sr. Andrew Glendinning, um veterano na causa do Espiritualismo, a qual aceitei de bom grado. Não tivemos de esperar muito; a querida e extremosa esposa, mãe carinhosa e amiga fiel, estava lá muito antes de as cadeiras terem sido colocadas à mesa para os participantes esperados — marido, filhos e amigos que iriam novamente olhar para o seu doce rosto e ouvir algumas palavras amorosas de saudação. Os seus olhos vigilantes tinham inclusivamente visto uma chave

cair do bolso do colete do seu querido marido, numa sala adjacente, a qual, com mãos espirituais, ela apanhou e, após a sessão ter começado, entregou ao seu amado marido.

Sim, nada escapa aos olhos amorosos dos nossos amigos invisíveis. A doce rosa e algumas flores acabadas de colher, colocadas na lareira pelo marido extremoso, foram também apanhadas pelas mãos espirituais da esposa. Para um observador, foi

UMA CENA TOCANTE.

Ali estavam marido, filhos e filhas, genro e amigos (dez ao todo), reunidos para encontrar, vindos do Mundo Espiritual, a querida falecida que, há quase dois anos, partiu do meio deles.

O primeiro a ser saudado e abraçado foi o seu marido, que, a 7 de maio de 1908, tinha atingido o seu octogésimo segundo ano, depois, por sua vez, os seus filhos e, em seguida, os amigos presentes.

Não havia lugar para dúvidas; aqui estava evidência clara, visível e tangível do regresso dos chamados mortos. Repetidamente a Sra. Glendinning abraçou o seu marido com o seu braço materializado à volta do pescoço dele, com todos os sinais de afeto conjugal, como se estivessem apenas a começar a batalha da vida juntos.

Depois veio a filha deles, Christina, que há muitos anos está no Mundo Espiritual. Mãe e filha juntas de volta do Grande Além, em casa novamente. Um elemento de surpresa teria sido notado por um estranho, a saber, a maneira familiar e tranquila como o Guia Espiritual realizava o seu trabalho de assistência à materialização. Ele falava como um velho membro da família Glendinning, respondendo a perguntas e conversando livremente com os presentes sobre coisas passadas e presentes, não esquecendo de pedir ao autor para transmitir os seus cumprimentos à Sra. Lobb.

ISTO AUGURA BEM PARA OS QUE SOFREM,

o facto de os círculos privados no lar se estarem a tornar tão frequentes como os "chás das cinco". Daqui a pouco tempo, os nossos amigos que partiram do outro lado aparecerão ocasionalmente, e uma das crianças que por acaso esteja presente gritará: "Pai, a mãe chegou; despacha-te, ela não pode ficar muito tempo."

Sim, o Mundo Espiritual está ocupado a remover todo o nervosismo, e as visitas do outro mundo serão mais frequentes do que as dos nossos amigos mais próximos na terra. A linguagem falha ao descrever a alegria sagrada dos encontros ocasionais com aqueles que passaram adiante apenas um pouco antes de nós.

"Não te queixes de que o caminho é longo e a estrada é cansativa, que conduz à Luz e ao Amor, mas deixa o anjo tomar a tua mão e guiar-te pela escadaria enevoada. Com o coração a bater, aguarda a abertura do Portão Dourado."

OS NOSSOS QUERIDOS PERDIDOS ESTÃO AINDA CONNOSCO

"Não posso sentir que estás longe, Visto que perto, na necessidade, os anjos estão: E quando os portões do pôr do sol se abrirem Não te verei à espera, E branca contra a estrela da tarde, A boa-vinda da tua mão que acena?" WHITTIER.

Os nossos queridos perdidos não estão separados de nós por uma barreira intransponível. A ideia ortodoxa, mas falsa, é que os falecidos estão em alguma localidade ou esfera remota, de onde estão para sempre impedidos de ter mais visão e conhecimento terrenos.

Os espíritos vivem na terra enquanto os seus corpos são capazes de desempenhar as funções da vida terrena. Porque não deveriam eles continuar a sentir interesse pelas velhas associações? Uma criança espiritual, através de um médium, falou assim: "Uma mãe disse que, se pudesse apenas saber que os seus queridos não a esquecem no céu, poderia reconciliar-se com a sua separação deles. Enquanto houver alguém que os ame aqui, enquanto isso eles estarão perto. A Mãe não precisa de ter medo de que a tenhamos esquecido."

Aqui estão as palavras de outro espírito do mundo invisível: "Aqueles que passaram desta vida terrena encontram o seu céu mais elevado, talvez, ao regressarem à terra e pregarem aos mortais que mal conseguem espreitar além do véu. Eles vêm demonstrar o facto de que não há morte e dar um vislumbre da terra de verão."

VISLUMBRES DAS ESFERAS IMORTAIS

"Não tens vislumbres, no crepúsculo aqui, De montanhas onde a manhã imortal prevalece?" BRYANT.

Olhos clarividentes tiveram vislumbres das esferas imortais, e as suas glórias imperecíveis foram tão reais como são as coisas materiais da terra. Sim, é um mundo real, substancial, no qual as vossas necessidades eternas serão supridas. O olho fica ali encantado com paisagens adoráveis, embelezadas com habitações belíssimas, em torno das quais se agrupam flores e arbustos, enchendo o ar com a sua fragrância.

Existem montanhas cujas encostas e cumes são banhados pela luz de um sol dourado. Vales percorridos por riachos prateados e revestidos com a mais rica verdura. Rios cujas superfícies refletem a pureza dos céus acima deles, bordejados por margens relvadas e floridas, e cujas águas cristalinas murmuram musicalmente o seu sentido de AMOR INFINITO.

Brisas suaves refrescam o rosto, e o fôlego da atmosfera exilará a alma. Há céus de azul celestial, nos quais flutuam nuvens de lã, resplandecentes com brilho e variados matizes de um sol que sobre os seres felizes abaixo derrama uma luz rica e suave. Pássaros da mais rica plumagem gorjeiam a sua mais doce melodia. Crianças belas estão ocupadas nos seus divertimentos, as suas vozes musicais com alegria inocente, acompanhadas por multidões de idade adulta de ambos os sexos que bebem as belezas

arrebatadoras ao seu redor, enquanto cada fôlego é uma oração de agradecimento ao Pai amoroso que tão generosamente providenciou para a sua felicidade eterna.

Essa terra gloriosa é o destino de todos. Alguns merecem-na através de boas ações realizadas; alguns através de muita tribulação e sofrimento, outros através da influência purificadora do arrependimento, mas para todos ela há de ser um Lar real, glorioso e feliz.

A FASE DA VIDA ERRADAMENTE CHAMADA MORTE

ESSA fase da vida que é erradamente chamada "morte" não é senão uma alteração nos ambientes da alma na sua experiência eterna. Este evento na vida imortal da alma foi sempre — ao longo de toda a história da humanidade — não apenas injustamente magnificado e exagerado, mas foi também cercado, para fins sacerdotais, de horrores revoltantes, causando medo e pavor em relação a esta mudança natural de condições, enquanto na realidade o espírito, através desta mudança benéfica, foi simplesmente libertado daquilo que tendia a retardar o seu progresso espiritual.

Sobre as dúvidas e o terror com que esta mudança natural e bela foi investida, o Sacerdotalismo ergueu uma superestrutura que tem sido um seminário pernicioso para nutrir e propagar a ignorância crassa e o falso medo pertencentes àquilo que é na realidade uma gloriosa transformação. Pode ser que, no ato da transformação, se sofra dor até um certo limite, mas na maioria das instâncias não é assim. Quando a dor ocorre, ela resultou do desrespeito do homem pelas leis naturais.

OS MORTOS NÃO SE FORAM PARA LONGE

"Tal como, após a morte, os nossos Perdidos se tornam os nossos Mais Queridos Assim, após a morte, os nossos Perdidos tornam-se os mais próximos: Eles não estão perdidos em mundos distantes acima: Eles são o nosso elo mais próximo no próprio amor de Deus — Os apertos de mão humanos do Infinito, Que unem vida à vida, espírito ao espírito." GERALD MASSEY.

Os chamados mortos não se foram para longe. Eles não foram transportados para uma distância tal que o seu interesse e amor por nós tenham sido interrompidos ou intercetados. Aqueles que eram caros um ao outro, continuam a ser caros, e assim permanecerão.

Eles não estão a dormir, aguardando uma convocação pela trombeta do Arcanjo, pois a trombeta já soou para eles. Eles não se erguerão da sepultura pois nunca foram para a sepultura. Os seus corpos não eram eles, mas deles.

Daqui para o Mundo Espiritual é apenas um passo, e aqueles que deram o passo podem também dar o passo de volta. A alma libertada de um corpo carnal pode fazer o que uma alma sobrecarregada com um corpo não pode fazer. O Mundo Espiritual é um

facto literal. Está por todo o lado à nossa volta, e não há clamor que suba da miséria terrena que não seja ali ouvido, e não há um ente querido que tenha partido que não ache possível regressar para influenciar e ajudar em algum grau aqueles deixados para trás. Se nós temos o poder de pensar neles, eles certamente têm um poder igual de pensar em nós, e embora, aprisionados neste tabernáculo de carne, não possamos visitá-los, eles não têm tal impedimento.

O MINISTÉRIO DOS MORTOS

"Não são eles todos espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?" — Heb. i, 14.

O principal cuidado e os esforços mais oficiosos destes espíritos benditos são empregados sobre a melhor parte, a alma — na instilação de bons movimentos, iluminando o entendimento, repelindo tentações, promovendo as nossas oportunidades de bem, prevenindo ocasiões de pecado, confortando as nossas tristezas; avivando a nossa apatia, encorajando a nossa fraqueza; e, finalmente, após toda a assistência cuidadosa aqui em baixo, conduzindo as almas ao seu cuidado para a sua glória, e apresentando-as às mãos do seu fiel Criador — BISPO HALL.

MISSIONÁRIOS NAS ESFERAS INFERIORES

Bandos de espíritos abnegados, que conquistaram para si mesmos uma esfera superior de serviço, assistem as almas ligadas à terra nas regiões sombrias. Os anjos em forma humana pertencentes às várias seitas, e outros, cujas vidas são passadas aqui a atender às necessidades dos seus semelhantes mortais nos pátios e ruelas, nas casas dos pobres que lutam, continuarão o seu trabalho abençoado no Mundo Espiritual.

Ministros, filantropos e outros terão pleno alcance para os seus trabalhos amorosos e simpáticos. O céu não é um lugar onde os mortos santificados "Se sentam e cantam até à felicidade eterna." Não, é uma esfera de serviço ativo para despertar almas adormecidas ligadas à terra, ajudando os subdesenvolvidos e impulsionando-os para a frente e para cima, para a Luz e para o Amor.

Aqui estão os “Ensinamentos Espirituais” daquele exaltado guia do Sr. Stainton Moses sobre este assunto: “Nestas esferas eles devem permanecer sujeitos à tentativa de influência de espíritos missionários, até que o desejo de progresso seja renovado e se torne recetivo à influência sagrada e enobrecedora desses missionários abnegados. Através dos seus esforços, muitos espíritos ascendem, cumprem a sua provação e são removidos das suas redondezas sombrias e malignas. Tendes entre vós espíritos brilhantes e nobres, cuja missão é entre os antros de infâmia e refúgios do vício, que estão a preparar para si mesmos uma coroa de glória. Assim, entre nós, há espíritos que se entregam ao trabalho na esfera dos degradados.

A PRIMEIRA ESFERA, OS SEUS HABITANTES

Os espíritos que regressaram concordam que existem sete esferas, sendo a primeira delas a morada dos falecidos subdesenvolvidos, e situa-se perto da superfície da nossa terra.

Aqui, os espíritos ligados à terra mais grosseiros e degradados, desajustados para a sociedade dos bons, permanecem até adquirirem, em algum grau, aptidão antes de avançarem para a segunda. Até que esta mudança ocorra, eles são aprisionados por uma lei inexorável, e os piores entre eles encontram-se como associados de outros igualmente degradados como eles próprios; e tudo ao seu redor são objetos feios e repulsivos; em vão procuram conforto e prazer.

Nesta esfera de desolação e escuridão, homens e mulheres que, quando na terra, estavam absorvidos em prazeres materiais, vagueiam agora em miséria e pairam sobre as cenas da sua vida terrena, mas não encontram satisfação.

A MORADA DOS ESPÍRITOS LIGADOS À TERRA. —

A SUA VIDA MISERÁVEL

A morada dos espíritos ligados à terra é o grau mais baixo da primeira Esfera, que fica perto da superfície da nossa terra. Aqui estão os infernos, não o fogo literal, mas o sofrimento interior; o inferno está dentro de cada um.

Eis a linguagem de um amigo espírito que visitou esta Esfera: "Vi o malfeitor contorcer-se e colear, torcer e distorcer a sua forma espiritual como se estivesse sobre espigões; eles sentem a chama consumidora daquelas paixões que cultivaram quando estavam sobre a terra. Parecia comer as suas formas espirituais como uma doença faz na carne."

"Estes espíritos ligados à terra retêm muito da sua paixão e propensão terrena", diz o guia espiritual do Sr. Stainton Moses. "Os desejos do seu corpo não estão extintos, embora o poder de os satisfazer tenha sido retirado. O ébrio retém a sua velha sede, mas exagerada, agravada pela impossibilidade de a saciar. Ela queima dentro dele e impele-o a frequentar os refúgios dos seus velhos vícios, e a conduzir infelizes como ele a uma maior degradação. Neles, ele vive novamente a sua velha vida, e assim o seu vício

perpetua-se e aumenta a colheita de pecado e tristeza daqueles que ele consegue levar à ruína. O remédio é lento para tais seres, e só pode ser encontrado na elevação moral e material da raça, no crescimento gradual de um conhecimento mais puro e verdadeiro, na educação avançada, no seu sentido mais lato."

NÃO HÁ LOBOS EM PELE DE CORDEIRO NO MUNDO ESPIRITUAL

NÃO existem lobos em pele de cordeiro no Mundo Espiritual. Quando a mudança chamada morte liberta o espírito do corpo físico, o homem ou a mulher revela o seu estado moral real. O injusto, o impuro, o fingido, o cristão de domingo, entram na vida espiritual inalterados. O membro da igreja fica sobressaltado ao perceber que todo o seu verniz caiu e que o seu carácter real, o seu eu interior, é visível para todos.

Aqui, um homem pode assumir o polimento de um mestre de dança francês e insinuar-se na vida familiar pura e culta, e muito em breve quebrar o coração dos pais de uma bela rapariga. Aqui, o financeiro hábil e suave, através da sua lábia, pode apoderar-se das poupanças de uma vida inteira dos incautos.

O que aumenta a humilhação dos mortos ao deixarem o corpo é que não há esconderijo; eles são vistos e o seu verdadeiro estado moral é conhecido por todos os seus antigos e novos meios; sim, e eles têm consciência disso. Por isso, sentem-se gratos por se retirarem para o seu "próprio lugar", onde vagueiam em trevas lamentando a sua sorte, pensando que foram abandonados tanto por Deus como pelo homem. Mas eles não estão esquecidos. Seres ministradores, missionários seguem-nos.

UMA VISITA DE GRACE DARLING

O SEU TRABALHO APÓS A MORTE

Entre os Amigos Espirituais que ocasionalmente nos visitam está Grace Darling, a "Amiga dos Marinheiros". Ela fala do seu bando de ajudantes espirituais e do seu trabalho entre os marinheiros, e das muitas vidas frequentemente salvas de afogamento.

Esta heroína nasceu em 1815 e passou para a vida espiritual em 1842. Era filha do guarda do farol nas Ilhas Fern, perto do Castelo de Bamborough. Em setembro de 1838, o "Forfarshire" foi contra as rochas e, com o seu pai, ela conseguiu resgatar nove membros da tripulação. Ela continua o trabalho da sua vida terrena. Grace Darling

continua a ser a "Amiga dos Marinheiros"; ela está à frente de um bando de trabalhadores angélicos, vigiando e ajudando aqueles que se ocupam no mar profundo.

Ela informa-nos que a vida natural dos homens do mar torna-os suscetíveis a impressões psíquicas, e eles são frequentemente usados pelos espíritos como médiuns para garantir a segurança das embarcações e no salvamento de vidas. Muitas vidas valiosas seriam perdidas e navios afundados, não fossem as sugestões oportunas de Grace Darling e do seu bando de ajudantes invisíveis.

"Por que razão deveríamos duvidar que esses seres amigos e abençoados tenham prazer em exercer a sua boa vontade para com os homens através de muitos bons ofícios, tanto visíveis como invisíveis?" — Rev. T. Hartley.

NAUFRÁGIOS E CATÁSTROFES EVITADOS POR ESPÍRITOS

É possível aos membros do bando de ajudantes espirituais evitar catástrofes iminentes, diz o Sr. Leadbeater no seu livro "Invisible Helpers". Em mais do que um caso, quando o capitão de um navio foi levado, sem suspeitar, para longe do seu curso por alguma corrente desconhecida ou através de algum erro de cálculo, e correu assim sério perigo, foi possível evitar o naufrágio imprimindo repetidamente na sua mente o sentimento de que algo estava errado; e, embora isto chegue geralmente ao cérebro do capitão apenas como uma vaga intuição de aviso, se ocorrer repetidamente, é quase certo que ele lhe dê alguma atenção e tome as precauções que se lhe sugiram.

Nenhum acidente, catástrofe ou problema acontece sem que um aviso prévio seja dado, seja por impressão ou sonhos, pelos vigilantes espirituais. Relativamente ao alargamento da Ponte de Blackfriars, que está agora a ser executado, todos os detalhes do infeliz acidente pelo qual houve perda de vida foram na realidade vistos numa visão, na noite anterior, por um dos trabalhadores. De vez em quando, estas impressões e avisos são publicados na imprensa diária.

COMO OS NAUFRAGADOS SÃO AJUDADOS NA MORTE

POR UM ESPÍRITO

"Lembras-te daquele vapor que se afundou no ciclone no final de novembro de 1907? Dirigi-me à cabina onde cerca de uma dúzia de mulheres tinham sido fechadas, e encontrei-as a lamentarem-se da maneira mais piedosa, soluçando e gemendo de medo. O navio tinha de se afundar — nenhum auxílio era possível — e sair do mundo neste estado de terror frenético é a pior maneira possível de entrar no próximo. Assim, para as acalmar, materializei-me e, claro, elas pensaram que eu era um anjo, pobres almas; todas caíram de joelhos e imploraram-me que as salvasse, e uma pobre mãe empurrou o seu bebé para os meus braços, implorando-me que salvasse pelo menos aquele.

Elas logo se tornaram quietas e compostas enquanto conversávamos, e o pequeno bebé adormeceu a sorrir; e em breve todas adormeceram pacificamente, e eu preenchi as suas mentes com pensamentos do mundo celestial, de modo que não acordaram quando o navio deu o seu mergulho final para baixo. Desci com elas para garantir que dormissem durante os últimos momentos e elas nunca se mexeram enquanto o seu sono se tornava morte."

A EXPERIÊNCIA DE UMA INFELIZ NO MUNDO ESPIRITUAL

EU TINHA contado vinte e sete anos na terra. Quando acordei pela primeira vez para a consciência no mundo espiritual, fiquei terrivelmente assustada. Uma meia-fé num Deus vingativo trouxe trevas à minha alma, e como um panorama surgiram diante de mim os incidentes da minha vida terrena. Eles eram sombrios e, ao contemplá-los, eu não podia senão esperar, de acordo com o ensino ortodoxo, ser consignada a tormentos infindáveis.

Mas um espírito brilhante veio ter comigo, e as suas palavras foram estas: — "Filha da tristeza terrena, eleva a tua alma a Deus, que Ama; Deus é Amor. Não temas, pois as trevas estão atrás de ti, e não à tua frente."

A partir desse momento, comecei a sacudir as trevas, e a caminhar para a luz gloriosa, e a tentar ser boa, e a fazer o bem, ajudando outros ao meu redor que estavam em trevas. Todos pareciam ajudar-me. Não havia sombras lançadas no meu caminho. Não era assim na terra. À minha querida mãe eu diria: "Não chores pelo triste término de uma existência terrena. Embora eu tenha partido nas trevas, encontrei corações amorosos."

[Muitos outros que regressaram testemunharam ter recebido assistência semelhante das mãos de ajudantes espirituais simpatizantes. — ED.]

O TRAIDOR E A TRAÍDA NA VIDA ESPIRITUAL

POR UM ESPÍRITO

Vi uma rapariga justa e bela, que fora traída e arruinada, passar para a vida espiritual. Ela fora levada pela falta de simpatia para os refúgios do vício, onde nenhuma mão piedosa lhe fora estendida. Quando os seus olhos se abriram para o cenário da existência espiritual, um olhar de maravilha, espanto e alegria serena

perpassou pelo seu semblante castigado pela dor, e o seu rosto pálido iluminou-se com um sorriso, pois ela detestava a vida que fora compelida a levar.

Reunidos em volta da sua alma libertada estavam os brilhantes anjos ministradores para a conduzirem ao seu lugar para receber as suas atenções. A mudança da aflição e da vergonha para o brilho e a companhia dos anjos foi de facto grande. Ela, a outrora inocente e doce rapariga, a alegria e o orgulho dos seus extremosos pais, depois excluída da sociedade, evitada por aqueles que consideravam "uma honra serem associados a ela", mas ela que tinha, ai de mim!, sido traída por um "oficial de confiança e muito respeitado" de uma igreja cristã, e apressada pela tísica para uma sepultura prematura, na manhã do seu dia. As redondezas luminosas alteradas pareceram-lhe, no início, para a sua alma ressuscitada, como um sonho.

Quão diferente é o julgamento do mundo dos anjos comparado com o vosso. Nós, deste lado, julgamos tendo em conta todas as circunstâncias antecedentes; vós, a partir do que vedes.

O TRAIDOR E A SUA VÍTIMA NO MUNDO ESPIRITUAL

Mais tarde, vi o seu traidor passar para a vida espiritual; ele, também, foi recebido pelos bons anjos (como o são todos os bons e os maus). Na sua sepultura, reuniu-se um bom número de amigos cristãos; todas as observações elogiosas saídas dos lábios do ministro oficiante foram muito apreciadas e endossadas. Se eles pudessem ter visto o encontro do "muito respeitado irmão que passara para os reinos da luz" face a face com a sua vítima no mundo espiritual, o serviço teria sido abreviado.

Sim, o traidor estava face a face com a sua vítima. As palavras falham ao transmitir às vossas mentes o remorso agudo e profundo do culpado traidor. No entanto, não havia no seu porte gentil nada de escárnio, ou de desprezo, ou acusação. Mas foi como se um fogo causticante tivesse passado pela sua alma angustiada. Repetidamente, com poder redobrado, rolaram as ondas de tristeza e humilhação.

Não houve progressão, nem luz, nem paz para ele até que tivesse passado por uma longa experiência retributiva. A alma radiante dela era demasiado pura e brilhante para que ele permanecesse e, assim, esgueirando-se, ele foi para o seu próprio lugar para trabalhar pela sua própria salvação.

[Os participantes em círculos atestarão como frequentemente os corpos dos médiuns são usados por aqueles que prejudicaram os seus semelhantes na terra para comunicarem com eles. Não há fuga, nem paz, nem progressão possível, até que o perdão seja obtido, seja aqui ou no além. — ED.]

JUSTIÇA DISTRIBUÍDA NO MUNDO ESPIRITUAL

No meu quarto, no centro de um grupo, estava um espírito vestido de branco, segurando na sua mão direita balanças equilibradas, com as seguintes palavras em letras luminosas: "A justiça é distribuída a todos aqui." Nenhuma alma sofre pelas indiscrições dos antepassados. Aqui, homens e mulheres são julgados erradamente, a partir de um conhecimento imperfeito de todos os factos. O mundo espiritual julga com todas as máculas ancestrais perante si, e a lei do dote hereditário é tida em conta, juntamente com as fases iniciais da vida.

A ENTRADA DA INFELIZ NA VIDA ESPIRITUAL

Aquele que entre vós está sem pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra. — JESUS DE NAZARÉ, S. João viii. 7.

AS pobres infelizes entram na vida espiritual totalmente desamparadas. As suas almas tornaram-se tão viciadas e exaustas que é apenas através dos ministrantes angélicos que as suas energias espirituais são despertadas. Muitas delas tornaram-se tão endurecidas no pecado que recusam todos os esforços dos seus benevolentes missionários. Evitadas e sem piedade na sua vida terrena, perderam toda a esperança.

Enquanto algumas ascendem rapidamente, outras permanecem impenitentes durante muito tempo, resistindo a toda a simpatia amorosa e ministério dos seus anjos da guarda. Crianças vestidas de branco das esferas superiores são trazidas para as atender com cânticos doces, pelos quais são frequentemente despertadas; o remorso e a reforma seguem-se rapidamente, e "há alegria no céu entre os anjos de Deus por um pecador que se arrepende". Estas degeneradas reformadas são então ligadas a bandos de missionários para trabalharem entre as suas irmãs caídas, tanto no mundo espiritual como no plano terreno.

O DESPERTAR DO SONO APÓS A MORTE

Para o espírito que acaba de despertar para as realidades da vida espiritual, existem sensações e emoções tão indescritíveis quanto novas. Quão estranhos são os seus pensamentos e sentimentos. O laço espiritual que ligava a matéria é cortado, o elo de vida está quebrado, o espírito liberto está a desenvencilhar-se dos seus entraves terrenos. Ali jaz o corpo estendido na morte. Quão diferente do espírito que flutua sobre ele, ainda inconsciente, ainda incapaz de pensar, mas acabado de nascer para a vida das esferas.

Enquanto flutua sobre o corpo que foi até há pouco o seu lugar de permanência, chegam até ele, atraídos pelos seus afetos ou pelos seus deveres, espíritos brilhantes possuindo forma e figura, belos além de qualquer pensamento. Eles apoiam amorosamente esta criança-espírito até que ela recupere a sua consciência e abra os seus olhos para as glórias do novo mundo. Aos espíritos, quando acordam, não é permitido falar muito; os amigos anjos a cujo cargo estão guiam-nos para o seu próprio lugar, onde ficam sob o seu ensino durante algum tempo, a menos que prefiram permanecer nas suas velhas cenas e associações, no plano terreno.

RETROSPETIVA DE UMA VIÚVA SOBRE A SUA VIDA TERRENA

Solitária enquanto subia os caminhos selvagens e rochosos da vossa terra, sombria era a minha vida, como se a batalha feroz fosse necessária à existência. Nenhuma flor adornava o meu caminho, nenhuma! Desde a minha infância, o meu foi um caminho áspero e espinhoso, e na altura parecia tão difícil que eu tivesse sido compelida a demorar-me ali tanto tempo.

Enquanto eu, pobre e miserável criatura, ia obtendo uma subsistência precária, via diariamente aqueles que eram dotados com os dons mais ricos de Deus, adornados com flores, beleza, riqueza e exibição. Finalmente, tateando e rastejando na minha melancolia ao longo da terra, encontrei um em cujo apoio me podia apoiar, que prometeu trabalhar para mim. Ele foi bondoso para mim, e amou e acarinhou os pequeninos que Deus subsequentemente nos deu.

Mas ele foi levado, e então, no meu desespero total, com o meu cérebro a fervilhar e a contorcer-se, quase pensei que cometeria suicídio. Amaldiçoei o meu Deus que o levou, mas agora sei que Deus está cheio de amor. O invólucro de tudo o que me era tão caro, colocaram-no numa caixa comum e enterraram-no a alguns pés abaixo do solo. O meu coração, a minha própria alma, a minha vida pareciam esvair-se.

Depois contemplei os meus filhos a partirem um por um, aqueles pequeninos de quem ele tanto gostava, e fui deixada sem dinheiro, sem ajuda, sem perspetivas no mundo, deixada a lutar na miséria sozinha. Finalmente senti uma sensação doce e agradável, senti-a chegar como o alvorecer de uma outra vida. Fui obrigada a reclinar-me sobre a minha cama; foi um momento feliz e, por estranho que pareça! não sei dizer como passei da morte para a vida.

OS MORTOS NO CAMPO DE BATALHA

DURANTE uma das minhas digressões de conferências em Stockport, Lancs., fui hóspede do Dr. Gallagher, então no seu octogésimo segundo ano. Ele recordou algumas das cenas no campo de batalha na guerra americana em 1863. O Dr. J. M. Peebles, aquele veterano na causa do Espiritualismo, era o Capelão do mesmo Batalhão, e o meu anfitrião era o oficial médico.

O Dr. G. disse que era de facto uma visão estranha ver as formas espirituais dos mortos enfrentarem-se, como se estivessem no calor do conflito feroz, com os seus corpos jazendo imóveis na morte, mas eles, os espíritos, investindo uns contra os outros sem efeito. Finalmente, conduzidos por assistentes angélicos, deixaram os seus corpos para serem enterrados pelos seus camaradas sobreviventes.

Eis a experiência de um morto em batalha: «Eu tinha caído. Onde e como fora ferido, não sabia dizer. Ouvi as vozes roucas de COMBATENTES FIEROZES; eles tinham tomado posição diretamente sobre onde eu jazia. Lá vinham eles, enlouquecidos e temerários pelo espírito da guerra. Os cavalos de patas de ferro estavam sobre mim, quase, mas não — passaram por mim; mas agora as rodas terríveis aproximavam-se. Vi-as chegar; uma estava diretamente sobre os meus olhos. Tudo era silêncio perfeito. Os sons da guerra estavam todos calados, pois nada senti, ouvi ou vi.

Desde então, tenho observado o advento de muitos espíritos no campo de batalha. Alguns erguem-se do corpo perfeitamente atordoados, outros cheios de um ódio indescritível. Observei uma vez dois homens, um do norte e outro do sul, investirem com baionetas e matarem-se mutuamente. Enquanto ascendiam a esta esfera, ficaram a lançar olhares de ódio um ao outro, mas, por instinto espiritual instantâneo, percebendo que nos seus corpos imortais já não podiam ferir-se um ao outro, afastaram-se lentamente.»

COMO A MORTE SÚBITA AFETA A ALMA

HÁ boas razões, de uma forma geral, para a oração da Igreja: «De morte súbita, livrai-nos, bom Senhor.» Quando um homem vive a sua vida até à velhice, a maioria dos seus desejos inferiores estão naturalmente desgastados e postos de lado mesmo antes de ele deixar o corpo, e há consequentemente muito menos a ser feito na vida espiritual.

Uma doença longa produz frequentemente o mesmo efeito, mas o homem que morre subitamente, no pleno vigor da juventude, encontra-se num caso muito diferente. Nele, os desejos são fortes e ativos e, por isso, mantendo-se o resto igual, é provável que tenha uma vida astral muito mais longa. Em alguns casos, o homem que é subitamente lançado para fora da vida física permanece por muito tempo inconsciente num sono. Regra geral, depende largamente de como ele viveu. A maioria dos jovens, por exemplo, teria nos seus corpos astrais uma boa dose da matéria mais baixa do plano terrestre; contudo, se tivessem aprendido a tempo a manter sob controlo desejos de vários tipos, recuperariam e progrediriam mais cedo.

A CONDIÇÃO DA ALMA CUJO CORPO FOI FEITO EM PEDAÇOS

POR UM ESPÍRITO

«Como passa um espírito cujo corpo foi feito em pedaços?»

Ele demora-se com as partículas do corpo por um breve espaço de tempo, momento em que as suas partes saem e, com grande rapidez, amalgamam-se até que toda a estrutura se torne perfeita. Tal espírito requer assistência cuidadosa, após ter sido submetido a tal morte.

Ele abre os olhos para a sua nova existência como uma pessoa no vosso planeta o faz quando é subitamente despertada de um sono profundo de duração prolongada. Parece espantado e olha ao redor em admiração. Não há dor associada a UMA MORTE SÚBITA; o espírito sofre posteriormente, mas o corpo não sofre dor no momento da dissolução.

Vi cada nervo e tendão, cada veia e fibra do espírito recém-nascido vibrar como eletricidade quando a luz do mundo espiritual alvorecia sobre ele. Vi-os vibrar de uma maneira algo semelhante às luzes do norte e do sul que designais por «Auroras». Vi a forma, à medida que começava a funcionar e a sustentar a existência espiritual, afastar gradualmente aquela aura que lhe era imprópria. O espírito de um tal ser sentirá também uma dificuldade em respirar ao primeiro alvorecer da vida espiritual; ele pensa naturalmente que está a acordar para a sua antiga vida terrena e tenta respirar rapidamente, como faz uma pessoa imediatamente após ter recuperado os sentidos dos efeitos de um estupor súbito. «De morte súbita, livrai-nos, bom Senhor.»

VIDA E TRABALHO NO MUNDO ESPIRITUAL

POR UM ESPÍRITO

Após o espírito ter chegado ao seu próprio lugar, para onde as suas afinidades o dirigiram, ele fica sob a lei pertencente à comunidade em que entra. É-lhe providenciada uma residência, mas é-lhe exigido que preste serviço comum a todos; contudo, apenas uma parte do seu tempo é dedicada a esse propósito, sendo que se ocupa noutras atividades, tais como a aquisição de conhecimento com tutores especialmente designados e em contribuir para a felicidade de outros na sua esfera. Proporcionalmente ao seu serviço abnegado pelos outros, assim são o seu avanço e progresso, e mais refinado e refulgente ele se torna.

Não é a menor das ocupações na vida espiritual a de visitar amigos na esfera a que pertencem, ou na esfera abaixo deles. As visitas mais longas são as que fazem aos seus amigos na terra. Quando visitam um parente ou amigo doente, ficam o tempo que for consistente com os seus sentimentos ou com o estado da doença. E quando ocorre a morte, juntam-se ao bando de espíritos designados para receber a alma libertada do corpo.

O SUICIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

POR UM ESPÍRITO

Vós, que estais cansados da vida terrena e sois tentados a introduzir-vos não chamados na Eternidade: invoco-vos a parar e a contemplar a crise terrível à qual a cedência a essa tentação vos levaria. Pois nessas esferas além — nessas terras incomensuráveis — vi aqueles que partiram pelas suas próprias mãos, que entraram nessas fronteiras como estranhos, despercebidos e não acolhidos. Eles estão desprovidos de um único pensamento enriquecedor que brilhe nas suas mentes; veem o presente sombrio. Aspirações contínuas pelo bem, combinadas com a mão suavizadora do tempo, são necessárias para os transferir para um estado mais brilhante; eles foram os arquitetos do seu próprio destino; escolheram as suas próprias recompensas, e grande é a sua dor e remorso.

Que poder terrível parece controlar aqueles que romperam violentamente os laços que uniam os seus espíritos à sua habitação mortal! Sombrio e lúgubre, de facto, é o advento na vida espiritual daquele que fez esse advento como um suicida, tendo assim usurpado a prerrogativa d'Aquele que deu essa vida por um tempo definido e para um propósito sábio além do conhecimento do homem.

[Grande tem sido a dor e o remorso de suicidas que se manifestaram em círculos onde me sentei. O tempo estipulado da vida humana cortado prematuramente tem de ser expiado na vida espiritual. E lento, de facto, é o progresso daqueles que assim encurtaram a sua existência terrena. — ED.]

O SUICIDA: COMO ELE PASSA APÓS A MORTE

POR UM ESPÍRITO

Ele levantou mãos sacrílegas contra o santuário no qual o Todo-Sábio colocara o seu espírito para o seu progresso e desenvolvimento. Desperdiçou oportunidades e destruiu, tanto quanto lhe foi possível, o templo no qual habitava a centelha Divina, que era a sua porção. Enviou o seu espírito sozinho e sem amigos para um mundo estranho, onde nenhum lugar estava ainda preparado para ele.

Impiamente voou contra o rosto do Grande Pai. Ímpio, desobediente, obstinado na sua morte; descuidado, ocioso, egoísta na sua vida, e ainda mais egoísta ao trazer dor e tristeza aos seus amigos terrenos pela sua morte prematura. A vida miserável e desperdiçada clama por vingança. O egoísmo cultivado domina-o ainda e fá-lo sentir-se inquieto. Egoísta na sua vida e egoísta no seu fim terreno, ele continua egoísta. Miserável, cego e subdesenvolvido, não há descanso para alguém como ele até que o arrependimento tenha tido o seu lugar e o remorso leve à regeneração. Este não foi um dos casos em que condições hereditárias de doença tornaram um espírito inapto para o julgamento e ação correta. O suicídio foi o resultado do ocioso egoísta.

A lei da existência é o trabalho para Deus, para os irmãos, não para um só, mas para todos. Transgrida-se essa lei, e o mal deve advir. Em aparente crueldade, os espíritos ministradores esforçaram-se por incutir a sua culpa. Apenas através do portal do remorso poderia o espírito tatear cegamente por descanso à custa da dor e, assim, por um esforço de energia desesperada, lutar para subir até à luz e à purificação.

A ENTRADA DO ÉBRIO NA VIDA ESPIRITUAL

POR UM ESPÍRITO

A entrada do ébrio na vida espiritual é uma visão lamentável. Ajudantes espirituais são especialmente designados para vigiar e esperar para receber a alma do pobre ébrio na morte. Sobre a sua alma estão as marcas do veneno insidioso. Os órgãos espirituais que deveriam estar vívidos e cintilantes, após a separação do espírito do corpo, jazem adormecidos. Uma nuvem como um manto pende em volta daquilo que deveria ter sido brilhante e lustroso. A alma está comprimida e contraída.

Ele acorda; «Bebida, bebida, bebida» é o seu grito, mas não há bebida para dar força motriz à sua organização espiritual. O tempo e os ministrantes angélicos apenas o desabituarão do aviltamento e do repouso, antes que ele possa ir para a esfera que deve ocupar, para desenvolvimento e progresso.

[Olhos clarividentes presentes na cena da morte do ébrio veem os fumos e os vapores do álcool a subir em chamas de diferentes cores que mantiveram a organização

em tortura, e a treva espessa a descer sobre a alma prestes a ser lançada na vida espiritual. — ED.]

SIR OLIVER LODGE, F.R.S.,

SOBRE MENSAGENS DOS MORTOS

«A fronteira entre os dois estados — o presente e o futuro — é ainda substancial, mas está a tornar-se fina em alguns lugares; e, como escavadores envolvidos na perfuração de um túnel a partir de extremidades opostas, por entre o rugir da água e outros ruídos, começamos a ouvir de vez em quando as batidas das picaretas dos nossos camaradas do outro lado.»

Na frase acima, Sir Oliver Lodge, o reitor da Universidade de Birmingham, num artigo sobre «Automatismo e Possessão», lido perante a Sociedade de Pesquisas Psíquicas a 20 de janeiro de 1908, resumiu algumas investigações notáveis, nas quais se afirma ter sido estabelecida comunicação entre os mortos e os vivos.

O discurso de Sir Oliver, que na altura foi amplamente reproduzido na imprensa, sobressaltou círculos científicos e ortodoxos como se uma nova descoberta tivesse sido feita. Os espiritualistas sorriram com a agitação que causou.

O Professor James Hyslop, quando entrevistado com referência às afirmações de Sir Oliver Lodge, disse francamente: «Eu próprio recebi mensagens através da Sra. Piper. Apenas pessoas ignorantes duvidam agora que a Sra. Piper, e outros como ela, podem comunicar com o mundo espiritual. Richard Hodgson estabeleceu a sua identidade há vários anos através de médiuns. Edmund Gurney deu-se a conhecer através de médiuns já em 1889. Falei com Hodgson eu próprio e, quanto a Frederic Myers, ora, falei com ele ainda ontem.»

A afirmação do Professor Hyslop de que «apenas pessoas ignorantes agora duvidam» é uma forma nítida e contundente de colocar as questões. O editorial do *Daily Mail* sobre o discurso de Sir Oliver conclui dizendo que «a crença universal das raças superiores numa vida futura não pode ser sumariamente descartada; ela encontra-nos nos túmulos egípcios e nos mistérios gregos; é a pedra angular do Cristianismo.»

«Ousarei eu dizer Que espírito algum quebrou o laço Que o detém da terra natal, Onde primeiro caminhou envolto em argila?» TENNYSON.

O MUNDO ESPIRITUAL

POR UM ESPÍRITO

O mundo espiritual é todo esse reino de existência no qual o espírito vive, pensa, move-se e tem o seu ser. Consequentemente, vós estais no mundo espiritual.

A realidade do mundo espiritual é provada pelo facto de os habitantes desse mundo terem, em vários períodos da história mundial, visitado esta terra, falado com mortais, se terem revelado em forma real e conversado livremente com eles. Estes factos foram agora sistematizados para formar uma filosofia e ciência, e declara-se que existem certas leis pelas quais os habitantes da vossa terra podem manter comunhão com o mundo espiritual.

A ciência demonstrou que o mundo espiritual é composto por elementos ou substâncias subtis tão tangíveis para o espírito como a vossa terra o é para vós, que a sua região existe em conformidade com as leis da Natureza e corresponde à esfera terrena precisamente na proporção do estado avançado da vida espiritual; que o mundo não está muito afastado, mas que pode estar na atmosfera que agora respirais, que pode estar até na aura que rodeia a vossa terra, que permeia o espaço e preenche todos os interstícios entre os planetas. «Mas», dizeis vós, «nós não o vemos», tal como não vedes o ar que respirais.

Nem vedes a eletricidade a menos que entre em contacto com materiais mais grosseiros, nem vedes os materiais mais grosseiros do ar. As divisões em que habitais estão preenchidas com inúmeras substâncias que não tendes a capacidade de ver e, no entanto, se fossem removidas, a vossa morte física adviria.

A ALMA NUA FORA DO CORPO

«"Os espíritos dos homens justos tornados perfeitos", libertos dos grilhões do corpo animal grosseiro, e agora algures nesse universo sem limites no qual esta terra não passa de uma minúscula partícula, fazendo a vontade de Deus como ansiavam fazê-lo na terra, com luz mais clara, fé mais plena, amor mais profundo, poderes de utilidade mais poderosos. Ah, que fôssemos como eles!» — CHARLES KINGSLEY.

«Eles, que são como os anjos de Deus no Céu, ainda não podem ser concebidos como tão assimilados que as suas diferentes experiências e afetos sobre a terra sejam então esquecidos e sem efeito.» — RUSKIN.

Quando a alma deixa o corpo, está no primeiro momento completamente despida, como ao nascer — diz «Julia», no *Borderland* do Sr. W. T. Stead. O corpo espiritual desprendido do corpo físico está consciente — pelo menos eu estive, quase desde o primeiro instante. Acordei de pé ao lado do meu corpo morto, pensando que ainda estava viva e na minha estrutura física comum. Foi apenas quando vi o cadáver na cama que soube que algo tinha acontecido!

Quando o pensamento da nudez atravessa o espírito, surge o vestuário de que necessitais. A ideia connosco é criativa. Nós pensamos e a coisa é.

Não me recordo de ter vestido quaisquer vestes. Há apenas o sentido de necessidade, e a necessidade é suprida. Não, se eu pudesse voltar e viver nesta terra como costumava fazer, não o faria; seria tudo perda e nenhum ganho. Não há nada que

o corpo me pudesse dar que eu não desfrute agora, apenas de uma forma eterizada mas mais real, e muito do que desfruto agora eu perderia ao estar novamente no meu corpo.

OS OCIOSOS E EGOÍSTAS APÓS A MORTE

Os ociosos e egoístas após a morte passam por tempos sombrios e dolorosos. A mudança de tudo o que era agradável para algo pior do que a condição de um indigente é uma grande surpresa. Nenhuma palavra pode expressar o seu espanto e miséria. A sua vida terrena foi de autocomplacência; o seu pensamento absorvente era o EU. Nas palavras de Cristo: «Que comeremos? ou, Que beberemos? ou, Com que nos vestiremos?»

Campo, jardim e sossego, uma residência à beira-mar, um pavilhão de caça, a ópera, o teatro, um olhar ocasional em alguma igreja na manhã de domingo, seguido pelo desfile à saída da igreja, algumas subscrições para caridades públicas e um legado no testamento para uma instituição pública.

Tendo a sua vida terrena encurtada pela ociosidade e autocomplacência, passam para a vida espiritual anos antes do que deveriam, e ficam terrivelmente perplexos e angustiados com o que os rodeia. Alguns demoram-se sobre velhas associações, mas não obtêm satisfação; não conseguem fazer com que os seus amigos ouçam as suas queixas. Olhos clarividentes veem estes indigentes morais pairando sobre velhas cenas, salões de banquetes, etc. Esta é a penalidade inevitável de uma vida desperdiçada.

A esperança para estas almas ligadas à terra é algum trabalho benéfico. A todos os que regressam a mim, insto-os «a deitarem-se ao trabalho imediatamente». Remorso e trabalho desagradável. O egoísmo deve ser erradicado pelo sacrifício pessoal. A ociosidade deve ser extirpada pelo esforço laborioso. O espírito deve ser purificado pelo sofrimento. Este é o único caminho ascendente de progresso. Passo a passo, o caminho deve ser conquistado em tristeza e vergonha. Tal é a penalidade. Tal é a ajuda que os ministrantes podem dar e que não será negada. É a sua missão gloriosa guiar e ajudar os pobres espíritos.

FANATISMO SECTÁRIO

POR UM ESPÍRITO

Ao olharmos para o vosso mundo, encontramos vários tipos e condições de homens, alguns dos quais andam de cabeça erguida e lançam os seus olhos orgulhosos ainda mais alto, abrindo as suas bocas e condenando à perdição todos aqueles que não

têm as mesmas opiniões teológicas que eles; enquanto eles — envoltos nos seus mantos imaginários de FÉ impenetrável — trilham o único caminho verdadeiro — o caminho estreito que conduz ao seu céu contraído.

Oh! que zombaria — que vã zombaria — pensar que o Pai benéfico que difunde a Sua Luz tão imparcialmente: Cuja Glória ilumina todo o vosso ser: Cuja marca está impressa nas vossas almas, limitaria o usufruto do futuro a uma seita particular!

A beleza das colinas, bem como a dos vales, espelha as Suas dádivas, que são distribuídas para o benefício do pobre e humilde, bem como para o rico e orgulhoso. O sol brilha com a sua luz dourada tanto sobre o manso e humilde como sobre o altivo e supercílio.

Então, que pequena conceção — que conceção muito pequena, de facto (podeis repetir as palavras) — é alimentada por tais homens sobre o amor universal e ilimitado desse Ser que benevolamente governa mundos inumeráveis, entre os quais a terra aparece apenas como uma mera partícula. Esse Ser Omnipotente governa não com ira ou pela força, mas por um amor suave e gentil, que repousa sobre todos da mesma forma —

«Acima, ao redor, e até abaixo, O Seu amor prevalece por onde quer que vamos.»

PADRES E CREDOS

POR UM ESPÍRITO

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que fechais aos homens o reino dos Céus; e nem vós entrais, nem deixais entrar aos que estão entrando. — JESUS DE NAZARÉ, S. Mateus xxiii. 13.

Homens santos! Padres de Deus! chamais-lhes vós? Eles têm sido os zangões da colmeia humana, que se alimentaram dos sentimentos mais nobres do homem — o instinto da sua alma. Eles têm sido a pedra de tropeço para o progresso, pois aprisionaram o pensamento e a razão, e enviaram inúmeras almas para o Mundo Espiritual com uma mentira nos lábios e sem o menor conhecimento do seu destino.

Não satisfeitos em conduzir o homem ao desespero nesta vida, enviaram o seu espírito aterrorizado para as esferas, com anátemas agarrados a ele como uma coisa maldita. Terão eles dado uma ideia verdadeira de Deus? Pelo contrário; fizeram d'Ele um pseudo-deus, encenando uma farsa perante toda a criação. Ai de um mundo que se submeteria a ser guiado por homens que, enquanto afirmam compreender as leis de Deus, disseminaram os erros dos seus credos supersticiosos.

Oh, vós que vos podeis orgulhar da educação e do esclarecimento, cujos intelectos deveriam ser mais brilhantes que os dos vossos antepassados, será possível que tateeis assim tão obscuramente por entre as ruínas vacilantes que as eras passadas de ignorância e superstição deixaram no vosso caminho? Despertai para a luz da verdade e da razão, vós que, sob o feitiço da superstição, ainda dormis!

PROFESSORES DE TEOLOGIA NO MUNDO ESPIRITUAL

Os professores de teologia no Mundo Espiritual encontram-se numa situação triste e humilhante. Além do nevoeiro e das ilusões em que eles próprios se encontram, descobrem para seu despanto que os tratados de teologia que, a grande custo, prepararam e publicaram para uso dos estudantes que se preparam para o ministério, espalharam ideias falsas sobre Deus e a Sua vontade em relação à humanidade. Eis a experiência de um deles, agora no Mundo Espiritual: —

«Como habitante da Esfera Espiritual, as minhas visões desde que deixei a vida material mudaram essencialmente. Descobri ao entrar nesta vida que era obrigado a tornar-me um aprendiz daqueles que supus, enquanto estava no corpo, ser-lhes vastamente superior. Eles não tinham fardos para depor, não tendo visões religiosas dogmáticas nem ideias falsas das quais tivessem de ser libertados. Fui obrigado a recorrer a alguns deles para auxílio e assistência antes de me poder libertar das correntes pelas quais estava preso.»

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DO HOMEM MORTO

Geralmente, o homem morto tem dificuldade em perceber que está morto. «Onde estou?», dirá ele, «eu não estou morto, estou bem vivo, e melhor do que alguma vez estive antes.» Ele fica muitas vezes muito perplexo e aturdido. Vê o seu corpo sem vida jazendo imóvel, hirto e frio, e vê as lágrimas e ouve os suspiros dos seus amigos na câmara mortuária, e também os preparativos para o enterro do seu corpo.

Por vezes tenta falar com eles, mas eles não ouvem; toca-lhes, mas não lhes causa qualquer impressão. Muitas vezes o homem morto convencer-se-á de que está apenas a sonhar e que irá acordar brevemente. Quando o funeral termina, ouve a disputa sobre a propriedade deixada, que por vezes acaba num processo judicial. Cedo, porém, os amigos espirituais tornam claro que ele está morto; então ele fica inquieto.

Um velho amigo, cuja vida terrena foi irregular, para dizer o mínimo, apareceu-me pouco depois da sua morte e disse: «John, onde estou? Não sei onde estou.»

A MENSAGEM DE ABDULLAH DO PARAÍSO

POR SIR EDWIN ARNOLD, K.C.I.E.

Aquele que morreu em Azan[1] envia
Isto para confortar todos os seus amigos: —
Amigo fiel, ele jaz, eu sei,
Pálido e branco e frio como a neve;
E dizeis, «Abdullah morreu»,
Chorando aos pés e à cabeceira.
Consigo ver as vossas lágrimas cair;
Consigo ouvir os vossos suspiros e preces:
Contudo sorrio, e sussurro isto: —
«Eu não sou a coisa que beijais:
Cessai o vosso pranto, e deixai-o jazer;
Era meu, não sou eu.»
Doces amigos, o que as mulheres lavam
Para o último sono da sepultura
É uma cabana que estou a abandonar;
É uma veste que já não serve:
É uma gaiola da qual finalmente,
Como um pássaro, a minha alma passou.
Amai o inquilino, não o aposento:
O utilizador, não o traje; a plumagem
Da águia, não as barras
Que a detinham daquelas esplêndidas estrelas.
Amigos amados, sede sábios, e secai
Imediatamente cada olho que chora.
O que elevais sobre o esquife Não vale uma única lágrima.

[1] *Azan é a hora muçulmana da oração da tarde.*

É uma concha vazia, uma
Da qual a pérola partiu:
A concha está quebrada, jaz ali:
A pérola, o tudo, a alma, está aqui.
É um jarro de barro, cuja tampa
Alá selou enquanto ele escondia
Aquele tesouro do seu tesouro, —
Uma mente que o amava: deixai-o jazer:
Que o caco seja terra mais uma vez,
Visto que o ouro está no seu armazém.
Alá glorioso! Alá bom!

Agora o teu mundo é compreendido;
Agora o longo, longo espanto termina:
Contudo chorais, meus errados amigos,
Enquanto o homem a quem chamais morto,

Em êxtase indizível, em vez disso,
Vive e ama-vos; perdido, é verdade,
Por tal luz como a que brilha para vós;
Mas na luz que não podeis ver
De felicidade não cumprida, —
No paraíso em expansão,
Vive uma vida que nunca morre.
Adeus, amigos!

Contudo não um adeus:
Onde eu estou, vós, também, habitareis.
Fui adiante de vós,
Um momento de tempo, um pequeno espaço:
Quando chegardes onde eu pisei, —
Ireis espantar-vos por que chorastes:
Sabereis, ensinados pelo amor sábio,
Que aqui está tudo, e lá não há nada.
Chorai um pouco, se assim o desejais, —
O sol ainda tem de seguir a chuva;
Apenas não na morte, — pois a morte,
Agora o sei, é aquele primeiro fôlego
Que as nossas almas inspiram quando entramos
Na Vida, que é de toda a vida o centro.
Tende a certeza de que tudo parece amor,
Visto do trono de Alá lá no alto:
Sede fortes de coração, e vinde
Corajosamente para o vosso lar!
La-il Allah! Alá la! Tu,
Amor divino! Tu, Amor para sempre!
Aquele que morreu em Azan deu
Isto àqueles que fizeram a sua sepultura.

A ALMA ALÉM DA SEPULTURA

A alma desencarnada, ao passar para o mundo além da sepultura, arrasta consigo o corpo astral, que possuía na vida terrena, o qual, ao passar do físico, é uma contraparte ou protótipo do corpo terreno. Não sofre mudança radical, mas mantém o mesmo

estágio de desenvolvimento que atingiu quando na terra. Se, enquanto aqui, os interesses materiais foram subordinados às coisas espirituais, o seu progresso no mundo espiritual é acelerado. Se o pensamento absorvente tivesse sido o material, então a alma desencarnada é atraída para a esfera inferior, com espíritos subdesenvolvidos.

Estas almas infelizes retêm a memória da sua vida terrena, e muitas delas esforçam-se por renovar os seus prazeres terrenos materiais, cujo desejo as persegue. Privadas destes, dão a si mesmas a ilusão dos mesmos. Não poucas destas almas ligadas à terra são governadas por considerações de ódio e ciúme, e procuram influenciar aqueles que ficaram neste plano terrestre. Olhos clarividentes veem-nas pairando sobre as suas cenas terrenas de prazer e folia.

OS SUBDESENVOLVIDOS APÓS A MORTE

POR UM ESPÍRITO

Fui conduzido por quatro dos espíritos mais brilhantes que tinha visto perto de mim. Eles pareceram transportar-me pelo espaço pois, embora eu parecesse caminhar, nenhum esforço da minha parte era necessário; ainda assim o movimento era rápido. Logo chegámos ao primeiro grau, ou círculo da primeira Esfera. Aqui estavam aqueles que tinham cometido crimes hediondos contra as leis da Natureza, tais como assassinos, suicidas e muitos dos mais baixos dos baixos que frequentam os antros das vossas cidades. Vi que as paixões mais vis ainda tinham posse deles, que todos os vícios horríveis das emoções ou desejos os impeliam mesmo aqui.

Vi o assassino do nobre e do bom, vi o perseguidor do humilde e do pobre a morder — sim, a morder — com vingança os seus dedos espirituais. Eu conseguia ler na sua alma e ver ali o fogo consumidor da avareza. Vi ali, marcado na testa, aquele que tinha emboscado uma irmã e a tinha levado à ruína quando na terra. O seu sofrimento mental parecia incitá-los à distração.

Voltando-me para os meus guias, perguntei: «Não há cura, não há caminho, não há luz, não há uma centelha de esperança para estes?»

«Sim, amigo, tempo; o tempo mostrar-lhes-á o caminho, mas não até que as leis da Natureza sejam satisfeitas, não até que eles tenham posto essas manchas de lado é que poderão subir mais alto.»

«Tudo o que o homem semear, isso também ceifará.» — Gál. vi. 7.

«GRANDES HOMENS» APÓS A MORTE WILLIAM SHAKESPEARE E OUTROS

O regresso dos mortos cujos nomes são ainda palavras familiares tem causado muita estranheza. As suas conversas, dadas no meu livro, «Conversas com os Mortos», têm sido aproveitadas por jornalistas e outros para comentários parvos. Estes sapientes

escritores apenas têm de investigar por si mesmos para aprender que os «Grandes» após a morte estão ao nível do mais pobre e, na linguagem do bardo imortal: «Grandes homens? O que vós chamais grandeza pertence apenas à terra. Aquilo que o mundo chama grandeza é demasiadas vezes um sepulcro sem inquilino, uma concha sem miolo, ou um miolo seco e murcho dentro dela. Vemos que só é grande aquele que é interiormente grande.»

Noutra ocasião o Poeta disse: «Chega um tempo para todos em que eles distinguem entre as coisas como elas são e como elas parecem ser. Muitos que nada sabiam do homem real, adoram um nome que, se o vento mudasse amanhã, arrastariam pelo pó.» E disse ainda: «Quando alguém se afasta o suficiente do vosso planeta para perceber algo da grandiosa igualdade — a grandiosa unidade e a grandiosa necessidade de cada um e de todos no todo, todo o pensamento de egoísmo, todos os desejos centrados no eu cessam; então, também, cessa toda a necessidade de purificação através do processo que os homens chamam mal.»

SHAKESPEARE OU BACON?

Durante a preparação desta obra, «A Vida Ativa Além da Morte», tive conversas frequentes com o Poeta, e ele fez sugestões para a mesma.

Talvez possa repetir aqui o que disse noutro lugar — Shakespeare admitiu franca e livremente a sua dívida para com Bacon e outros, e que era uma impossibilidade total, a partir do seu próprio conhecimento, ter produzido as numerosas peças que ostentam o seu nome; que era controlado por Espíritos que tinham um conhecimento íntimo das vidas internas das pessoas exaltadas sobre as quais escreveu; que muitas das peças foram alteradas desde que foram transmitidas do outro mundo.

E, além disso, tivesse ele reconhecido a sua dívida para com os espíritos que o controlavam, a sua cabeça teria rolado numa semana, acrescentando: «Tivesses tu vivido no meu tempo e a tua cabeça teria rolado em dois dias.»

O que se segue foi recebido através de um médium de transe, da parte do dramaturgo, desde a sua entrada no Mundo Espiritual:

WILLIAM SHAKESPEARE A EXPERIÊNCIA DO BARDO IMORTAL APÓS A MORTE

Durante algum tempo após a minha morte, estive no que vós chamais um sono — um sono que, devido à minha ignorância (com toda a sua escuridão agarrada a mim com um aperto tenaz), não consegui sacudir durante algum tempo. Ao despertar e ao recuperar os meus sentidos, descobri o que chamarias uma forte luz magnética a incidir na base da minha cabeça, que parecia vibrar através de mim e trazer à existência a totalidade das minhas faculdades espirituais. Voltei-me para os amigos que estavam ao meu redor e perguntei: «Estou realmente morto? Ou será isto um sonho que causou uma ilusão e me tirou a visão terrena por um tempo?»

Contudo, eu sei que vós partistes antes de mim. Vós, amigos, estais aqui trajados com a veste da verdade, da beleza e da luz. Às muitas perguntas que fiz, foram-me dadas respostas com o seguinte efeito: «Sim, passaste pela mudança denominada "morte", ou o que poderia mais apropriadamente ser designado como uma transformação para melhor. O lugar, ou a morada em que vives agora, é uma localidade numa das Esferas Espirituais. Tens muito a aprender, amigo. Vieste para aqui com a escuridão a envolver-te; tens muito de que te purificar; e tens muitíssimas visões prodigiosas para contemplar.»

Eu não conseguia perceber inteiramente que tinha passado pela

MUITO TEMIDA MUDANÇA DENOMINADA «MORTE»;

pois achei tudo tão natural, e assemelhando-se tanto ao que eu estava habituado na terra. Tinha plenamente esperado, ao acordar no que chamais «o outro mundo», ter encontrado mudanças maiores e mais prodigiosas do que as que então contemplei. Estendi a mão para tentar ver se conseguia realmente agarrar algo firme, algo em que pudesse tocar. Toquei no meu corpo espiritual e descobri que era tão firme e percetível ao meu toque espiritual como o meu corpo terreno o era para os meus sentidos físicos.

Movi os meus dedos e descobri que vibravam à minha vontade com exatamente a mesma ação com que o faziam quando na terra. Descobri também que, ao exercer o meu poder de vontade, podia mover-me, e movi-me de facto. Quando me ergui, contemplei-me num estado de ser mais puro e mais fino.

O LAR DE WILLIAM SHAKESPEARE NA TERRA DE VERÃO POR SI PRÓPRIO

Pouco depois do meu advento na Terra de Verão, fui conduzido por um bando de espíritos a um lar que parecia exatamente adequado à minha mente, pois tendo sido um amante da Natureza quando na terra, adorava estar sozinho, ouvir o doce trinar das aves, ver o sol nascer e pôr-se, e ouvir os ventos suaves a suspirar por entre a folhagem das árvores.

A minha ambição terrena não era grande. Eu não estava inclinado a acumular um património de riqueza territorial. Mas ardia sempre dentro de mim um desejo de saber mais sobre a Natureza e as suas leis. Era por isto que a minha alma ansiava, embora, por força das circunstâncias, a minha vida terrena tenha sido conduzida, infelizmente, demasiado noutra direção.

Descobri que o meu lar consistia numa bela habitação, embelezada e realçada por cenários pelos quais sempre fui enamorado. Cada compartimento era de proporções imensas, capaz de acomodar um vasto número de amigos, e ali encontrei muitíssimos dos meus antepassados, alguns cujos caracteres eu não conhecera, e muitos dos mais remotos de quem, de facto, nunca ouvira falar.

Cada espírito, seja rico ou pobre, instruído ou não instruído, aqui, no seu advento àquela Terra Brilhante, encontrará os seus progenitores, que estão sempre a preparar a

receção daqueles seus descendentes que ainda hão de segui-los. Pensais que eles podem esquecê-los? Não — repousando como repousam sobre os alicerces firmes da verdade e do amor, e trajados com os mantos do contentamento e da felicidade, aguardam tranquilamente a sua vinda para lhes dar as boas-vindas ao seu lar celestial.

O REGRESSO DE WILLIAM SHAKESPEARE À TERRA

POR SI PRÓPRIO

Estava muito ansioso por regressar à terra. Ao entrar na atmosfera que envolve a terra, experimentei uma sensação de sufocamento que me fez clamar ao meu guia para que esperasse até que eu ficasse aliviado. Mais uma vez contemplei as casas, igrejas, bosques e vales da terra, sobre uma porção limitada da qual eu tinha vagueado. Ao entrar na casa que outrora habitei, ali contemplei alguns dos meus parentes.

Mas não conseguia tornar a minha presença conhecida. Usei os meus poderes espirituais de elocução, mas nenhuma resposta veio aos meus chamados. Tentei bater em partes do mobiliário e causar assim um som para atrair a atenção, mas as minhas mãos

PASSARAM ATRAVÉS DA SUBSTÂNCIA.

Eu estava no lugar que outrora amei, mas ai, ai de mim!, não conseguia fazer com que aqueles que eu amava ternamente me ouvissem. Vi um monumento ostentando a inscrição da minha idade, etc. Esse monumento erguia-se em silêncio solene e, por baixo dele, uma laje — uma laje de mármore; por baixo desta, novamente, o que pensais que eu vi?

Aquilo que na terra eu vesti — tornado agora fétido e repugnante — colocado fora da vista — aquela forma, cujo possuidor era considerado hábil e espirituoso pelos seus amigos, estava agora a misturar-se rapidamente com os elementos de onde brotou. A língua, que outrora trinou a sagacidade que era saudada pelas aclamações daqueles que a ouviam, estava agora árida.

Os dedos que outrora guiaram a pena rápida, todos murchos e decompostos — nada restando senão os ossos — uma massa de entulho em desintegração; e eu, o espírito, que outrora animei essa massa, de pé ao lado dela e a contemplá-la! Baixar-me-ia eu, se pudesse, para vestir novamente aquela roupa gasta, mesmo que pudesse ser reproduzida na mesma condição de embelezamento que apresentava no auge da juventude?

Não, não, tu nunca mais serás vestida por mim; portanto, mistura-te, como estás a fazer, com a terra de onde saíste.

WILLIAM SHAKESPEARE E A SUA MULHER NO MUNDO ESPIRITUAL

POR SI PRÓPRIO

No que é denominado o grau elevado, na terceira esfera, descobri que a minha cara-metade, ou a minha mulher — como lhe chamarias em linguagem terrena — estava à espera da minha vinda. Quando a vi à distância, ela parecia estar na escada de brilho, e a sua própria alma parecia cintilar nos seus olhos. Parecia até mais jovem e mais pura do que quando a vi pela última vez, e trajava um vestido peculiar, que era todo branco, mas que ocasionalmente emitia clarões de luz vermelha e azul que iluminavam a sua forma belamente simétrica a tal ponto que eu involuntariamente parei e olhei para ela em admiração.

Verifiquei que estas luzes resultam do carácter ou natureza do espírito de quem procedem, por se terem tornado mais superfinais, e emanam naturalmente do corpo astral. Médiuns no vosso plano terrestre dizem que veem luzes à volta dos espíritos procedentes das suas testas ou ombros.

Cada espírito, à medida que sobe para graus mais elevados, assume uma aura ou luz mais brilhante, até que essa luz brilha com uma intensidade tal que muitas vezes ofusca os poderes de visão do clarividente. Esta é a razão pela qual aqueles espíritos que regressam à terra aparecem geralmente com o vestuário pelo qual podem ser reconhecidos, pois se um espírito com o seu brilho luminoso entrasse num círculo sem o vestuário para o ocultar, o clarividente seria totalmente incapaz de olhar para ele.

O BELO LAR NO ALÉM

POR UM ESPÍRITO

O brilho que resplandece de toda a Natureza sobre esta terra só pode ser plenamente percebido e compreendido por aqueles que o veem de um plano mais elevado do que o da existência mundana. Se na primeira esfera, ou esfera rudimentar, resplandece tal brilho da Natureza, o que pensais que deve ser o estado cristalino do Belo Lar na Terra de Verão?

Mãos espirituais estão lá que plantaram flores há séculos e séculos nos canteiros desse mundo luminoso — até as mesmas mãos que ajudaram a adornar as cidades antigas da terra com beleza arborescente e floral.

Mãos estão lá que, no passado remoto, ergueram mansões que realçam e embelezam os desenhos arquitetónicos de inúmeras cidades nessa esfera brilhante — as mesmas mãos que lançaram os alicerces de estruturas na terra, cujas ruínas ainda permanecem visíveis em testemunho da habilidade demonstrada pelos arquitetos dos desenhos colossais que representam.

Mãos estão lá, também, que exerceram a sua perícia na execução de belas pinturas com as quais decoraram as paredes dessas mansões magníficas — as mesmas mãos tendo ganho celebridade para os seus donos na vida terrena, onde tudo o que se vê não passa de uma escassa amostra do que se contempla nas gloriosas esferas espirituais.

OS AMIGOS ESPIRITUAIS ESTÃO SEMPRE CONNOSCO

«Em torno da vossa vida escadas de ouro se erguem, E subindo e descendo os céus, Calçados com sandálias aladas, Os anjos vêm e vão, os mensageiros de Deus.» DR. JOHN HUNTER.

Os anjos de Deus estão sempre connosco. Eles acompanham-nos em cada esquina. Não sejais indiferentes à sua presença. Não os julgueis ausentes porque não conseguis captar a expressão do seu rosto ou traçar os contornos da sua forma. As presenças espirituais são as presenças mais reais. Não permitais que os ministérios da vida e da morte, do mundo visível e invisível, se percam para vós. Em nome do bom Deus, apelo a que acolhais os mensageiros celestiais. Não temas, tu que anseias por estar em casa. Mais alguns passos e estarás lá.

A morte para os bons não passa de um barco de passagem. A cada hora o barco parte com alguns dos santos e regressa por mais. Em breve, ó amigo, ele levar-te-á para o outro lado.

A MORTE, O MAIS DOCE MENSAGEIRO

«"Para a manhã", dizem os anjos vigilantes, "Passada está a provação mais dura; Nenhuma trama do homem pode deter O ponteiro no mostrador; A Noite é o caule escuro do lírio Dia."» J. R. LOWELL.

A morte dos bons não passa de um passo no progresso da vida, um avanço para um plano superior, onde cada faculdade é exaltada, e onde cada meio de observação e comunicação é alargado e estendido. É simplesmente o processo natural pelo qual o espírito é libertado do corpo material, tal como a ave jovem encontra a liberdade através da rutura da casca. A vida termina na morte, e a morte na vida; o círculo assim aperfeiçoado nunca mais poderá ser quebrado.

A morte é o mais doce mensageiro. É a chave que abre o belo portão para os braços da imortalidade. Sim, é a ave doce que trina «Daqui em diante estás livre». Morte é apenas o nome dado à saída da alma do corpo.

A VIDA INFANTIL NO MUNDO ESPIRITUAL

Vede, não desprezeis algum destes pequeninos; porque eu vos digo que os seus anjos nos céus veem sempre a face de meu Pai que está nos céus. — S. Mat. xviii.

As miríades de crianças que passam para o mundo espiritual são ternamente cuidadas. Mesmo aquelas que não chegam à luz no curso ordinário da natureza. Assim que a «animação» ocorre, e a centelha Divina entra, o Anjo da Guarda está com ela, e não a deixa até que a mãe terra seja paga do material que lhe emprestou. Aquelas que não foram levadas até ao estágio de desenvolvimento adequado são maturadas no

mundo espiritual. Nenhuma se perde. Todas as que descenderam das esferas Deíficas Vivem, e Viverão para Sempre.

Querida criança, tu tens um anjo só teu. Quando rezas, de manhã e à noite, o mesmo anjo estará ao teu lado, sentar-se-á junto à tua caminha vestido de vestes brancas, cuidará de ti, embalar-te-á para dormires, e guardar-te-á, para que nenhum mal se aproxime de ti. — LUTERO.

A MORTE NA INFÂNCIA COMO UMA VIOLAÇÃO DA LEI DA NATUREZA POR UM ESPÍRITO

A morte de crianças é uma infelicidade, porque o objetivo do seu primeiro estágio de experiência é, por esse meio, frustrado. Pela sua morte prematura, escapam aos sofrimentos físicos da vida terrena, e a ignorância das dores do primeiro estágio da existência retira-lhes a capacidade de desfrutar da feliz mudança que alcançariam tivessem permanecido até à maturidade.

Elas nada sabem do contraste entre esse estágio de existência e o nosso, o que acrescenta um entusiasmo tão vivo ao desfrute daqueles que vêm para aqui. Outra desvantagem é que nunca chegam a ter muitos dos sentimentos e emoções que uma permanência mais longa na terra lhes teria ensinado, e que contam muito para a felicidade ou miséria do próximo estado de ser. As crianças, ao virem para cá, são colocadas numa espécie de condição intermédia entre a inferior e a superior, e são assistidas e ensinadas por espíritos superiores. Sob o cuidado zeloso de espíritos puros e desenvolvidos, progridem rapidamente.

A DESVANTAGEM DE MORRER JOVEM

As miríades de crianças que passam para o Grande Além são colocadas numa condição intermédia entre a inferior e a superior, e são ternamente cuidadas por espíritos. Elas nunca estão sem tais assistentes. A sua partida prematura deste plano terrestre é infeliz e tem as suas desvantagens.

Embora pela sua morte prematura escapem aos sofrimentos físicos e mentais desta vida terrena, no entanto essa mesma ignorância dos nossos sofrimentos retira-lhes a capacidade de desfrutar da feliz mudança que alcançariam tivessem permanecido aqui até atingirem a maturidade. Nada sabem do contraste entre esse estágio de existência e o nosso. Faltam-lhes os sentimentos e emoções da vida terrena que contam muito para a felicidade ou miséria do nosso próximo estado de existência.

AS CRIANÇAS PEQUENAS TÊM MISSÕES ESPECIAIS

POR UM ESPÍRITO

Às crianças pequenas são frequentemente confiadas missões especiais, e são enviadas à terra para desempenhar cargos e deveres de carácter elevado, pois os espíritos não são julgados pela idade, mas pela pureza.

É uma lei aqui, que a pureza de mente é evidência certa de capacidade, pois o espírito que pode amar a Deus sem dolo pode também compreender as leis que ligam o homem ao homem. Crianças são selecionadas para acompanhar os seus pais durante a sua estada na terra.

Na hora sombria em que a mãe está com o coração partido, a criança está ao seu lado suavizando-a e confortando-a. Talvez lutando sob uma aflição pior do que a morte, a de um marido ébrio, com crianças a rodeá-la, vestida em forma de beleza deslumbrante o espírito do seu ente querido está com ela incutindo esperança, e elevando o seu coração abatido para confiar em Deus, que é um marido para a viúva e um pai para os órfãos.

AS CRIANÇAS REGRESSAM À TERRA

Incontáveis milhões de crianças regressam à terra. O laço que liga os entes queridos nunca pode ser rompido. As ligações que unem pai e mãe e filhos no Mundo Espiritual são muito mais sublimes e tenazes do que qualquer coisa que possais imaginar.

A afeição natural, em vez de se apagar do espírito após a separação do corpo, torna-se intensificada e mais digna de um ser imortal. Tais são as leis da Natureza associadas à afeição da alma.

Miríades de pequenas crianças foram acolhidas na existência espiritual antes de se terem desenvolvido suficientemente para conhecer os seus pais e mães. É necessário que essas crianças se familiarizem com as fases da existência terrena e adquiram aquele conhecimento que deveriam ter obtido na esfera rudimentar.

O SEU TRAJE É DE PUREZA

representando as várias cores do arco-íris, que nenhum pincel de artista conseguiu imitar. Movem-se como se estivessem presas em círculos de ouro — como se cada forma estivesse interligada por correntes da maior força.

Assim, e apoiando-se amorosamente umas nas outras, regressam à esfera terrestre, ao aproximarem-se da qual uma nuvem parece passar sobre elas, afetando-as percetivelmente e deixando por algum tempo os jovens viajantes sombrios e tristes.

Para se tornarem conhecidas dos seus pais, estas amorosas crianças deixam a esfera etérea para enfrentar a turva atmosfera da terra, onde esperam ligar-se às afeições daqueles que deixaram.

Entre a densa multidão podem observar-se alguns que pais e mães cruéis ajudaram a esmagar fora dos seus corpos terrenos; e, ainda assim, eles desejariam procurar o terno amor daqueles que os haviam tornado miseráveis na terra.

CRIANÇAS E PAIS ADOPTIVOS NO MUNDO ESPIRITUAL

Não é a menos interessante das fases da vida ativa no Mundo Espiritual o cuidado e a educação das crianças. A ideia dos membros das igrejas ortodoxas é que todos os que morrem jovens desabrocham em anjos e voam de um lado para o outro, e que os não desenvolvidos que, por diversas causas, foram impedidos de alcançar a maturidade na terra passam para fora da existência.

Depois de ter ocorrido a vivificação, porém, aconteça o que acontecer à mãe ou à criança, nada pode tocar na Centelha Divina. Estes rebentos imortais são, no tempo próprio, dados à luz na vida espiritual.

Cada criança é confiada a uma mãe adotiva espiritual e colocada em pequenos berços formados de rica folhagem e resguardados em finas draperias de bela textura.

ETAPA APÓS ETAPA SÃO AMAMENTADAS

e ensinadas a caminhar antes de flutuarem. Quando atingem um crescimento que as qualifica para entrar noutro departamento da mesma esfera, as crianças de desenvolvimento mais avançado são divididas em grupos e ensinadas de acordo com a sua capacidade.

Entre as lições, cada criança é ensinada a exercitar o seu corpo espiritual. Às crianças não é permitido associar-se com os seus mais velhos exceto para instrução. Pais adotivos espirituais tomam conta delas mais tarde.

De tempos a tempos são trazidas de volta à terra para adquirir conhecimento, e encontram-se frequentemente com os seus pais, irmãos e irmãs.

Homens e mulheres que, por fins egoístas, evitaram as obrigações da vida paternal e maternal na terra terão de pagar a pena no Mundo Espiritual, cumprindo os seus deveres durante pelo menos mil anos, ao passo que na terra poderiam ter escapado com trinta, mais ou menos.

OS INFANTES — O SEU BAPTISMO E SEPULTAMENTO

Muito alarido desnecessário é feito pelos episcopais e por outros a respeito do batismo e do sepultamento dos infantes. Sustenta-se por alguns membros das igrejas ortodoxas que as crianças não batizadas que passam para o além estão eternamente perdidas, e que os seus corpos são impróprios para e não devem ser enterrados em “solo consagrado”.

A ação de sacerdotes ao recusarem sepultura em "solo consagrado" a crianças não batizadas tem causado muito amargor.

Estes eclesiásticos sustentam que o Direito Canónico lhes dá o poder de assim agir. Como se a aspersão de água pelas pontas dos dedos de um sacerdote pudesse ter qualquer efeito espiritual sobre a alma da criança.

"Solo consagrado", na verdade! — lama consagrada, lama santificada, lama glorificada.

Até quando será permitido a estes professos seguidores do manso Nazareno abrir de novo as feridas no coração das mães de Inglaterra? — até quando?

DECLARAÇÃO DE JOHN WESLEY
A PARTIR DO MUNDO ESPIRITUAL

O que se segue é um excerto de um notável discurso do Rev. John Wesley, o Pai do Metodismo, proferido no círculo privado semanal realizado em Chorlton-cum-Hardy, Manchester, a 18 de Maio de 1908.

Quando me encontrava no distrito, tive o privilégio de assistir ao círculo que muitos dos habitantes das Esferas superiores santificavam com a sua presença e com as suas intervenções.

O Rev. John Wesley, falando através da Sra. Dunlop, a médium, disse:

— Sou o irmão daquele a quem honrais (Charles Wesley). Venho dos reinos da paz e da alegria para vos informar de que nós, do nosso lado, tencionamos iniciar um novo avivamento a partir dos púlpitos wesleyanos e da Igreja de Inglaterra, e a verdade será proclamada. Aquele que do nosso lado veio para estar convosco tornar-vos-á fortes e firmes na fé.

Queremos que prossigais tranquila e serenamente o vosso caminho terreno, falando com doçura aos que erram, estendendo uma mão auxiliadora aos que caíram, animando os preguiçosos e, acima de tudo, mantendo os vossos rostos voltados para Sião e o lugar bem adornado e limpo para a habitação do Espírito Santo.

Muitos, no que diz respeito aos sinais exteriores, parecem ter mantido o prato limpo, mas o interior tem sido manchado por pensamentos ímpios. Gostaríamos de vos mostrar a sua morada para além da corrente — sombria e desolada.

Alguns dos vossos líderes pregaram que os seus habitantes estavam perdidos por toda a eternidade; não sabiam que o Deus Todo-Poderoso envia os Seus Santos Anjos para os iluminar, para alegrar a escuridão e conduzi-los a uma esfera mais luminosa, através das trevas e pelas escarpas acima, onde são deixados por algum tempo para reflexão e oração, até se tornarem habitantes da Cidade Celestial; então os Anjos resplandecentes aproximam-se deles e conduzem-nos através do abismo.

Então chega o tempo de desfazerem os erros da sua vida terrena e de fazerem reparação, e regressam novamente ao plano terrestre para ajudar aqueles que são como eles foram.

À medida que trabalham, assim a sua alma sobe cada vez mais alto até contemplarem a glória do Infinito.

Aqueles que se julgava terem sido lançados nas trevas eternas regressam a vós purificados, para que possam limpar o pó das janelas das vossas almas, a fim de que possais ver visões da Cidade de Cristal.

Que Deus encarregue os Seus Anjos de velar por vós!
— Ámen.

"JESU, AMANTE DA MINHA ALMA"
A VERDADEIRA HISTÓRIA DA SUA COMPOSIÇÃO
POR CHARLES WESLEY,

O SEU AUTOR, A PARTIR DO MUNDO ESPIRITUAL

Noutra ocasião a Sra. Dunlop foi controlada por Charles Wesley e, referindo-se ao hino cantado no início da sessão — **"Jesu, lover of my soul"** — disse:

— Eu sou o autor das palavras que acabastes de cantar. Gostaríeis de saber em que circunstâncias foram escritas?

Naturalmente, todos os presentes responderam: — Sim, sim.

Continuando, disse:

— Um dia estava sentado no meu gabinete com a janela aberta quando rebentou uma trovoada. Um pequeno pássaro entrou pela janela aberta e, no seu susto, lançou-se contra o meu peito. Acalmei os seus movimentos até que repousou tranquilamente junto de mim.

Imediatamente me vieram as palavras:
"Jesu, lover of my soul,
Let me to Thy bosom fly," etc.

Escrevi-as com uma mão, enquanto a outra ainda envolvia o pequeno pássaro.

Dos quatro mil hinos compostos por Charles Wesley, **"Jesu, lover of my soul"** é a rainha de todos eles.

Bendita canção de morte!

Muitos, enquanto os laços místicos do corpo e da alma se desfaziam, exalaram a sua prece:

— Esconde-me, ó meu Salvador, esconde-me,
Até que a tempestade da vida tenha passado!
Conduze-me em segurança ao porto,
Ó recebe finalmente a minha alma!

Não devemos pensar no céu como numa comunidade estacionária; penso nele como num mundo de planos estupendos e de esforços para o seu próprio aperfeiçoamento.

Nesse mundo, como neste, há diversidades de intelecto, e as mentes mais elevadas encontram a sua felicidade em elevar as menos aperfeiçoadas.

Ali a obra de educação que começou aqui prossegue sem fim.

E não somente aqueles que nascem no céu entrarão numa sociedade cheia de vida e de atividade para o seu próprio desenvolvimento.

O céu tem ligação com outros mundos. Os seus habitantes são mensageiros de Deus através da criação. Têm grandes encargos.

No progresso do seu ser sem fim podem ter ao seu cuidado outros mundos.

— William Ellery Channing

PERGUNTAS RESPONDIDAS
POR UM ESPÍRITO

P. Pode dar-nos alguma ideia do benefício que os espíritos desencarnados retiram da comunhão com os encarnados?

R. Muitas vezes as pessoas deixam a vossa terra, como sabeis, na infância, na juventude, sem desenvolvimento; e muitas pessoas atingiram idade madura estando pouco afastadas da infância no conhecimento. Assim, é bastante natural que regressem não só para adquirir experiência acumulada da vida material, mas também para adquirir conhecimento dos poderes mais subtis da mente humana que não podem obter pelo simples contacto com espíritos.

O principal benefício, porém, é que o espírito quase sempre se torna capaz de fazer algum bem; e, se fizerdes a experiência, verificareis que aquele que faz o bem aos outros é o que mais beneficia.

P. Pode explicar o método pelo qual os médiuns podem ser levados a falar línguas estrangeiras que desconhecem no seu estado normal?

R. Se o espírito compreendia a língua enquanto estava na terra, e o médium que ele controla tem plenamente desenvolvido aquilo a que o frenologista chama o órgão da linguagem — que contribui para a produção da fala — então o espírito não terá dificuldade em exprimir-se na língua da terra, ainda que o médium não a conheça; porque o conhecimento de qualquer língua é um processo formal.

É algo bastante comum e nada surpreendente quando consideramos que a própria linguagem é um modo arbitrário de expressar ideias.

P. Pode dar-me alguma ideia dos meios de controlo? O espírito entra no corpo, ou apenas impressiona o médium?

R. Não, não é necessário entrar no corpo. O poder da mente é precipitado sobre o organismo nervoso do médium; e, embora os pensamentos do espírito estejam ali, o espírito não entra realmente nem toma residência no organismo do médium.

— Isso seria **expulsar o médium da sua própria morada**; mas, por algum tempo, a vontade do médium fica subordinada à vontade do espírito; e por vezes acontece que a mente do médium, sendo muito ativa, não permanece em estado de inconsciência, mas é um ouvinte independente e ativo, projetando-se para fora do seu corpo, enquanto o outro espírito manifesta a sua presença.

Mas não é realmente que o espírito tome o corpo como vestimenta; apenas o governa à distância correspondente ao seu poder. Se não possui muito poder, tem de estar próximo; se possui grande poder, pode estar longe; pois a distância nada é para a potência da mente.

[O notável discurso seguinte do Juiz John W. Edmonds, o veterano espiritualista dos Estados Unidos da América, foi proferido através de um médium bem conhecido perante uma grande audiência em Londres, pouco depois da sua entrada na vida espiritual. — Ed.]

TRIUNFO SOBRE A MORTE

Hoje, através de uma forma emprestada e de um modo pouco habitual, venho com as saudações de ambos os mundos.

É-me permitido dar-vos a história do maior triunfo da minha vida — o triunfo sobre a morte.

O meu corpo terreno foi posto de lado; mas o meu espírito, com atividade renovada e com todas as faculdades, está tão completo como quando habitava entre vós. Estou cheio apenas do fogo e do fervor da minha nova existência.

Posso dizer que passei pela mudança chamada morte sem um único sofrimento.

O meu corpo, é verdade, estava enfraquecido. É verdade que durante alguns anos sofrera de debilidade e de falta de forças; mas também é verdade que, por meio de uma série de instruções e por constante intercâmbio com amigos familiares na vida espiritual, eu havia aprendido que a morte não devia ser temida.

Nos momentos finais da minha vida, e durante as poucas semanas que precederam a partida da existência terrena, estive sempre consciente da assistência ministrante de um espírito bondoso — aquele que fora a companheira da minha juventude — aquela cuja morte me levara a desejar saber para que região poderia ir o espírito dos que partem — e a única que, durante todos os anos da minha busca de conhecimento, foi o meu guia constante e presente.

Ela acolheu-me; acalmou os meus últimos momentos; mostrou-me o caminho para a existência espiritual.

Com o seu bondoso auxílio bani todo o pensamento de medo ou de morte e saudei com júbilo a hora que nos reuniria no espírito.

SAINDO DO CORPO

Passei sem dor; nem sequer tive consciência de sofrimento; mas o meu corpo mergulhou num doce repouso, sobre o qual o meu espírito, já liberto, permaneceu e o contemplou como contemplaríeis uma veste gasta.

Não tive consciência da perda de um único instante de tempo; a minha mente não adormeceu. Nem sequer percebi um breve intervalo de perda de controlo de qualquer faculdade.

Sabia que estava prestes a morrer. Sabia também, a cada instante, que o meu espírito estava gradualmente a perder o domínio sobre o corpo físico.

Reentrei na morada em intervalos para olhar em redor, como olharíeis uma casa que estais prestes a abandonar — para ver como estavam os entes queridos que velavam junto de mim — para ver se tinham medo da nova vida na qual eu estava prestes a entrar — para ver se suportariam isso tão bem quanto deviam, depois dos longos anos de instrução que tínhamos tido juntos.

Havia oração, fortaleza e ternura; havia também, é verdade, uma persistente e secreta relutância em abandonar a forma física do espírito que estava prestes a partir — aquele sincero anseio de se agarrar à forma vital do amigo profundamente amado.

FORA DO CORPO

Não conheci qualquer intervalo de sono ou de falta de consciência; lancei-me para a minha nova existência, como alguém que salta para fora das correntes que o tinham acorrentado durante anos.

Nos últimos anos da minha vida eu sentira-me agrilhoado e preso pelo sofrimento físico. Sentira-me de certo modo atado pelas cadeias da carne que se tornavam demasiado cansativas para serem suportadas.

Saltei jubiloso, como alguém que se lança num mar de ouro, como alguém que mergulha na atmosfera depois de ter estado encerrado numa prisão.

Senti regressarem-me a juventude, a força, o vigor — tudo aquilo que havia sido meu.

Senti individualmente mais do que isso: que, apesar de todas as minhas experiências na vida espiritual, apesar das visões, comunhão e visitas entre mim e as almas que partiram, eu nunca havia realmente conhecido a natureza da existência espiritual até que o laço final fosse quebrado que me ligava à terra.

Para meu total assombro vi a minha forma completamente renovada como a forma da juventude e da força.

Vi os amigos — todos os amigos que eu conhecera e com quem estava habituado a conversar como amigos — cada um jovem, cada um sábio pela experiência acrescida da vida espiritual.

Pela primeira vez senti o poder consciente da expressão espiritual — não como voz, não como som, não como palavra, mas como comunhão de alma.

Cada pensamento tornava-se palpável e cada expressão tornava-se clara para aqueles que estavam à minha volta.

Falávamos do corpo que eu havia deixado para trás como falaríeis de qualquer coisa exterior.

Apontavam para mim e referiam-se a mim como sendo agora um espírito na plena e inteira posse das faculdades espirituais, ao passo que antes eu estivera de certo modo obscurecido pela persistente consciência dos sentidos que ficaram para trás no meu corpo físico.

O primeiro pensamento foi: posso falar com as minhas filhas?

Não podia; isto é, não podia haver som audível, mas eu podia impressionar as suas mentes de forma palpável e percetível; e a minha filha mais nova apercebeu-se da minha presença, embora soubesse que o corpo havia perecido e compreendesse que a centelha da vida se havia extinguido.

NA TERRA DOS ESPÍRITOS

O sentido espiritual seguinte que me veio — ou consciência espiritual — foi o do movimento.

Nas minhas visões, alguns de vós recordar-vos-eis, eu vira-me transportado de um lugar na vida espiritual para outro por aquilo que parecia serem cavalos ou os meios habituais de locomoção.

Agora senti o novo poder ou sentido espiritual da volição.

A minha companheira disse-me:

— Visitaremos agora o nosso lar espiritual.

Olhei em volta à procura de algum meio de transporte, quando, para meu espanto, assim que o desejo surgiu na minha mente, encontrei-me a mover-me — primeiro lentamente, depois mais rapidamente à medida que a minha vontade aumentava, e finalmente com tal rapidez que, se houvesse objetos intermediários, eu não os teria visto.

O voo pareceu instantâneo.

Pareceu-me que atravessávamos um vasto intervalo de espaço. Por vezes pensei que mundos passavam por nós; por vezes pensei ouvir o som distinto dos planetas nas suas esferas; por vezes pensei ouvir os sons de música distante.

Mas, pouco depois, encontrámo-nos num vestíbulo luminoso, onde parecia prevalecer uma atmosfera em que luz e sombra se interpenetravam.

Disseram-me que esse vestíbulo marcava a entrada entre a atmosfera espiritual e a material, e que eu estava agora prestes a entrar na verdadeira terra do espírito.

Já ali estivera antes nas minhas visões; mas percebi que, enquanto antes tinha visto espiritualmente com o auxílio de outros, agora via com as minhas próprias faculdades espirituais; e a lente era completamente diferente da lente que eu havia tomado emprestada nas minhas visitas anteriores.

Agora descobria novas belezas a cada passo, a cada ponto que atingíamos.

Descobri que a minha visão espiritual não só se tornara mais viva para os objetos à minha volta, mas que realmente via a alma desses objetos; que cada forma, embora aparentemente tão tangível como estas paredes, era na realidade transparente; e que uma corrente vital penetrava cada objeto que eu contemplava.

A SUA GRANDIOSA REALIDADE

Então fiz indagações acerca da natureza das estruturas.

Aquela forma de vestíbulo em que eu havia entrado parecia mais um **imenso portal ou templo** do que qualquer coisa que eu possa descrever. Combinava formas graciosas com diversos matizes e graus de cor, tão distintamente misturados e tão harmoniosamente concordantes, que eu não podia deixar de acreditar tratar-se de uma forma viva e vital.

A minha companheira, percebendo o meu desejo de compreender, disse:

— É perfeitamente verdade que esta substância difere de tudo o que existe na terra; pois, embora pareça composta de peças de mármore e de pedras preciosas, não é outra coisa senão o pensamento vitalizado, a atmosfera viva do reino no qual entraste; e cada alma que aqui passa deixa algo ou contribui com algo para a beleza desta entrada.

Pude então perceber à minha volta uma atmosfera branca e azul, como o halo de um santo.

Essa atmosfera azul tomou forma e figura em torno de mim, e imediatamente surgiu um arco através do qual passei. Olhei para trás, e esse arco ficou ali como sinal de que outra alma tinha entrado naquela terra.

Entretanto, todos esses arcos, e as formas que os adornavam, e todas as imagens representadas pareciam tornar-se vocais, e uma harmonia distinta de boas-vindas saudou o meu espírito.

Era diferente de qualquer música que eu tivesse ouvido; era como o som de um acorde; era mais semelhante à harmonia fundida de um pensamento perfeito, que se pode ouvir no espírito, mas que nunca se pode escutar com os sentidos terrenos.

O NOSSO LAR ESPIRITUAL

Prosseguimos, eu e a minha única companheira; pois todos os outros espíritos que eu havia visto estavam agora invisíveis.

Avançámos.

Entretanto abriu-se diante de mim a visão de uma terra vasta e maravilhosa. De ambos os lados majestosos rios de montanha serpenteavam pelos vales, e belas cascatas dançavam pelas encostas das montanhas.

Recordei-me de que aquele era o acesso à nossa morada no espírito.

Passámos rapidamente, silenciosamente, e sem qualquer meio exterior de locomoção, diretamente entre duas cadeias de montanhas, até entrarmos numa planície aberta.

Ali estava o lugar escolhido para o nosso lar espiritual.

Quando entrámos numa passagem estreita, não mais larga do que a entrada de um quarto, notei muitos dispositivos e figuras peculiares que espreitavam tenuemente daquilo que parecia ser rocha sólida.

Vi que esses sinais tinham formas e rostos familiares, e que se pareciam com palavras, pensamentos e coisas que são palpáveis à mente.

Eu podia ver cada um dos pensamentos e cada um dos atos da minha vida.

Alguns eram sombrios; alguns, porém, estavam carregados de formas mais agradáveis; alguns eram aquilo que eu teria querido esquecer — traços de dureza e de discórdia; alguns estavam afinados com o desprezo e a ira.

Mas percebi, à medida que avançava, que os rostos e figuras mais bondosos predominavam; e que, quando realmente entrei no espaço aberto, depois de me tornar um espírito vivo, não havia formas senão as de amor e simpatia, nem sons senão os de alegria.

VIDA ESPIRITUAL

Ali pareceu-me mergulhar numa corrente cujas gotas — ou cujos glóbulos — eram tão palpáveis e distintos como as pérolas separadas de um colar de donzela.

Cada um desses glóbulos parecia conter algum pensamento amoroso ou alguma essência percetível; e, ao ser mergulhado nessa corrente, o meu corpo era tocado por cada gota individual como se cada uma removesse alguma possível mancha de terrenidade.

Quanto mais tempo eu permanecia na corrente, mais fácil se tornava suportá-la.

A princípio parecia arder e picar como fogo; depois tornava-se cada vez mais agradável, até que percebi que **cada glóbulo falava comigo** e representava alguma verdade à minha mente.

Por fim, quando saí para o outro lado, fui recebido com um sorriso pela minha companheira, que disse:

— Isto remove de ti as últimas manchas do teu corpo terreno, mas não os últimos efeitos de todas as tuas faltas terrenas.

Pude perceber que havia alguma diferença entre ela e eu; que eu ainda não tinha entrado plenamente no estado dela.

Mas, desde que me banhara naquela bela corrente, percebi que possuía mais conhecimento e mais sabedoria, e que as minhas imperfeições me iam deixando gradualmente.

A SUA FORMA, COR E BELEZA

Ela conduziu-me então a um belo caramanchão que, de ambos os lados, estava adornado com flores que não têm nome na terra.

Não eram formas e figuras como aquelas que estais habituados a ver; mas os seus próprios perfumes faziam música no ouvido, e as suas formas e cores representavam algum pensamento, oração ou aspiração.

Ela conduziu-me ainda mais perto da entrada da nossa morada.

Eu podia ver a forma e a figura, e poderia descrever-vos as suas paredes e a sua entrada; mas não vos demorarei com isso senão para dizer que, em cada imagem que eu via na sua formação, reconhecia os atributos daquela que estava comigo.

Via que havia sido adornada com os pensamentos habituais que tinham sido dela aqui e na vida espiritual.

Cada oração, cada ato e cada aspiração de bondade, cada caridade generosa, havia tomado forma e figura naquela morada.

Vi também os meus próprios pensamentos ali entrelaçados — os pensamentos de bondade, de oração e de aspiração que eu havia formado, e os atos que há muito tinha esquecido, ali reunidos diante de mim, não na forma de pilares ou estátuas, mas vivos e belos.

Podia até ver os pensamentos, as orações e as aspirações da minha vida alinhados diante de mim — mas não as minhas imperfeições.

Disse imediatamente:

— Como é isto? Que na nossa morada eu vejo os meus pensamentos de bem, mas não as minhas imperfeições?

Instantaneamente o pensamento dela respondeu:

— Não pode haver imperfeições na morada dos nossos espíritos. Vê-as à entrada; vê-as ao longo do teu caminho; mas apenas aquilo que é perfeito pode tomar forma e figura final na morada viva do espírito aperfeiçoado.

Então vi quão imperfeito eu era; e o sentimento da minha indignidade foi tão grande que eu teria recuado dessas regiões deliciosas.

Mas ela pediu-me que não tremesse nem temesse, pois cada pensamento e cada mancha de terrenidade teriam de ser vencidos pelos meus próprios esforços.

— Ainda não — disse ela — estás plenamente preparado para permanecer aqui constantemente; mas este é o teu lar, e pelo esforço, pela oração e pelo conhecimento de cada dia e de cada hora, descobrirás que finalmente poderás habitar aqui neste lar do espírito livre, alegre e consciente.

Então, pela primeira vez, senti cansaço.

O esplendor da nova morada, o deleite do espírito, a consciência de estar livre da dor, tudo me dominou, e eu não podia compreender de imediato que era realmente um espírito e que nunca mais regressaria ao meu corpo.

Ela conduziu-me a uma alcova separada do resto da morada por aquilo que parecia um entrançado de trepadeiras e flores.

Segui-a até ali, e ali repousei não sei por quanto tempo; mas, quando despertei, parecia que todas as minhas faculdades espirituais tinham sido renovadas, e que a primeira glória do espírito que me tinha dominado agora me tornava mais forte.

Disse então àquela que sempre estava junto de mim:

— Agora estou pronto; mostra-me mais desta bela vida.

ANTIGAS ASSOCIAÇÕES RENOVADAS

Instantaneamente — não como antes, lentamente e com aparente relutância, mas de imediato — abriu-se o nosso caminho, e vi diante de mim, à distância, é verdade, mas clara e distintamente, uma assembleia de espíritos.

Aproximavam-se aqueles com quem eu fora mais íntimo e familiar na terra.

Um dos primeiros espíritos que me saudaram naquele grupo, que avançou como se com pressa e rapidez para anunciar a sua chegada, foi o meu amigo Horace Greeley, antigo editor do *New York Tribune* e, em tempos, investigador do Espiritualismo, embora nunca tivesse sido um espiritualista declarado.

Disse ele:

— Apresso-me a saudar-te e a desfazer a injustiça de anos.

Perguntei:

— Porquê?

— Porque — respondeu ele — subestimei o testemunho que deste acerca desta nova vida, que agora descubro ser **mais do que realizado**. Estou agora em paz por ter feito esta confissão.

Eu sempre lhe dissera que ele pouco conhecia da realidade da vida espiritual; e, quando nos reuníamos nos círculos de investigação, ele voltava a sua atenção para a busca de reformas políticas, enquanto eu permanecia ali em busca de conhecimento espiritual.

Alegrei-me com esta confissão; pareceu acalmar-me e fortalecer-me. Então encontrei o Professor Mapes, meu velho e estimado amigo e coadjutor na investigação espiritual.

— Ah! — disse-me ele — eu não fazia ideia dos poderes do espírito separado da matéria quando estava na terra; mas agora vejo que todas as tuas visões eram mais do que verdadeiras.

Não preciso enumerar-vos todos os que vieram, um após outro, naquele mundo resplandecente para me saudar e dar-me as boas-vindas. Era como se estivessem reunidos em grande assembleia para acolher o espírito bem-vindo; mas não fora com esse propósito que se tinham reunido.

A VIDA ACTIVA

Estavam ali reunidos, como é seu costume, para discorrer e indagar sobre matérias pertencentes à existência espiritual.

Pareciam dispostos em grupos; e cada grupo tinha uma inteligência central.

No centro de um deles vi Franklin, que parecia indicar aos seus ouvintes, ou àqueles que o assistiam, alguma experiência elementar que desejava que seguissem, com referência às manifestações presentes na terra.

Ele é uma inteligência dirigente e eminente em todas as questões de ciência.

A ciência das manifestações elétricas tem sido, desde a sua entrada na vida espiritual, o tema particular das suas investigações — essa e outras forças afins.

E posso dizer-vos que as suas descobertas são conhecidas como manifestações físicas; que, a partir do seu estudo e da prossecução dos seus temas prediletos, ele sozinho, com o auxílio daqueles que se encontram na mesma esfera, está a resolver o problema das vibrações físicas, dos movimentos físicos, dos sons físicos, das aparições físicas por intermédio de médiuns na terra; que ele é o centro desse grupo especial de espíritos, que dele recebem instruções, e que por sua vez transmitem essas instruções a outros espíritos; e estes encontram-se atualmente dispersos pela face da terra, realizando essas demonstrações e revelando aos mortais a verdade do poder do espírito sobre a matéria.

Não é necessário — nem tenho tempo — deter-me sobre os pontos e lugares particulares destas manifestações que as ligam e associam à sua inteligência peculiar.

Mas todos reconhecereis este facto: as manifestações físicas ocorrem em vagas; começam num certo ponto e depois passam sobre a terra como ondas do mar, até que por fim as nações mais distantes da terra recebem algo desses poderes.

A presente vaga — agora mesmo a passar sobre a Inglaterra — a da forma visível e da aparição — já ocorreu na América, onde tiveram lugar as primeiras aparições.

Chegou aqui; chegará a países distantes; e, finalmente, será seguida por outra vaga que ainda não começou.

Assim, isto torna-se não apenas um sistema de ética, mas um grandioso plano de descoberta científica; o que significa que o mundo espiritual está, lamento dizê-lo, muito mais empenhado do que geralmente estão as inteligências científicas na terra na busca e descoberta destes novos poderes.

DR. MESMER

Vi outro centro e outro mestre, cuja força e tempo pareciam ser dedicados à forma das manifestações mentais e inspirativas.

Também ele era erudito; também ele possuía ciência e poder; refiro-me a Mesmer, cuja descoberta dos princípios do mesmerismo constitui uma época na história da ciência.

Também ele está agora a acrescentar algo à ciência do controlo espiritual.

Também ele tem os seus discípulos e coadjutores; e estes movem-se sobre a terra em harmonia uns com os outros, inspirando médiuns, ajudando no seu desenvolvimento e assistindo grupos de espíritos que se aglomeram em torno deles, para que possam enviar uma mensagem aos seus amigos.

Vi reunidos em torno destes, de perto e de longe, cada qual atraído para o seu centro, aqueles inumeráveis milhares de espíritos que, como crianças, estudavam o alfabeto desta nova descoberta, para poderem visitar os vossos lares e, quer por pancadas, quer por inspiração, quer por algum método que desconheceis, revelar-vos a sua presença: os vossos amigos, os amigos de milhares e de centenas de milhares na terra, que se oferecem para se juntar a estas sociedades de instrução na vida espiritual, como vós vos juntaríeis a aulas de instrução em telegrafia, ou a qualquer sistema de comunicação pelo qual pudésseis alcançar os vossos amigos: reunidos e esperando o próprio poder que agora move a terra e revela a presença dos espíritos entre os mortais.

OUTRO E MAIS ELEVADO GRUPO

Discorriam atentamente sobre a história das nações, e entre essas inteligências eu podia distinguir claramente os rostos e as formas de estadistas falecidos.

Um grupo especial tinha o seu centro em Washington; outros em Napoleão e César, que, tendo ultrapassado a sua sede de sangue, agora se mostram ansiosos apenas pelo bem-estar e pela prosperidade das nações.

Posso vê-los, com os seus rostos resplandecentes e frontes radiantes, instruindo vastas assembleias de espíritos, os quais, por sua vez, se mostram dispostos a agir sobre os corpos legislativos das nações, tal como o grande impulso da liberdade atuou sobre o Congresso dos Estados Unidos.

Ali posso ver o saudoso Lincoln, cujo espírito se elevara por causa do seu amor da liberdade; e entre a multidão resplandecente e radiosa havia ainda medidas mais elevadas de aperfeiçoamento humano.

Vejo ali o recentemente falecido e lamentado Charles Sumner, elevado ao seu novo estado, e ali, como aqui, debatendo a liberdade do escravo.

Vi muitos outros nomes que agora não vos poderia revelar, mas cujos rostos me eram familiares, e cuja consciência e pensamento eu apenas podia perceber estarem muito para além das minhas faculdades recentemente encontradas.

Mas dizem-me que, à medida que me for tornando cada vez mais familiar com estas cenas, à medida que efetivamente me tornar conhecido entre aqueles que se sentam aos pés da sabedoria incarnada dos séculos, também eu levarei por diante uma obra que fui demasiado fraco para mais do que começar enquanto aqui estive — fraco por causa da frágil organização e das limitadas faculdades do sentido humano, mas sincero, como todos vós sabeis.

Sinto agora que a minha obra está precisamente a começar; sinto agora que esta é verdadeiramente a minha obra, e que todos os meus esforços e pensamentos na aquisição de conhecimento terão por fim transmitir esse conhecimento àqueles que se encontram no cativeiro das trevas.

Digo que, com toda

ESTA RESPLANDECENTE ASSEMBLEIA DE ESPÍRITOS

diante de mim, eu não podia deixar de sentir quão maravilhoso, perfeito e divino é esse grande dom de inteligência concedido a toda a alma que sobrevive e perdura para além da influência corrosiva do tempo, e ocupa o seu lugar na sua própria esfera espiritual quando o tempo e a carne se corrompem.

Eu não podia deixar de sentir: — Oh! se os olhos dos mortais que acabo de deixar — se eles pudessem ver como eu vejo, se pudessem saber o que eu agora sei! Que maiores bênçãos poderiam recair sobre a humanidade do que esta, que este medo eterno da morte — este terror que pesa como um pesadelo sobre os séculos — seja removido, e eles se encontrem face a face com a vida e a imortalidade.

Mas nem tudo é aqui um caminho de rosas.

Mais uma vez senti as minhas imperfeições, e na presença desse pensamento senti-me perturbado e enfraquecido em espírito; com todas as suas boas-vindas, não podia deixar de sentir: — Que criança sou eu!

No meio deste conhecimento e desta sabedoria acumulada dos séculos, permaneci confundido como uma criança, e senti a nudez do meu próprio espírito.

Então vieram ao meu encontro, de algum lugar que eu antes não havia descoberto, formas que se ajoelharam diante de mim e cada uma lançou uma flor aos meus pés, dizendo:

— Foste tu quem primeiro me falou da vida espiritual; foste o primeiro de quem recebi, na terra, conhecimento da existência espiritual.

Com as suas flores veio também incenso, como cânticos de louvor e de oração; e senti-me mais forte e o meu espírito pareceu absorver em si essas oferendas, até que a minha forma se tornou forte, e eu me alegrei porque os havia ajudado.

E senti-me revestido com as suas oferendas de amor; e disseram-me:

— Fizeste-nos isto; revelaste-nos, antes de deixarmos a terra, o nosso estado futuro, e agora trazemos-te as nossas oferendas.

Então pareceu-me tornar-me mais luminoso; as minhas vestes tornaram-se mais semelhantes às vestes daqueles para quem eu estivera a olhar; e com cada nova oferenda vinha um novo sentimento de força e de gratidão; e por fim flutuei para longe e ocupei o meu lugar no meio de rostos familiares, que disseram:

— Agora tornaste-te como um de nós.

PERMANEÇO POR MIM MESMO,

livre, assim o espero, daquelas manchas que se prendem ao espírito ainda que ele se esforce durante anos; as manchas de pensamentos habituais e de sentimentos sem vigilância.

Ainda assim sinto que muitos anos terão de passar antes que eu alcance as alturas de muitas das almas que vejo. Sinto que longos esforços de domínio de mim mesmo terão de ser meus antes que eu alcance a brilhante herança de alguns cujos espíritos são quase demasiado deslumbrantes para serem contemplados.

E por vezes, com a minha amada companheira ao meu lado, nós dois sentamo-nos no silêncio retirado da nossa morada espiritual e comungamos com almas mais elevadas — com Aquele cuja verdade viva e cujo amor perfeito são conhecidos da humanidade.

Tão pouco seguem eles os Seus passos, tão pouco a Sua mão orientadora eleva e sustém.

Muito acima de toda esta multidão de espíritos reunidos, de conselheiros grandes, sábios e bons, posso ver uma luz resplandecente, uma glória mais radiante do que qualquer coisa que a terra pudesse imaginar ou as palavras descrever, e um amor, uma bondade incomparável e uma forma luminosa, cujas palavras agora vos transmito:

— **“**Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros.”

E esta palavra vibra através das hostes de anjos, espíritos e mortais até alcançar até os vossos corações, expulsando o medo, o ódio, a malícia e toda a contenda, e tornando-vos, desde este instante, um com o espírito de Deus.

AS AMENIDADES DA VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

POR UM ESPÍRITO

As amenidades da vida no mundo espiritual não são, de modo algum, análogas às da vossa terra.

Não — oh, não — cada um forma um grau de acordo com as suas próprias afinidades.

A chamada “sociedade” da terra não é a sociedade como deveria ser — uma sociedade verdadeira e genuína, cujos membros estejam unidos por um interesse geral: o amor por todos.

Por causa desta triste falta, “sociedade” é um nome errado. É sem espírito e uma ilusão.

Vede a diferença.

No mundo invisível para vós — aquele que está para além desta esfera mundana — cada habitante encontra o seu próprio grau pela lei da afinidade, ou por um impulso que lhe é dado pela Natureza.

A Natureza — imaculada, infalível e imutável — tem a organização da sociedade no Mundo Espiritual, e bem realiza a sua obra.

Nenhuma hesitação e nenhuma parcialidade são manifestadas por ela na disposição das coisas; pelo contrário, determinação firme, inexorável e imparcialidade caracterizam cada ajustamento.

Por nenhum meio caprichoso ou artificial é um espírito colocado no mundo etéreo; mas, assim como a água na superfície deste e de outros mundos físicos encontra o seu nível, **assim cada espírito individual encontra naturalmente o seu próprio nível**.

Não existe tal coisa como um espírito estar — para usar uma expressão corrente entre vós — fora do seu elemento no Mundo Espiritual.

OS MORTOS DESEJAM COMUNICAR COM OS MORTAIS

POR UM ESPÍRITO

Quando é dada a certeza — que todo o homem, toda a mulher, todo o ser racional pode verificar — de que os entes queridos para além da sepultura ainda vivem, amam e cuidam dos seus amigos na terra, e podem, e realmente regressam, e conversam com eles, imaginai os sentimentos que vos animariam quando fosseis repelidos pela incredulidade.

Colocai-vos mentalmente aqui sem esperança de ser reconhecidos por aqueles que ficaram na terra.

Os vossos entes queridos não partiram de vós para sempre para um lugar de onde não possam regressar.

Não — eles aguardam-vos amorosa e pacientemente.

Há miríades de almas deste lado que anseiam por encontrar aqueles que ficaram do vosso lado.

Pensai no arrepio de alegria que agitaria as suas almas ao reencontrar-vos mais uma vez.

OS NOSSOS QUERIDOS NO LAR CELESTIAL

Longe, nas glórias de um dia que nunca se desvanece,
Entre excesso de beleza e a ondulação
De rica e eterna melodia,
Vivem os nossos parentes angélicos.

Nenhuma preocupação os pode alcançar no seu lar radiante;
Nenhuma noite pode arrastar o seu terror pelos seus céus;
Nenhum pecado pode lançar o seu sombrio negrume;
Nenhuma lágrima pode obscurecer os seus olhos.

Prazeres imortais enchem as horas douradas;
Belezas nunca sonhadas brilham por toda a parte;
E os aromas que exalam dos lábios das flores
Enchem toda a terra pacífica.

E formas luminosas misturam-se na alegria sagrada —
Habitantes vestidos de branco na margem da bem-aventurança;
São os nossos parentes — os amados e perdidos da terra —
Os felizes que partiram antes de nós.

Entre eles deslizam formas querúbicas da infância;
Donzelas ali estão com ondulantes cabelos de ouro;
E a virilidade na sua glória e orgulho,
Uma idade que já não conhece velhice.

A MORTE FAZ A PONTE SOBRE O ABISMO

A morte faz a ponte sobre o abismo entre a terra e o céu.

É a passagem de uma terra de névoa e lágrimas para uma de eterno sol — de uma terra de tristeza e pesar para uma de beleza e alegria.

É somente através dos portais da morte que podemos entrar no gozo da vida.

O viajante cansado teria tanta razão para temer o bendito sono que o restaura, como o peregrino que atravessa este deserto de cuidados e problemas teria para temer o acolhedor sono da morte.

A morte é simplesmente depor o fardo da vida terrena e erguer-se emancipado e livre para respirar a atmosfera celestial de uma existência gloriosa.

Os portais da morte abrem-se para uma terra banhada no esplendor da luz eterna, e não para os reinos sem sol da sepultura.

É apenas a descida do pano após o último ato do drama da vida, para logo se erguer novamente, quando os nossos olhos maravilhados forem autorizados a contemplar as encantadoras e imperecíveis realidades do Mundo Espiritual.

AS VESTES USADAS PELOS ESPÍRITOS

POR UM ESPÍRITO

Pergunta. — Os espíritos usam vestuário? E, se usam, de que são feitas as suas vestes?

Resposta. — Estamos vestidos com as vestes que tecemos para nós mesmos durante a vida terrena; essas vestes são como nuvens de vapor através das quais a forma do corpo se delineia.

Essas vestes são o índice da vida terrena do espírito e mostram claramente o tipo e o carácter moral de cada pessoa.

Aqueles que viveram vidas boas e úteis são belos; mas os mais belos dos filhos da terra são aqueles espíritos que morreram jovens e aqui permaneceram durante muito tempo; atingiram a perfeição da estatura terrena, mas possuem a beleza espiritual daqueles espíritos que nunca estiveram na terra.

Por outro lado, aqueles que viveram vidas perversas, egoístas e cruéis, ou que cometeram algum grande mal, estão vestidos com vestes repulsivas semelhantes a lodo — faz parte da nossa recompensa ou castigo que não possamos deixar de ver-nos a nós mesmos, quer sejamos belos quer o contrário.

CONDIÇÕES ATMOSFÉRICAS DO MUNDO ESPIRITUAL

Pergunta. — Os espíritos sentem calor e frio? Contemplam um sol, estrelas, etc.?

Resposta. — Calor e frio são condições atmosféricas ou condições da matéria.

Aqui não temos tais condições.

Não possuímos corpo material que possa sentir calor ou frio.

Não temos olhos para ver coisas materiais nem ouvidos para ouvir os ruídos da terra; mas temos um poder ou faculdade que ocupa o lugar dos vossos cinco sentidos — o poder de compreender ou conhecer.

Se quisermos ver o sol ou as estrelas como vós os vedes, temos de olhar através dos olhos de alguém como vós; mas podemos ver a imagem espiritual de todos os objetos materiais, quer sejam sóis ou o mais pequeno objeto vivo ou átomo morto, que para vós só se tornam visíveis com o auxílio de um poderoso microscópio.

OS SEXOS NO MUNDO ESPIRITUAL

Pergunta. — Um homem, quando passa para o além, continua a existir como homem?

Resposta. — Nem os homens nem as mulheres perdem a sua individualidade deste lado.

O homem permanece homem, e a mulher permanece mulher para sempre, tanto quanto conhecemos a mente do Espírito Eterno nesta matéria; mas são capazes de grandes transformações espirituais.

Não existe diferença na posição espiritual ou na condição relativa dos sexos deste lado.

Todos têm iguais oportunidades e iguais poderes nas suas próprias esferas.

Mas o espírito do homem inclina-se naturalmente para tarefas próprias do homem; as mulheres destacam-se no exercício das qualidades que lhes são mais naturais — a afeição e o amor.

Todas as crianças que deixam as suas mães na terra tornam-se imediatamente os objetos queridos de mães amorosas deste lado, para alegria de ambos.

O CORPO ASTRAL

Pergunta. — O corpo astral está sujeito a ferimentos ou doenças? Tem circulação, e os espíritos respiram, comem, bebem e dormem?

Resposta. — Não, o corpo astral ou espiritual não está sujeito a ferimentos ou doenças materiais, mas está sujeito a alterações na aparência; um espírito maligno, isto é, o espírito de uma pessoa má, pode tornar-se mais hediondo pela continuação das suas más disposições e pelo contacto com espíritos mais depravados do que ele próprio, e esta mudança na aparência aumentará a sua dor autoinfligida.

Mas deve ser lembrado que mesmo os piores homens e mulheres, do vosso lado ou deste, têm algo de bom neles, e que há sempre muitos bons espíritos prontos a ajudá-los a melhorar a sua saúde espiritual e, assim, melhorar a sua aparência e diminuir a sua dor e angústia.

Por outro lado, as pessoas que evitaram o mal tanto quanto as suas condições e oportunidades permitiram, aquelas que levaram e estão a levar a vida quotidiana do tipo comum de pai ou filho, como os conhece — e elas formam uma grande parte dos habitantes tanto do vosso mundo como do nosso — tais como estas melhoram em saúde espiritual e beleza muito rapidamente.

Nós não temos dores nem prazeres corporais, ambos são espirituais. Sabe como um luto familiar ou uma perda mundana lhe pode causar dor mental; e o inverso, o nascimento ou a recuperação da saúde de um filho, ou de um parente querido, ou alguma adição aos seus meios mundanos, ou a aquisição de algum objeto desejado, pode dar-lhe um prazer mais duradouro do que o cumprimento de meros desejos corporais.

Os espíritos não respiram, não comem, não bebem nem dormem. As três primeiras operações aplicam-se obviamente apenas a atos necessários para manter vivo o corpo físico; nós não temos nem fome nem sede; somos abstémios totais do tipo mais severo; mas a questão do sono requer mais consideração e explicação. O seu próprio espírito não requer sono ou descanso, ele nunca se cansa; o seu corpo e o seu cérebro podem estar cansados. Você adormece e acorda revigorado, embora possa ter estado a sonhar durante toda a noite. As nossas ocupações deste lado são tão variadas, e a ausência total de qualquer aproximação à sensação de cansaço que é tão comum na terra, torna totalmente desnecessário para nós dormir com o propósito de descansar ou de nos refrescarmos.

O ENCONTRO APÓS A MORTE

Pergunta. — Quando os recém-falecidos encontram os seus parentes e amigos espirituais, como começa a vida? Os parentes e amigos permanecem em termos de amizade especial?

Resposta. — O despertar e a experiência inicial de cada indivíduo difere de todos os outros, tal como uma alma viva difere de outra. Alguns vêm totalmente despreparados para a grande mudança e permanecem por algum tempo, podem ser horas, seman

as, meses ou anos, conforme contam o tempo, quase inconscientes do que os rodeia; um homem que viveu uma vida mentalmente entorpecida ou quase animal não consegue perceber que ainda está vivo e acordado, ele continua numa espécie do que chamam um estado de "dormência", nem dormindo nem acordado; enquanto outro espírito acordará instantaneamente e compreenderá a mudança; aqueles que estiveram em estreita comunhão espiritual durante a sua vida terrena encontram-nos à espera deles e percebem imediatamente a mudança; mas todos os que vêm encontram amigos e parentes à espera deles deste lado.

Parentes e amigos, se estiverem em harmonia espiritual uns com os outros, mantêm um companheirismo ou comunhão estreita, mas dois irmãos ou outros parentes

podem não estar em harmonia espiritual — um pode ter um desenvolvimento espiritual baixo, o outro um muito alto; o inferior não procuraria o superior, mas o superior procuraria o inferior e tentaria elevá-lo ao seu próprio nível espiritual.

[*Estas perguntas e respostas são aqui reproduzidas de "Light". — Ed.*]

OCULTOS DE NÓS APENAS POR UM VÉU FINO

O véu de carne que os escondia
É suavemente posto de lado,
Mais claramente os contemplo agora
Do que aqueles que nunca morreram.
Quem morreu? O que significa essa palavra,
Pelos homens tanto abominada?
Arrebatados nas nuvens do céu para estar
Para sempre com o Senhor.
Sinto o seu toque no meu cabelo,
Na minha face e na minha fronte;
Sei que eles estão em toda a parte,
Que estão comigo mesmo agora.
O ar torna-se mais suave à medida que se movem,
O dia parece mais brilhante quando vêm
E toda a minha alma se derrete em amor,
E anseia pelo seu lar imortal.

"Portanto, visto que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas, deixemos de lado todo o peso e o pecado que tão facilmente nos envolve, e corramos com paciência a carreira que nos está proposta." — *Heb. xii. 1.*

"Estamos rodeados por uma grande nuvem de testemunhas." Uma grande multidão que nenhum homem pode contar — mais próxima de nós do que a linguagem humana é capaz de descrever, oculta de nós apenas por um véu fino que a qualquer momento pode ser rasgado — estão silenciosamente a implorar-nos, por assim dizer, para nos elevarmos nas asas da fé e esperança inspiradas pelo céu. — *Bispo G. H. Wilkinson.*

Bem podem os vossos corações ter fé que as bênçãos vêm, Fluindo de fontes acima do céu estrelado, Com anjos, quando o seu próprio lar imperturbado Eles deixam, e apressam-se em embaixada noturna Para visitar câmaras terrenas. — *Wordsworth.*

O VÉU MÍSTICO

O véu, o véu tão fino, tão forte Entre nós e ti! O véu místico, quando cairá ele Para que possamos ver?

O REGRESSO DO ESPÍRITO

O regresso do espírito tem sido travado pelo fanatismo e pela ignorância. A História apresenta um registo doloroso de perseguição. Videntes, e pessoas dotadas da faculdade de ver formas espirituais, sofreram tortura e morte na sua forma mais horrível. Devemos ao Mundo Espiritual o facto de mais vidas valiosas não terem sido sacrificadas.

Eis uma declaração de alguém que há muito passou para a vida espiritual: — "O perigo para aqueles no lado mortal era a penalidade da desunião física conhecida como 'morte' e essa penalidade foi rigorosamente aplicada de uma forma muito cruel." Diga-se, para desonra da Inglaterra, que os seus Livros de Estatutos contêm hoje penalidades severas para a Clarividência, etc. No entanto, nunca na história da raça houve tantas pessoas mediúnicas, cujos corpos são usados pelo Mundo Espiritual para conversar com os mortais. O véu fino foi afastado, e as visitas do mundo invisível serão tão frequentes como as dos nossos amigos ainda no corpo.

FANTASMAS, A SUA REALIDADE

De todas as superstições vulgares dos semi-instruídos, nenhuma morre mais dificilmente do que a absurda ilusão de que não existem fantasmas. Todos os especialistas, sejam espirituais, poéticos ou científicos, e todos os outros, não especialistas, que dedicaram qualquer atenção séria ao assunto, sabem que eles existem. Há uma variedade infinita de opiniões sobre o que um fantasma pode ser. Mas, quanto ao facto da sua existência, seja ela qual for, já não há qualquer disputa séria entre investigadores honestos. Se alguém questiona isto, que investigue por si próprio. Em seis meses, possivelmente em seis semanas, ou mesmo em seis dias, achará impossível negar a realidade da existência dos fenómenos popularmente intitulados como fantasmagóricos. Ele pode ter cem explicações engenhosas sobre a origem e a natureza do fantasma, mas quanto à existência da entidade em si, não haverá mais dúvidas. — *W. T. Stead.*

Os membros visíveis e invisíveis da casa do nosso Pai — aqueles que vemos na terra e aqueles que não são vistos e, no entanto, estão tão próximos — todos pertencem a uma Família.

"Numa família em Cristo habitamos, Uma igreja, acima, abaixo."

Mas aqueles que são invisíveis são como os irmãos e irmãs mais velhos da Família: eles estão mais avançados. Ao nosso redor, e perto de nós, estão esses

verdadeiros irmãos e irmãs, um pouco acima de nós, mais velhos na vida espiritual. — *Bispo G. H. Wilkinson.*

RIVALIDADE SECTÁRIA

POR UM ESPÍRITO

Que aspeto deplorável, que aspeto fúnebre é apresentado a nós nos arredores das seitas denominadas Cristãs! E cada uma esforçando-se por se elevar sobre a outra e por superá-la! Que paródia da religião como ela deveria ser! Que o gentil Nazareno tenha ficado e esteja angustiado com tal deplorável perversão dos instintos devocionais de uma porção tão grande da raça humana, angustiado ao pensar que Ele terá sido a causa, a causa inocente, de tal perversão, não precisa de ser dito a vós que fostes emancipados das doutrinas absurdas e perniciosas tão falsamente atribuídas a Ele. Mas o espírito brilhante, amoroso e gentil observa com sublime prazer e deleite o crescimento dessa grande árvore por tanto tempo escondida da visão mental da humanidade, sob cuja folhagem sombria as gerações vindouras repousarão tranquilamente e partilharão do fruto delicioso e revigorante suspenso dos seus ramos, que eventualmente cobrirá o mundo.

"ESPÍRITOS MATERIALIZADOS"

Através do conhecimento de agências invisíveis e misteriosas para o homem, sabe-se que os espíritos se envolvem num manto temporário, de modo que aquilo que é considerado o espírito é agora trazido à luz perfeita, para que todos os que estão ao alcance da visão possam ver. Mas, na realidade, não é o espírito que é visto, pois ele está oculto pelo manto ou adumbramento que foi fabricado a partir das partículas (fósforo, hidrogénio, oxigénio, etc.) em afinidade umas com as outras, e que emanaram principalmente de alguém que é designado como um médium para esse fim.

Por tais meios, os espíritos conseguem construir um revestimento temporário, simulando na aparência o corpo que envolve o espírito, permitindo assim que todos os que estão à vista contemplem o que é designado como "espíritos materializados". Mas não é o espírito que é visto, tal como não se vê o espírito dentro do invólucro de carne através do olho físico. O espírito permanece dentro do revestimento, que é a única parte visível, exceto para o clarividente; mas aquilo que é invisível para o olho físico é uma substância mais gloriosa e duradoura do que o material pelo qual está revestida.

ROUPAS DOS ESPÍRITOS

Não há necessidade de decorar a forma exterior, pois tanto o interior como o exterior correspondem em esplendor glorioso. O vestuário e as modas da terra tornaram-se obsoletos, e os habitantes desta bela esfera vestem-se de uma maneira peculiar a si

mesmos. No mundo espiritual, o vestuário é regulado de uma forma normal e natural; e sendo abundantes os materiais de vários tipos, não há limite quanto à escolha. A pergunta tem sido feita por alguns que ainda se hão de tornar espíritos despojados do revestimento físico: "De onde vem a roupa?" Nas esferas espirituais existem árvores das quais se obtém material de uma textura mais fina do que a que se encontra nesta vossa esfera. Não é trabalhado ou fiado com a dificuldade que se experimenta na manufatura aqui, mas é tecida e fabricada rápida e facilmente.

Os espíritos na Terra de Verão usam geralmente as túnicas mais leves de cores diferentes e de texturas diferentes. Quanto mais puro um espírito se torna, mais fina e bela será a textura da túnica que o adorna. A Natureza, em profusão, oferece os adornos para decorar a forma espiritual, pois as flores existem em abundância. Pedras também, de uma natureza que consideram "preciosas", são abundantes, mas raramente são requisitadas, pois poucos espíritos pensam nelas no que diz respeito à decoração das suas formas, pois as luzes constantemente emitidas pelos seus corpos são tão brilhantes e belas que ofuscam as gemas mais resplandecentes, e são suficientes para satisfazer qualquer pessoa enamorada pela exibição; não que se encontre ali um amor pelo espetáculo frívolo ou exterior, mas eles são animados unicamente por um desejo casto de aparecer como convém aos espíritos.

O MUNDO ESPIRITUAL

POR UM ESPÍRITO

O mundo espiritual é composto por todas as variedades concebíveis de existência, transcendendo em muito a vossa imaginação, uma vez que o espírito tem a sua condição plena e absolutamente respondida. Existe um estado e existe um lugar na terra espiritual, habitado por uma classe de seres, que parece tão real, tão tangível e tão material como o vosso; onde, entrando em contacto com a atmosfera da terra e as suas emanações, eles têm, na realidade, representações de todas as formas e variedades de vida que existem convosco. Depois, há outra classe de espíritos, ainda mais material, que vê as formas da vida terrena em certas formas de pensamento e atmosfera.

Estes seres caminham pela terra, habitam as vossas moradas, visitam os seus companheiros, e são quase tão materiais como vós próprios, exceto na personificação real da vida vitalizada. Para estes, naturalmente, o mundo espiritual é na realidade a superfície da terra. Eles veem-na através de uma atmosfera meio opaca. Eles próprios não estão encarnados, mas são espíritos desencarnados, e contudo, não conseguem elevar-se aos reinos mais altos da habitação espiritual.

Depois, há outro grau, no qual a substância material é tão refinada e tão subtil que não a conseguiriam ver com o olho físico, e no entanto, seria tangível para o espírito. Essa porção da terra espiritual é uma aura da atmosfera da terra, e existe precisamente para além do limite da influência da atmosfera da terra. Estes espíritos habitam um reino que possui toda a variedade de cenários — montanhas, vales, riachos e fontes; todos os

tipos de folhagem e flores estão ali representados — o protótipo das coisas na terra. Para eles, é um estado satisfatório, porque não estão longe da terra, nem tão perto dela que possam interromper e usar o traje dos espíritos mais materializados.

OS DESENCARNADOS

POR UM ESPÍRITO

Quando o espírito é desencarnado, se não estiver habituado ao esforço individual, mental e espiritual, é deixado um pouco nessa condição, até que se possa habituar à sua nova vida; e existem vastas miríades de espíritos vibrando, ou melhor, pairando, perto da atmosfera da terra, sem saber o que fazer, uma vez que não têm mais dinheiro para ganhar, nem mais corpos para alimentar e vestir. Isto pode parecer-vos uma afirmação estranha, mas é. no entanto. verdade; e se considerarem por um instante a qualidade e a natureza da mente ali, saindo da vida terrena tão subitamente, devem ver que tem de ser assim, que o espírito, por instantes, não está preparado para retomar os fios da sua nova vida e tecer o padrão desta existência recém-encontrada.

Mas, conforme são as suas necessidades, assim há sempre um suprimento de professores, instrutores espirituais e guias, que, estando há muito na vida espiritual, assumem o encargo, ou são designados, para guiar estas almas recém-libertadas pelos caminhos do conhecimento espiritual. Ainda assim, leva algum tempo a progredir desta maneira, e há espíritos para quem a nova existência não apresenta nada de emprego ou atividade por longos períodos de tempo. Estes mantêm as suas recordações terrenas, e muito de perto os seus antigos hábitos, assombrados pela memória de algum feito anterior, e desejando ainda impressionar aqueles que ficaram para trás, não conseguem arrancar-se da atmosfera da terra. Mas há sempre um caminho providenciado, se o espírito individual desejar elevar-se.

Quando falta essa vontade, quando a volição não está lá, então eles devem esperar até que chegue o momento em que ela esteja presente.

ESPÍRITOS MINISTRANTES

POR UM ESPÍRITO

Os espíritos têm muito que fazer no vosso meio. Eles vêm bater a uma porta, e o medo repele-os; vêm bater a outra, e o fanatismo afasta-os; vêm ao intelecto, e o materialismo ordena-lhes que se retirem; mas quando batem nos afetos do coração, quando falam com o pensamento amoroso, quando vos dão uma voz bondosa, já não lhes conseguis resistir. Então, quando falam à alma, quando elevam, enaltecem,

fortalecem, encorajam; quando vos falam da sua habitação espiritual adornada com as belezas e graças da vida imortal, então, certamente, já não conseguis recusar.

Mais ainda, há aqui atividades da mente tão maravilhosas que não as conseguiríeis apreender, tão vastas que não as poderíeis agora compreender: o conhecimento do espírito — o conhecimento das coisas passadas e vindouras; investigações minuciosas relativas à natureza da alma ou a transmissão desse conhecimento a outros; e tudo o que interessa, enobrece e eleva a humanidade.

"ESPÍRITOS VISITANTES ESTÃO PRÓXIMOS"

Não precisamos de mudança de esfera
Para ver as vistas celestiais, ou ouvir
As canções que os anjos cantam. A mão
Que outrora pressionou suavemente as orbes sem visão,
Dando-lhes luz, um mundo de beleza e o sorriso amigável,
Pode fazer com que os nossos olhos vejam a terra melhor.
Não precisamos de asas
Para voar alto para reinos de coisas superiores,
Mas apenas de pés que caminhem pelos caminhos da paz,
Guiados por Aquele cuja voz
Saúda cada ouvido, faz cada coração regozijar-se,
Dizendo: Levanta-te, e caminha onde as dores cessam.

AS ESFERAS SUPERIORES

POR UM ESPÍRITO

Nas esferas superiores estão aqueles que habitam os espaços interestelares, onde os espíritos progressivos e avançados de todos os mundos se unem num estado puro de existência espiritual. Um pensamento de materialidade não entra. Eles habitam numa esfera de mente. Os seus corpos são o resultado das suas mentes, e parecer-vos-iam como chamas de luz branca, não tendo tangibilidade, embora sejam suficientemente tangíveis para o seu propósito.

A aura que os rodeia é a aura ou emanação do seu crescimento espiritual; e a sua condição, no que diz respeito ao elemento material, é a de um motor ou princípio de movimento, em vez de um ser externo. Eles atuam sobre as mentes abaixo deles; investigam vastos temas de conhecimento e transmitem-no àqueles que são os vossos espíritos guardiões, e por este meio comunicam, a partir dos céus celestiais, verdades relativas aos seus habitantes.

Ora, dois videntes ou médiuns sob o controlo destas duas ou três classes de espíritos dariam, naturalmente, imagens inteiramente diferentes da existência espiritual

e, no entanto, nenhum pretenderia falsificar, nem estaria incorreto. As muitas moradas da casa do Pai estão adaptadas aos vários graus de existência espiritual, tal como eles saem da vossa terra, e cada um de vós tem uma morada preparada que leva consigo para o outro mundo, e assume a sua habitação nessa esfera ou condição correspondente ao seu desenvolvimento.

OS INTEMPERANTES APÓS A MORTE

POR UM ESPÍRITO

Falem do Hades, falem de antigos lugares de tormento eterno, falem do fogo do inferno! Certamente não há fogo mais inextinguível do que o das paixões humanas quando autorizadas e desenfreadas pelo pensamento espiritual! Cada gratificação intemperante é uma serpente. Cada cedência profana ao apetite é, em si mesma, um escorpião. Estas coisas viscosas enrolam-se nos vossos espíritos; e desta forma, revestida de desejos loucos, a alma precipita-se para a eternidade.

E se não fosse pelos anjos de paz e amor estarem sempre prontos; se não fosse por terem alguma mãe, irmã, pai, amigo, para vos ajudar; se não fosse pela humanidade não estar total e absolutamente degradada, um quadro da condição espiritual destes seres terrenos não desenvolvidos corresponderia à descrição do antigo Hades.

Pois estes seres estão a partir para a vida espiritual todos os dias; alguns vítimas da degradação humana, alguns o naufrágio da loucura humana; e os espíritos acima, em regiões superiores, olham com olhos chorosos e corações sangrentos para essas moradas escuras e sombrias, quase de desespero, para onde algumas das mais belas flores da humanidade são transportadas por algum tempo.

O TECELÃO INVISÍVEL

A evolução da mente atrai para o espírito todos os elementos do mundo que este habita, e ali desdobra a partir do interior, pelo mecanismo silencioso deste tecelão invisível, a roupagem do espírito. Quanto à forma do espírito, vós estais a tecer essas formas agora. Diz-se que a morte está sempre ocupada num quarto silencioso de cada casa, tecendo a mortalha com a sua lançadeira ágil; mas o mestre da vida está sempre ocupado no tear dos vossos próprios espíritos, tecendo a forma, o traje — e dando-lhe sombra e cor — que vos adornará quando sairdes para o mundo dos espíritos.

Vós vestis-vos com belo esplendor; cobris os vossos corpos com vestes dispendiosas; o oriente e o ocidente são vasculhados em busca dos tesouros escolhidos do tear; nenhuns selados são demasiado finos, nenhuns caxemiras demasiado caros, nenhum ouro demasiado deslumbrante, nenhuns diamantes demasiado esplêndidos para o seu adorno. Entretanto, o espírito está a tecer as suas túnicas. Se matarem a alma à fome para o engrandecimento do corpo, então irão para o mundo dos espíritos sem este belo vestuário; pois tecerão as túnicas que forem os vossos pensamentos. No amanhã,

quando removidos da vida terrena através da morte, encontrarão na vossa habitação espiritual exatamente o que moldaram para vós mesmos.

Se teceram túnicas de caridade e amor, e atos de pensamento e inteligência, usá-las-ão nesse amanhã. Se teceram discórdia e ódio, eles adornar-vos-ão, ou apresentar-vos-ão a sua deformidade na vida espiritual.

FORMA ESPIRITUAL

A forma humana na terra, no seu estado mais elevado de desenvolvimento, é o epítome e a representação da forma espiritual. Não é a forma que molda o espírito, mas o espírito que molda a forma, e precisamente na proporção em que o espírito está avançado quando libertado do seu corpo terreno, assim a forma espiritual é harmoniosa e completa. A forma humana representa matéria e espírito combinados; a forma espiritual representa apenas espírito; a semelhança, moldada pela luz, é o resultado da mente ou espírito, revestida por quaisquer atos que tenha praticado, ou pensamentos que tenha concebido na terra.

DEFORMIDADES FÍSICAS

Talvez a experiência mais dolorosa da minha longa e variada vida pública tenha sido a de membro do *Metropolitan Asylums Board*. Fui, durante três anos, um dos membros da comissão encarregada da gestão do asilo para idiotas e imbecis, dos quais havia dois mil e duzentos na instituição, em Darenth, Dartford, Kent. E, ao mesmo tempo, fui durante cinco anos Presidente do Comité de Alienados da *City of London Union*, em Dartford, Kent, onde eram cuidados quatrocentos loucos.

Ocorria-me frequentemente qual seria a condição dos malformados no outro mundo. Sei agora, pela voz daqueles que passaram para a vida espiritual, que o corpo espiritual não mostra as deformidades e malformações do corpo físico. O pé boto, o membro atrofiado ou distorcido, a coluna deformada, não são reproduzidos no corpo espiritual. As imperfeições físicas são abandonadas na mudança chamada morte. O espírito encerrado na alma afasta-se do corpo sem um único defeito físico.

CAÇADORES DE FENÓMENOS IRRAZOÁVEIS

Os caçadores de fenómenos irrazoáveis esquecem-se da perícia necessária e das dificuldades envolvidas em simular os mortos vivos. Quando aprendem que os mortos se manifestaram a amigos, falaram, caminharam e tocaram, estes buscadores de fenómenos imaginam que os Espiritualistas têm apenas de "chamar", e os chamados mortos aparecerão "por encomenda".

Estas pessoas têm apenas de refletir sobre a composição do organismo humano, com os seus milhões de células, nervos, músculos, ossos e fibras, e os milhões de

átomos juntamente com os sólidos e fluidos, oxigénio, hidrogénio, carbono, etc., que compõem o corpo humano, mantidos temporariamente unidos em oposição ao curso normal da Natureza. Deve ser lembrado que a matéria empregue na materialização é quase toda retirada do corpo do médium e dos assistentes, e está, portanto, sujeita a uma forte atração que a está constantemente a puxar de volta para eles. As vibrações muito fortes e rápidas da luz comum dissolverão, portanto, uma materialização quase instantaneamente, exceto sob circunstâncias muito excecionais.

O AUTOR DE "HOME, SWEET HOME"

O MUNDO INVISÍVEL APARECE, A PARTIR DO MUNDO ESPIRITUAL

A 4 de Julho de 1908, tínhamos estado a falar da bela balada imortal, "Home, Sweet Home" e do seu autor, John Howard Payne, recordando a sua carreira acidentada, ator, dramaturgo e jornalista. Escreveu para a imprensa aos treze anos, e apareceu no palco do Drury Lane aos dezasseis. Nascido em 1792, passou para a vida espiritual aos sessenta anos, em Tunes.

Subitamente apareceu uma forma espiritual, ostentando as marcas da pobreza e do sofrimento, e tão subitamente mudou a sua forma para um branco resplandecente, e deu-nos a conhecer quem era. Muitas vezes pusemos a tocar a caixa de música, vibrando docemente a sua melodia imortal, sem pensar que o seu autor algum dia nos visitaria. Quão perto estão os queridos falecidos!

Numa conversa com um amigo, antes do seu falecimento, ele recordou as circunstâncias da origem da sua canção, que emocionou os corações de milhões em todas as terras, e hoje a balada é tão querida e fresca como sempre. Ele disse: "Quantas vezes, em várias cidades, ouvi pessoas a tocar e a cantar 'Home, Sweet Home', e eu estive sem uma refeição, ou um lugar onde deitar a cabeça." Por vezes ficava grandemente deprimido, e sentia agudamente a sua solidão absoluta.

A ORIGEM DA CANÇÃO

Um dia, um amigo foi visitá-lo e, ao entrar, disse: — Como estás hoje, Payne? — Bastante desanimado — foi a resposta — mas ontem à noite tive uma das visões mais gloriosas num sonho que algum dia se apresentou ao olho mortal. — Ah, de facto, o que foi? — Bem, eu dir-te-ei. Suponho que penses que era uma cena de vasta riqueza, de um palácio, ou algo desse género em que os desejos do homem estão mais focados. Não foi nada disso. Não costumo ter sonhos, mas quando os tenho, impressionam-me grandemente. Nesse sonho vi uma cena da mais transcendente paz rural e beleza. Era tudo o que poeta e pintor poderiam imaginar. A paisagem era composta por colinas suavemente onduladas, vales doces e silenciosos, e riachos serpeantes. Havia flores e pássaros, colheitas, rebanhos e manadas. No meio de tudo isto erguiam-se várias habitações do homem, onde vi homens, mulheres e crianças felizes, e ouvi vozes

agradáveis, risos, música e canção. — Verdadeiramente um belo quadro de contentamento doméstico humano — disse o amigo. — O imaginário de toda a vida do meu cérebro — exclamou o poeta — de "Home, Sweet Home". Ah! como a minha alma se deleitou no quadro!

Mas gradualmente ele desvaneceu-se da minha vista. Fiquei transfixado. Esforcei a minha visão para captar os seus contornos à medida que se tornavam cada vez mais ténues; mas, por fim, tinha-se desvanecido inteiramente. Olhei então para cima, e vi uma grande nuvem a formar-se, que cresceu escura e terrível. "Ah!", disse eu, "essa nuvem é significativa do meu próprio destino." Enquanto dizia estas palavras, vi traçadas nela, em letras ardentes, aquelas palavras do Todo-Poderoso para outro homem miserável: "Fugitivo e vagabundo serás na terra!" Em terror reconheci a minha sina, e acordei para descobrir que era simultaneamente um sonho e uma realidade.

O homem infeliz enterrou o rosto nas mãos, e parecia na mais profunda miséria. — Um sonho muito maravilhoso — disse o seu companheiro. — Bem, sabes o que pretendo fazer? — disse Payne, levantando o olhar. — Vou dizer-te. Tenho estado a pensar muito sobre este assunto, e pretendo escrever uma canção chamada e sobre "Home, Sweet Home". A imagem do meu sonho será a minha aspiração para a tarefa, e o meu coração solitário bem pode dar um patetismo tocante às minhas palavras.

Não muito depois, a canção de "Home, Sweet Home" foi dada ao mundo por John Howard Payne. O sonho é mais especialmente recordado pelo verso de encerramento:

Um exilado de casa, o prazer deslumbra em vão; Ah! dá-me a minha humilde cabana de colmo novamente. Os pássaros cantando docemente, que vinham ao meu chamado — Dá-me a eles, e aquela paz de espírito mais querida do que tudo! Lar, doce lar! Não há lugar como o lar!

A ATIVIDADE DOS MORTOS

FENÓMENOS FANTASMAGÓRICOS

Todas as casas onde os homens viveram e morreram São casas assombradas. Pelas portas abertas Os fantasmas inofensivos nos seus afazeres deslizam, Com pés que não fazem som nos soalhos.

Os registos de todas as nações estão repletos de instâncias bem autenticadas da atividade dos mortos. O incrédulo pode rir e mofar, mas a abundância de evidência acumulada permanece por ser contestada. Fenómenos fantasmagóricos, manifestações por inteligências invisíveis, têm alarmado, intrigado e deixado atónitos os mais calmos e sábios da humanidade. A aparente violação das "leis da natureza" pelos chamados mortos tem confundido e transtornado os maiores cientistas.

Tanto o Antigo como o Novo Testamento fornecem numerosos exemplos da atividade dos habitantes do Mundo Espiritual. Entre outros na história bíblica, tenho frequentemente remetido o incrédulo para a libertação de Pedro da prisão. Aqui, uma luz luminosa atinge Pedro, o prisioneiro, e ouve-se uma voz: "Levanta-te depressa", "e as cadeias caíram-lhe das mãos. . . . Depois de terem passado a primeira e a segunda guarda, chegaram à porta de ferro que dá para a cidade, a qual se lhes abriu por si mesma, e saíram" (Atos xii. 7-10).

Os Espiritualistas não são estranhos a fenómenos de poder deste género. As manifestações fantasmagóricas e perturbações que ocorreram na família Wesley, registadas na vida de John Wesley, e desde então publicadas em forma separada, são demasiado conhecidas para serem citadas aqui. Muitos volumes foram publicados apresentando instâncias de manifestações espirituais em chamadas casas e localidades assombradas.

Em mais do que uma ocasião, investiguei com um médium alguns destes lugares onde espíritos ligados à terra permanecem para incómodo dos habitantes. Simpatia amorosa e oração com eles, e por eles, na maioria dos casos pôs fim às suas manifestações. Longfellow supõe que todas as casas que foram habitadas por muito tempo são frequentadas pelos seus antigos inquilinos. Ele diz:

Todas as casas onde os homens viveram e morreram
São casas assombradas. Pelas portas abertas
Os fantasmas inofensivos nos seus afazeres deslizam,
Com pés que não fazem som nos soalhos.
Encontramo-los à porta, na escadaria,
Ao longo das passagens eles vêm e vão,
Impressões impalpáveis no ar,
Um sentido de algo movendo-se de um lado para o outro.
Há mais convidados à mesa do que os anfitriões
Convidaram; o salão iluminado
Está repleto de fantasmas quietos e inofensivos,
Tão silenciosos como os quadros na parede.
O estranho junto à lareira não pode ver
As formas que eu vejo, nem ouvir os sons que eu ouço;
Ele apenas percebe o que é; enquanto para mim,
Tudo o que foi é visível e claro.
Não temos títulos de propriedade de casa ou terras;
Proprietários e ocupantes de datas anteriores,
De túmulos esquecidos, estendem as suas mãos poeirentas,
E mantêm em mãos-mortas, ainda, as suas velhas propriedades. —

LONGFELLOW.

TESTE DE VIDA APÓS A MORTE

A ESPOSA MORTA REGRESSA

Na noite de terça-feira, 3 de Dezembro de 1907, recebi um pedido urgente de um leitor do meu livro, "Talks With the Dead", para o visitar imediatamente com vista a falar com a sua esposa que tinha passado para o Mundo Espiritual às 20h00 de domingo (dois dias antes). Aproveitei o automóvel que ele tinha enviado e, em vinte minutos, estava na sua casa com um médium.

Ao saber pelo marido as circunstâncias que tinham acelerado a morte precoce da sua esposa — aos trinta e quatro anos de idade — percebi a dificuldade do seu regresso. Aqueles que partem através do excesso alcoólico raramente conseguem regressar tão cedo. No entanto, após oração, com a assistência dos nossos guias espirituais, ela controlou o médium.

Tendo a sua partida ocorrido enquanto estava fora de casa, o seu marido estava ansioso por saber por ela as circunstâncias que rodearam a sua morte. Ela recordou minuciosamente os acontecimentos dos poucos dias anteriores à sua partida, descrevendo a sua última viagem no automóvel e os sintomas do ataque paralisante que pôs fim à sua vida terrena. Neste ponto, ela parou subitamente e disse: "Eu não quero que o meu corpo seja cortado. Estão num quarto a abrir o meu corpo. Estão homens no quarto ao lado. Parem-nos imediatamente!"

Perguntei ao marido se era assim.

Ele respondeu: "Sim, estão a embalsamar o corpo para adiar o funeral até ao próximo sábado". Ela não ficou satisfeita, mas foi assegurada repetidamente pelo marido de que era para esse fim. Nem o médium nem eu próprio sabíamos que isto estava a ser feito. Ela então PEDIU PELA SUA IRMÃ, que estava no andar de baixo e que, ao juntar-se a nós, recebeu os desejos da sua falecida irmã quanto à disposição de alguns bens pessoais. Ela expressou o desejo de que o seu cão Pomerânia, que tinha sido deixado na casa onde ela morreu, pudesse ser trazido de volta para a sua casa.

O seguinte acontecimento estranho é afiançado: o cão da falecida senhora, que raramente uivara antes, gemeu lugubremente às sete horas da manhã da morte da sua dona, de tal modo que um membro da casa disse: "Alguma desgraça acontecerá hoje". Uma aparição da falecida surgiu à sua antiga enfermeira em —— às dez horas daquela noite de domingo.

Dois dias depois, na noite de quinta-feira, 5 de Dezembro, o automóvel estava novamente ao meu portão com uma mensagem do marido para outra sessão. No meu caminho, chamei o médium, que, com muito inconveniente para si própria, me acompanhou, e o encontro desta vez foi mais terno e patético do que o anterior. O marido consultou os desejos da sua esposa no que respeita às exéquias; o ministro oficiante foi selecionado por ela. Ela procedeu então a dar instruções em relação aos seus dois filhos, de sete e quatro anos de idade, e também tratou de outros assuntos domésticos.

O escritor foi calorosamente agradecido por esta recém-erguida amiga espiritual, que ele não conhecera na sua vida terrena. Desde então, muitos têm sido os encontros entre marido e mulher. Ela materializou-se num círculo especialmente convocado, no qual o marido e um amigo seu, outro, e o escritor, estavam presentes. Quase não passa um dia sem que ela comunique connosco. Ela progrediu desde a sua entrada na vida espiritual e está ligada a um grupo de mães adotivas encarregadas de crianças pequenas.

OS NOSSOS AMIGOS MORTOS

Livres dos entraves da terra,
Os nossos amigos mortos vivem em esferas espirituais,
Connosco, invisíveis, navegam o mar da Vida
E misturam-se nas nossas alegrias e medos.
As vestes carnais da alma,
Como a casca da árvore da floresta,
Decaem; enquanto os oceanos rolam em frente,
Mas a vida espiritual deve ser para sempre!
Oh, pensamento aprazível; luzes angélicas
Brilham mais do que a estrela mais brilhante da terra —
Elas irradiam sobre as nossas noites obscurecidas,
E espalham o seu lustre perto e longe;
Enquanto a oração grata eleva a nossa alma,
Pelas bênçãos diurnas de Deus dadas;
Louvámo-Lo mais pelas Suas melhores dádivas,
Da alma, e do Céu infindável da alma.
Os nossos profundos afetos demoram-se em torno
Dos locais onde as alegrias do Lar aumentam,
E ali os nossos amigos espirituais abundam,
Para guiar os nossos pés e dar-nos paz.
Eles ensinam-nos mais do que os videntes da aprendizagem
Ou os orgulhosos filósofos podem ensinar —
Com eles aprendemos que esferas ocultas
Orbitam dentro do alcance do Espírito. —
J. A. POWELL.

ESPIRITUALISMO ATRIBUÍDO A BELZEBU

"Este não expulsa os demónios senão por Belzebu, príncipe dos demónios." E Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: Todo o reino dividido contra si mesmo é levado à desolação; e toda a cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. E, se Satanás expulsa a Satanás, está dividido contra si mesmo; como subsistirá, pois, o seu reino? E, se eu por Belzebu expulso os demónios, por quem os expulsam os vossos filhos? Portanto, eles mesmos serão os vossos juízes. — *S. Mateus, xii. 24-27.*

Quando os Fariseus de outrora foram confrontados com as obras milagrosas e ensinamentos do ilustre Nazareno, atribuíram tudo a "Belzebu". Tal como então, assim acontece agora. Membros das igrejas ortodoxas, que tiveram evidência tangível e visível da Vida Além da Morte, atribuem tudo a "obra do diabo". Embora forçados a admitir que os mortos regressam e mantêm conversação com os mortais, invocam "Belzebu" para os ajudar a sair das suas dificuldades. É demasiado inconveniente para eles deixar a velha rotina ortodoxa e juntar-se a um movimento que é impopular. Quando forçados a um pretexto, exclamam "Belzebu"!

O elemento espiritual, também, é contra a corrente da vida quotidiana; a ideia do ministério dos Mortos Vivos estarem "rodeados por tão grande nuvem de testemunhas", observadores invisíveis que veem tudo, ouvem tudo e sabem tudo o que se passa na nossa vida mortal, é demais para algumas pessoas.

OS MORTOS NÃO DESENVOLVIDOS OCUPADOS

Miríades de almas não desenvolvidas estão ocupadas pairando sobre e em redor dos locais e pessoas com quem estavam ligadas enquanto na terra. Não poucas destas estavam associadas a algumas das várias seitas religiosas, mas nunca se elevaram além da rotina comum de uma assistência ocasional a um local de culto, estando as suas energias centradas em atividades materialistas. Outros cujos desejos egoístas e profanos absorveram todo o seu pensamento, estes, juntamente com sensualistas, bêbedos e outros espíritos degradados, procuram satisfazer os seus desejos perversos usando homens e mulheres, controlando-os e levando-os passo a passo no pecado. Estes espíritos obscuros permanecem por longos períodos perto dos seus antigos refúgios, até que a paixão pelo mal se tenha esgotado. Olhos clarividentes veem a multidão de espíritos obscuros não desenvolvidos pairando sobre os seus refúgios terrenos e instigando as suas vítimas à destruição.

OS OBSERVADORES INVISÍVEIS — O SEU CONHECIMENTO

UM CASO DOLOROSO

"Portanto, visto que nós também estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas." — *Heb. xii. 1.*

Os mortais falham em perceber que os amigos espirituais veem tudo, ouvem tudo e sabem tudo o que pensamos, dizemos e fazemos. Frequentemente, quando um consulente foi recordado de incidentes na sua vida, ele ou ela perguntou: "Vedes e sabeis tudo o que fazemos?". O espírito respondeu: "Sim, e muito mais do que imaginais". Os mortais nunca estão sozinhos.

Durante os primeiros seis meses do ano de 1908, coube-me a sorte de dar mensagens do Mundo Espiritual ao filho de um velho amigo, recordando alguns incidentes muito dolorosos na sua vida privada. Percebendo a gravidade da situação, ele consultou vários médiuns apenas para receber confirmação de tudo o que eu lhe tinha dado. Numa sessão realizada em Manchester, o espírito de controlo recordou o seu caso e instou ao casamento imediato com a jovem que já tinha dado à luz três filhos e outro nascimento estava prestes a seguir-se.

EIS PARTE DA MENSAGEM que foi anotada por um dos assistentes: "É um erro terreno. Ele deve fazer a reparação terrena. Ele sofrerá com isso, mas isso trá-lo-á para mais perto e fá-lo-á compreender-se melhor a si próprio, e também salvará a alma de anos de escuridão. Salvará uma mãe idosa de ir para a sepultura com o coração partido, e um pai de ser prostrado por uma paralisia.

Nada na face da vossa terra ajudará mais do que ele colocar o seu egoísmo de lado e redimir-se enquanto ainda pode pelos deslizes de um dia anterior. Talvez ele tenha sido levado à tentação, fraco de vontade e forte nas alegrias e brilhos do mundo, com demasiado dinheiro para gastar, e isso levou-o a este amargo — não fim, mas cruz para carregar. Ele fez a cruz, e peçam-lhe em nosso nome para não deixar a pobre abandonada carregar tudo sozinha. Que Deus tenha misericórdia da sua alma."

A mensagem acima foi-lhe entregue por escrito. Em catorze dias o casamento teve lugar.

OBSERVADORES INVISÍVEIS SABEM TUDO

Quando estive no México, durante Agosto de 1908, a esposa do proprietário do hotel onde fiquei descobriu a minha ligação com o Espiritualismo, embora eu não o tivesse mencionado. Resultaram algumas reuniões privadas interessantes, e ela estava muito ansiosa por me apresentar a Madame Sckerls, a bem conhecida médium residente em San Antonio, Texas.

Ao entrar na bela casa da médium, ela reconheceu imediatamente os grupos de espíritos ao meu redor e disse: "Senhor, tem no seu bolso uma carta que os amigos espirituais lhe ditaram para enviar a um jovem (o filho de um velho amigo, ver página 121), mas o senhor está relutante em fazê-lo. Tenho de lhe dizer que deve obedecer e enviar a carta". Prometi que o faria. Nunca nos tínhamos encontrado antes, e no entanto o controlo desta médium conhecia o conteúdo doloroso da carta no meu bolso e a minha inclinação para não a enviar.

Como eu estava a interromper a minha viagem de regresso, e hospedado no "Southern Hotel", em San Antonio, prometi passar o dia seguinte (domingo à tarde) com ela. Conheci lá o Dr. John Thompson Penrose, que estava muito interessado no regresso do espírito. Eu não queria enviar aquela carta, por isso guardei-a até segunda-feira de manhã, e usei o dactilógrafo do hotel para me fazer uma cópia exatamente como foi ditada pelos amigos espirituais e, sem qualquer correção ou revisão, enviei-lha de imediato pelo correio.

MÉDICOS APÓS A MORTE

Sir William Jenner, Bart., G.C.B., F.R.S.; nascido a 30 de Janeiro de 1815; passou (morreu) a 12 de Dezembro de 1898; regressa em Julho de 1908.

Os médicos retomam a sua profissão após a morte. Os corpos dos médiuns são usados por eles. Em muitas das Sociedades Espiritualistas, em Londres e nas províncias, dias são reservados para médiuns serem usados por médicos espirituais. Eles têm vantagem sobre os médicos terrenos na medida em que veem cada órgão no corpo humano e diagnosticam a queixa ou doença imediatamente. Curas maravilhosas são efetuadas por eles após muitos anos de sofrimento sob tratamento comum.

Em Julho de 1908, a pedido de um leitor do meu livro, "Talks With the Dead", pedi a um médium que se juntasse a mim na sua casa, pois ele queria algumas informações sobre assuntos pessoais e saber a causa de uma dor que tinha sob o coração. Para nossa surpresa, Sir William Jenner, Médico Ordinário da Rainha Vitória e do então Príncipe de Gales, controlou o médium. Disse Sir William: "Ora, o que é que deseja perguntar-me?". O meu amigo tendo explicado o seu caso, Sir William, à sua maneira genial, disse: "Não tem necessidade de se preocupar", e procedeu a dar-lhe conselhos. Sir William foi então questionado sobre o que pensava de mim próprio. "Ele está bem — tão são como um pero. Vá ouvi-lo falar na plataforma. Ele está bem e aguenta qualquer coisa", disse Sir William. Perguntei ao médico se ele vinha ouvir-me nos meus serviços públicos. Sir William respondeu: "Frequentemente assistimos e ouvimo-lo".

É bem sabido que o único legado que me foi deixado pela minha mãe foi a asma, e que em Janeiro de 1905 ela foi inteiramente removida pelo Dr. Mesmer, o descobridor do "Magnetismo Animal", que passou (morreu) a 5 de Março de 1815. A cura foi efetuada num círculo de materialização.

Alguma ideia do grande trabalho realizado pelos praticantes médicos que partiram através de médiuns pode ser obtida do facto de que durante o ano de 1 de Julho de 1907 a 30 de Junho de 1908, o número de pacientes atendidos pela Sociedade Psico-Terapêutica foi de 510, e o número de pacientes que receberam tratamento gratuito às mãos dos operadores da Sociedade foi de 4.474. Muitos destes sofredores tinham percorrido os hospitais e tinham tido alta como incuráveis. Palavras não podem expressar adequadamente a alegria e gratidão dos pobres pacientes aliviados de doenças de longa data gratuitamente. O Sr. George Spriggs, Presidente da Sociedade, atendeu pessoalmente 613 casos gratuitamente. O "Health Record" é o jornal mensal da Sociedade, e é editado pelo Sr. Arthur Hallam.

UMA PREMONIÇÃO DE MORTE

ALDERMAN SIR DAVID EVANS, K.C.M.G. Nascido em 1849, passou (morreu) em 1907. Lord Mayor 1891-2.

O Alderman Sir David Evans encontrou-me no Guildhall: "John, o que é isso do Espiritualismo?". Eu disse: "Sr. Alderman, não gostaria de olhar para o rosto dessa doce e querida esposa sua e receber apenas uma mensagem amorosa dela do Mundo Espiritual?". Ele seguiu caminho. Era demais para ele, pois ele amava-a ternamente, tal como todos com quem ela entrava em contacto.

Pouco depois, Lady Evans apareceu-nos e pediu que eu visse o seu marido e o informasse de que ela vinha até nós com o vestido de noite azul com bolas douradas — aquele de que ele tanto gostava — e desejava falar-lhe. (Os desencarnados têm o poder de assumir, e aparecer em, qualquer forma da sua vida terrena.) Após inquérito, descobri que ele estava fora da cidade. Novamente ela apareceu, e foi mais urgente. "Quero tanto falar com ele", disse a querida senhora. Tentei de novo, mas ele tinha então acabado de regressar à cidade e estava doente. Passados alguns dias, ela manifestou-se novamente, desta vez à Sra. Lobb, com um cadáver à sua frente. Na manhã seguinte, ao abrir o jornal diário, o primeiro item que me chamou a atenção foi "A Morte do Alderman Sir David Evans". No meu regresso a casa, fui informado do que tinha acontecido.

Desde a sua entrada na vida espiritual, eles regressaram muitas vezes juntos e falaram de tempos antigos, trazendo até nós velhos colegas com quem durante muitos anos estivemos associados no *Court of Common Council*.

SIR STUART KNILL, BART.

OCUPADO NAS REGIÕES DOS MORTOS Nascido em 1824; passou (morreu) em 1898; Lord Mayor 1892-3.

"Porque por isto foi pregado o evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus no espírito." — *1 Pedro iv. 6.*

Fiel à fé da Igreja Católica, da qual Sir Stuart Knill era um membro distinto, ele está agora muito ocupado nas regiões dos mortos. A doutrina de um estado intermédio, como estabelecida pela Igreja Católica Romana, é "que aqueles que não morrem perfeitamente puros e limpos, vão para o purgatório, onde sofrem até serem libertados pelas missas rezadas pelas suas almas, etc.". Também a Igreja Episcopal Protestante de Inglaterra reconhece a doutrina. Bispos e muitos outros divinos instruídos e distintos, vivendo em diferentes épocas e climas, aceitaram a doutrina Papal de um estado intermédio.

Sir Stuart Knill, embora habitante da terceira esfera na Terra de Verão com os mortos santificados, está ocupado a trabalhar para o esclarecimento e elevação dos pobres espíritos ligados à terra. Ele manifesta-se a nós radiante e feliz. "Sim, amigo John.

ESTOU OCUPADO COM ALGUNS DOS NOSSOS COLEGAS que estavam aqui antes de eu vir e outros que vieram depois." Nomeando-os por ordem, muitos dos quais se manifestaram tão reais como quando estavam aqui na terra, recordei a Sir Stuart a sua recusa em entrar num local de culto Protestante quando ele estava no cargo de Lord Mayor. "Sim, vemos todas as coisas sob uma luz diferente por aqui." Os membros das várias seitas descobrirão que o princípio Cristão de ação, O AMOR QUE SE AUTO-ABNEGA, determina a posição e a ocupação no Mundo Espiritual. De todos os Lord Mayors sob os quais servi na Corporação da Cidade de Londres, Sir Stuart Knill foi o mais abnegado. A sua generosidade privada e simpatia prática tornaram o seu ano de mandato como Lord Mayor memorável.

Como Presidente da Escola de Órfãos de Freeman, e das Instituições em Brixton, fui ocasionalmente o guardião da sua liberalidade privada. Agora que ele está na vida espiritual, continua o seu trabalho diletante. Tendo alcançado a terceira esfera, a Terra de Verão da Luz:

"As planícies floridas: Os bosques verdes onde reina o prazer sem fim,"

e associações abençoadas, ele deixa o seu lar espiritual para ajudar pobres e obscuros indigentes morais no estado intermédio, para lhes pregar o evangelho da esperança e da paz.

A APARÊNCIA DOS ESPÍRITOS

"E eis que dois homens falavam com ele, os quais eram Moisés e Elias: os quais apareceram em glória, e falavam da sua morte, que ele havia de cumprir em Jerusalém." — *S. Lucas ix. 30, 31.*

"Eis que pararam junto deles dois homens, com vestes resplandecentes." — *S. Lucas xxiv. 4.*

A aparência de homens vindos do mundo invisível, conforme registado no Novo Testamento, deveria fazer os homens parar antes de repelirem com incredulidade a vasta quantidade de evidência indiscutível à mão! "O corpo é apenas uma aparência", diz Victor Hugo. A alma é a realidade da nossa existência. Para falar com precisão, a fisionomia humana é uma máscara. O verdadeiro homem é aquilo que existe sob o que se chama homem. Se esse ser que assim existe, abrigado e secreto por trás dessa ilusão a que chamamos carne, pudesse ser abordado, mais do que uma estranha revelação seria feita. O erro vulgar é confundir a casca exterior com o espírito vivo. A aparência de espíritos nas suas túnicas longas, soltas e brilhantes é uma ocorrência quotidiana no nosso próprio lar, como o é nos lares de espiritualistas por todo o mundo. O editor está muito penhorado às maravilhosas faculdades clarividentes e clariaudientes da sua esposa. Ela é uma vidente de elevada ordem. Os amigos espirituais são mais reais para ela do que aqueles que estão no corpo.

O REV. S. J. STONE, M.A.

OCUPADO NO PARAÍSO

O Rev. S. J. Stone, M.A., o erudito realizado e poeta elegante, está ocupado no Mundo Espiritual. Ele está ocasionalmente presente no nosso círculo doméstico privado. Nascido a 25 de Abril de 1839, passou para a Terra de Verão a 19 de Novembro de 1900. Os seus trabalhos cristãos entre os pobres, em Dalston e Haggerston, juntamente com os seus preciosos hinos, manterão a sua memória fragrante por muitos dias vindouros. Dois deles, "The Church's One Foundation" (O Único Fundamento da Igreja) e "Weary of Earth and Laden with my Sin" (Cansado da Terra e Carregado com o meu Pecado), são cantados onde quer que a língua inglesa seja falada. Sua Majestade a Rainha Vitória selecionou, entre os muitos escritos especialmente para a ocasião, o hino composto pelo Sr. Stone para ser cantado na Catedral de S. Paulo por ocasião da Ação de Graças Pública pela recuperação do Príncipe de Gales.

Uma das últimas cartas que ele escreveu foi-me dirigida para me juntar a ele na ajuda a um necessitado. Ele juntou-se ao grupo de cantores espirituais cuja missão é refrescar os grupos de trabalhadores envolvidos entre os espíritos não desenvolvidos ligados à terra. Radiante em vestes espirituais, ele regressa para animar os seus velhos amigos. O último cenário dos seus trabalhos terrenos foi na Igreja de Allhallows, London Wall, na City de Londres, onde uma bela placa foi erguida em sua memória.

ONDE ESTÃO OS MORTOS? O QUE ESTÃO A FAZER?

"Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; sendo, na verdade, morto na carne, mas vivificado pelo Espírito: pelo qual também foi e pregou aos espíritos em prisão." — *1 Pedro iii. 18-19.*

Onde estão os mortos? O que estão a fazer? Nem um único deixou de existir, como quem apaga o gás ou desliga a luz elétrica. Estão todos vivos. Onde estão eles? De acordo com o ensinamento das Igrejas ortodoxas, estão ou no céu, um lugar de felicidade superlativa, ou no inferno, um lugar de miséria indescritível, fixados irrevogavelmente para sempre. Se o destino dos ímpios está tão fixado, com que propósito entrou o Nazareno no estado intermédio e "pregou aos espíritos em prisão"? A divisão abrupta em duas classes opostas, os bons enviados para o céu e os maus enviados para o inferno, é contrária à natureza e às leis de Deus.

Deus não nos castiga; nós castigamos a nós próprios; nós fazemos um céu ou um inferno. O céu, ou o fogo, está no interior. Esta sentença autoproclamada não é final. No estado intermédio há esperança. Pela ajuda de ministrantes amorosos há um caminho para sair das trevas para a Luz e o Amor. Supor, também, que uma alma encharcada e imersa na sensualidade e no crime pode, no seu leito de morte, por algumas orações, mudar subitamente para um santo é um erro pernicioso.

AJUDANTES DE PLATAFORMA E PÚLPITO

VINDOS DO MUNDO ESPIRITUAL

Grupos de espíritos frequentam locais de culto com grupos de almas famintas. A audiência invisível é muitas vezes maior do que a visível. Na Catedral e no salão mais pequeno, estes ministrantes celestiais têm poder para impressionar, e impressionam, os oradores — estes são muitas vezes desviados pelos ajudantes espirituais de temas preparados para outros mais adequados.

O Sr. James Robertson de Glasgow, esse veterano na causa do Espiritualismo, autor daquela valiosa obra "Spiritualism, the Open Door to the Unseen Universe" (Espiritualismo, a Porta Aberta para o Universo Invisível), estava no ato de me dar as habituais boas-vindas cordiais como seu hóspede quando uma médium de Dundee entrou para nos cumprimentar. Ela foi imediatamente controlada pelo meu querido amigo e ajudante espiritual, Dr. Joseph Parker, famoso pelo City Temple.

Primeiramente, ele agradeceu ao Sr. Robertson pela sua generosa hospitalidade para com os oradores e referiu-se aos seus longos e valiosos serviços a uma causa impopular; ele disse: "Estaremos todos convosco amanhã nos serviços do nosso amigo John". Depois, voltando-se para mim, disse: "Obedeceste à nossa injunção de não falar no elétrico".

Os Ajudantes Espirituais querem toda a nossa energia e força, juntamente com uma mente aberta, calma e recetiva, para que nos possam impressionar e ajudar.

Pudessem aqueles que frequentam os serviços ver os grupos de brilhantes amigos espirituais pairando sobre a plataforma e o púlpito e ansiariam pela hora do culto divino.

O DOM DA CURA NEGLIGENCIADO PELA IGREJA

"Deu-lhes poder contra os espíritos imundos, para os expulsarem, e para curarem toda a sorte de doenças e toda a sorte de enfermidades." — *JESUS DE NAZARÉ, S. Mat. x. 1.*

"E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas suas sinagogas, e pregando o evangelho do reino, e curando todas as doenças e todas as enfermidades entre o povo." — *S. Mat. ix. 35.*

Coube ao Espiritualismo restaurar o dom da cura à Igreja. A sua perda tem sido incalculável. Milhões de mortais poderiam ter sido aliviados e restaurados para terminarem a sua vida terrena. A desculpa de que estes poderes pertenciam exclusivamente à era dos milagres e cessaram é um erro. Os registos dos primeiros três séculos estão repletos de casos de cura e de muitos outros dons exercidos pelos espiritualistas hoje. Nem há qualquer registo de que estes dons e poderes tenham cessado. O que têm os membros das Igrejas ortodoxas a dizer às seguintes palavras de Jesus?

"Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai" (*S. João xiv. 12*). Clarividência, clariaudiência, psicometria, profecia, diversidade de línguas, etc., de facto todos os maravilhosos dons e poderes exercidos pelos espiritualistas pertenciam à Igreja primitiva.

O grande desenvolvimento da força psíquica e a multiplicação da clarividência, curadores mediúnicos, etc., é apenas o amanhecer do dia que vem. Ministros e outros estão a ser controlados nos seus púlpitos por espíritos do mundo invisível, muitos dos quais não reconhecem as suas próprias palavras, uma forma fresca de pensamento vivo, quando reproduzidas pela Imprensa, tão diferentes de quaisquer discursos alguma vez preparados por eles próprios. O Mundo Espiritual resolveu quebrar o materialismo das Igrejas e restaurar os dons e os poderes da Igreja primitiva.

A BARONESA BURDETT-COUTTS NA VIDA ESPIRITUAL

Nascida a 21 de Abril de 1814; passou a 30 de Dezembro de 1906

"Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me." — *S. Mateus xvi. 24.*

A Baronesa Burdett-Coutts será recordada pela sua filantropia para com os pobres durante a sua longa carreira. Ela aparece-me frequentemente com outros em vestes espirituais. Ela descobre agora que, em todas as suas dádivas, nunca sentiu a falta de um tostão; o que ela dava era dinheiro de bolso de que não precisava; não fez qualquer sacrifício, faltou-lhe na sua ação o motivo, a raiz seminal da religião — o elemento Cristão.

Desde a sua entrada na vida espiritual ela percebeu isto agudamente. Ela voltou e está ocupada a impressionar homens de riqueza para ajudarem os pobres. Numa ocasião em que se manifestou, disse: "Tivesse eu sabido do Espiritualismo na minha vida terrena e teria dedicado uma grande parte do meu rendimento à propagação da sua luz e conhecimento". Olhos clarividentes veem a forma espiritual alta e magra da Baronesa na plataforma nos nossos serviços.

No domingo, 27 de Setembro de 1908, ela, com John Bright, de fama Parlamentar, e outros, foram vistos ao meu lado durante todo o serviço da noite enquanto eu oficiava em Nelson, Yorkshire. O grande orador passou para a vida espiritual a 27 de Março de 1889. Muitos dos chamados filantropos agora no Mundo Espiritual descobrem que lhes faltava o amor que se auto-abnega, que se auto-nega, que se auto-sacrifica, e têm de começar no degrau mais baixo da escada antes de poderem progredir para diante e para cima.

A VIDA ALÉM DA SEPULTURA

Pergunta: A Personalidade é uma unidade ou é múltipla, e o que é o Eu Subliminal?

RESPOSTA DE UM ESPÍRITO: Parece-nos que esta questão da Personalidade é um pouco curiosa, pois dia após dia chegam experiências a cada um, algumas para acrescentar, algumas para tirar, e no entanto cada personalidade mantém a sua própria vida, força e propósito, mesmo através das variadas mudanças da vida humana. Assim é no outro mundo. Vós seguis adiante para essa condição de ser exatamente o homem ou a mulher que éreis na vida física, com todos os vossos pensamentos e preconceitos, todo o vosso conhecimento, toda a vossa ignorância, precisamente aquelas coisas que vão constituir a vossa vida individual e personalidade, com todas as impressões que o

mundo fez em vós. Vós levais estes estados de consciência convosco para o outro mundo.

As vossas experiências terrenas afetam assim as condições que vos rodeiam e determinam a expressão do vosso pensamento e propósito ali. As vossas primeiras experiências mostram-vos que parte da vossa sabedoria não é digna do nome de sabedoria, e que parte da vossa ignorância vos pode ser tirada e o verdadeiro conhecimento ser-vos dado em seu lugar. No entanto, embora este processo continue, vós sois ainda vós mesmos; sois ainda a essência divina personificada em forma humana, sempre mudando e no entanto sempre a mesma.

No que diz respeito ao eu subliminal, confessamos que estamos intrigados. Supõe-se que ele faz uma variedade de coisas estranhas e maravilhosas. Para nós, parece que é apenas o próprio espírito do homem que por vezes se mostra através da condição exterior da vida física, e manifesta os seus próprios poderes através desse corpo físico; mas que cada pessoa, falando no chamado estado de transe, esteja meramente a dar voz às experiências e influências do seu eu subliminal, certamente não podemos por um momento aceitar como uma afirmação verdadeira de um facto. Há muitos que aceitarão qualquer teoria, não importa quão estranha ou tola, antes que aceitem a verdade do regresso do espírito.

Pergunta: É certo ou errado encorajar "materializações", e tais materializações impedem o progresso dos espíritos assim trazidos de volta à terra?

RESPOSTA: Certamente que esta pergunta está formulada de forma um pouco estranha. É certo ou errado desenvolver os poderes que certas pessoas possuem para que, por este meio, aqueles que não têm o poder da clarividência possam ver mais uma vez aqueles por quem estão a sofrer, e assim receber o conhecimento positivo da sua existência continuada? É errado, pensais vós, dar a certos corações humanos este conhecimento e esta consolação? Verdadeiramente, parece-nos que, embora todos os dons de mediunidade sejam belos e justos, e todos tenham o seu lugar no grande trabalho do Mundo Espiritual em consolar o enlutado na terra e secar as lágrimas daqueles que sofrem, este dom especial que em certas condições vos permite ver mais uma vez os rostos amados é verdadeiramente elevado.

É isto prejudicial para o espírito? Não. Como pode ser prejudicial voltar para vós e dar-vos o conhecimento e a garantia da nossa vida continuada além da sepultura? A materialização é um dos melhores dons, e um que, infelizmente, recebeu demasiado pouco cuidado, demasiada pouca consideração, no seu uso e desenvolvimento. Do nosso lado não envolve, como alguns imaginam, o manter preso à terra os espíritos que assim se manifestam. Requer um conhecimento de muitas coisas para manipular a aura delicada e as emanações dos assistentes de tal forma que se tornem visíveis ao olho físico comum, e envolve uma grande quantidade de conhecimento e experiência por parte dos espíritos.

Mas, embora não prejudique o espírito, embora seja deste grande valor, não estejais sempre a procurá-lo. Depois de terdes conhecido esta verdade, esforçai-vos por

cultivar os vossos próprios poderes espirituais, para que os vossos amigos possam entrar em contacto espiritual convosco, e esta forma de manifestação deixará de ser necessária.

Pergunta: Os espíritos, ao passarem para esferas superiores, experimentam uma segunda morte semelhante à morte do corpo quando o espírito passa desta terra?

Resposta: Não. Nós não nos despojamos, no Mundo Espiritual, do corpo da forma que vós fazeis quando passais pela morte para a primeira fase da condição espiritual. O processo é muito mais gradual do que esse. É um crescimento que pode levar muitos anos a atingir, o crescimento da natureza espiritual, o refinamento, por assim dizer, do corpo espiritual, de modo que ele se torne demasiado delicadamente equilibrado e ajustado para ainda estar feliz ou em harmonia com as condições mesmo mais avançadas da primeira fase da vida espiritual.

Quando esse crescimento é alcançado, tornando o homem apto para a mudança, há frequentemente um período de sono, ou de aparente inconsciência, durante o qual ele é levado para a fase seguinte da vida. Quando ele tiver assumido o seu lugar de permanência ali, pode, quer pessoalmente quer através dos seus pensamentos e atos, manter comunhão com aqueles que ainda estão na primeira condição ou visitá-los. Acreditamos que este processo se repete de cada etapa para a seguinte ao longo da grande jornada da eternidade. Todos os espíritos superiores, como lhes chamais, ao passarem pelos vários graus do Mundo Espiritual, têm de se proteger das influências que ali existem, da mesma forma que se devem proteger das influências que pertencem ao vosso mundo quando vêm até vós.

Ao dizer "proteger", não desejamos transmitir às vossas mentes a ideia de que existe um mal contra o qual se proteger. Mas, quanto mais perto da terra, mais grosseiras e rudes são as condições; e, devido ao grande refinamento de espiritualidade que tais espíritos atingiram, estas influências afetam as suas mentes e consciência, e essa é a razão pela qual os clarividentes descrevem habitualmente um espírito de uma condição elevada de vida espiritual como tendo a cabeça coberta com uma roupagem. Essa é a aura que os protege das condições mais ásperas em que devem entrar.

Pergunta: Não existem, mesmo agora na terra, no Oriente, pessoas que já passaram pela primeira morte?

RESPOSTA: Pode haver, mas estamos inclinados a duvidar, porque existem leis bem reconhecidas que governam as condições físicas. Pode ser que, nalguns casos, o corpo se torne tão refinado que, quando a mudança da morte chega, ele é posto de lado por um método tão suave e gentil que pareceria ter pouca semelhança com a morte comum; mas pensamos que mesmo um corpo assim, embora se tenha tornado refinado, seria deixado para ser devolvido aos elementos da mãe natureza.

Em resposta a outra pergunta, o espírito de controlo disse — Existe uma profecia de que a humanidade não conheceria a morte, e hoje começa a perceber-se que não há morte para a humanidade — mas apenas para o corpo descartado da humanidade!

Pergunta: O que querem dizer os espíritos que afirmam que vir à terra ou controlar um médium é como entrar num nevoeiro?

Resposta: Com todo o devido respeito pelos habitantes do lado físico da vida, nem sempre nos dão as condições mais espirituais para nos manifestarmos, e a vossa falta de desenvolvimento espiritual é para nós, no seu efeito, uma experiência semelhante à vossa passagem por um nevoeiro. A vossa condição espiritual não está desenvolvida, é enevoada e carece de clareza e, como temos de nos manifestar através das emanações das vossas naturezas espirituais, quanto menos desenvolvidas estas naturezas forem, mais difícil é para nós obtermos a visão clara e a aura para nos manifestarmos. Quanto mais desenvolvidos fordes espiritualmente, mais compreendereis, mais clara se torna a vossa aura para nós, menos somos perturbados pela sensação de nevoeiro e mais facilmente somos capazes de nos manifestar.

Pergunta: Pode dar-nos uma ideia do que os espíritos fazem dia após dia?

RESPOSTA: Tal variedade de coisas que seria, de facto, uma questão difícil de dizer. Temos os nossos próprios passatempos, o nosso próprio trabalho, os nossos próprios interesses. Um pode passar a maior parte do seu tempo a trabalhar entre as crianças, treinando-as e ensinando-as. Outro pode ocupar-se a instruir aqueles de maior crescimento que necessitam, por vezes, das lições mais elementares sobre os factos e realidades da vida espiritual. Outros há que têm sede de conhecimento, e no nosso mundo habitam todos os sábios do passado, que dão da sua sabedoria livremente a todos os que desejem partilhá-la.

Temos todas as coisas necessárias para o nosso sustento. É apenas alimento espiritual, conhecimento e desdobramento que procuramos. Se assim o desejarmos, podemos não fazer nada senão divertirmo-nos e manter conversas agradáveis uns com os outros, e até estas nos são úteis; mas se persistentemente decidirdes não fazer nada durante todo o tempo, estais a retardar o vosso próprio desenvolvimento.

Pergunta: O que deve um homem fazer para ser salvo ou obter a redenção?

RESPOSTA: Não dependerá isso do que ele deseja que seja redimido? Está nas suas próprias mãos. Ele pode fazer tudo o que é correto, verdadeiro e honesto, ou pode fazer o que é errado e desonesto. Por um lado, terá paz espiritual e felicidade futura; por outro, não terá paz na terra. Onde for possível, deem uma mão amiga àqueles que dela necessitam, digam palavras gentis àqueles que praticam o mal, esforcem-se por apontar o caminho um pouco mais claramente para eles — numa palavra, sejam homens honestos, zelosos, fiéis, não temendo homem algum, confiando na bondade do nosso Pai, esforçando-se por desenvolver a mente, o coração e a vontade, e assim entrem em contacto com o lado espiritual da vida. Uma pessoa assim, que se esforça por fazer estas coisas, não precisa de temer a morte, pois existe para ela, no outro mundo, uma continuação da sua carreira de zelo e progresso eterno.

[*Estas respostas foram dadas pela Menina Florence Morse a perguntas que lhe foram colocadas enquanto sob controlo espiritual, na reunião social de tarde realizada*

nas salas da London Spiritual Alliance, 10 St. Martin's Lane, W.C., 9 de Abril de 1908. — Ed.]

CAÇADORES DE FENÓMENOS IRRAZOÁVEIS

"E os Fariseus saíram, e começaram a questionar com ele, pedindo-lhe um sinal do céu, tentando-o. E ele, suspirando profundamente no seu espírito, disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que não se dará sinal a esta geração." — *S. Marcos viii. 11, 12.*

Os caçadores de fenómenos esperam presenciar manifestações do mundo invisível e manter conversação com os chamados mortos, independentemente das condições. Muito do meu tempo tem sido ocupado com visitantes e inquiridores por carta, pedindo uma oportunidade para "ver as pessoas mortas" e para serem "fotografados com elas". Alguns destes mercadores de curiosidades fixaram certas condições próprias para provas, independentemente da lei inexorável que governa todas as manifestações do espírito através da matéria. "Mostra-nos um sinal do Céu".

É assim que o Espiritualismo é abordado pelo "Tomé incrédulo" e pelos seus amigos. Recordamos-lhes as palavras de Cristo: "Não se dará sinal". Como é possível para os mortos mostrarem-se ou manifestarem-se no meio de elementos antagónicos? Os inquiridores devem estar *en rapport* com as coisas espirituais. As condições que são favoráveis com uns não o são com outros. A menos que haja uma condição recetiva de mente, capaz de apreciar verdades espirituais, as manifestações espirituais são como "contos vãos".

A lei inexorável que governa todas as operações da natureza, e todas as manifestações do espírito através da matéria, opera e manifesta-se apenas através e pelas Suas leis. Jesus de Nazaré não podia exercer o Seu poder por causa da incredulidade. "E não podia fazer ali nenhuma obra virtuosa, a não ser curar alguns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos. E maravilhou-se por causa da sua incredulidade" (*S. Marcos vi. 5, 6*).

MÉDIUNS BONS E MAUS

POR UM ESPÍRITO

Os médiuns desempenham apenas um papel secundário na comunicação com os mortais. Atuamos sobre o médium como o funcionário do telégrafo atua sobre a sua maquinaria. Tal como as influências atmosféricas atuam, e por vezes perturbam a transmissão de um despacho telegráfico, assim a influência moral do médium atua e por vezes perturba a transmissão dos nossos despachos do Mundo Além da Sepultura. A influência oposta é, no entanto, frequentemente anulada pela energia da nossa vontade, de modo que mensagens de elevado alcance filosófico e espiritualidade são por vezes transmitidas através de médiuns muito pouco aptos para a sua transmissão.

Não obstante estas exceções ocasionais, os espíritos das esferas superiores raramente comunicam através de médiuns que são maus condutores — ou seja, bons médiuns. Bons médiuns atraem bons espíritos, e maus médiuns atraem espíritos malignos. Se um médium é imoral, espíritos maus pairam em redor em multidões, tomando o lugar de bons espíritos que possam ter sido evocados. Todas as imperfeições morais são como tantas portas que dão acesso a espíritos malignos. Um buscador da verdade queixou-se-me recentemente de que a informação que tinha recebido de espíritos através de um médium não era fiável, e questionou a genuinidade da mesma, enquanto a sua própria vida era um chiqueiro moral. O semelhante atrai o semelhante. O Espiritualismo é frequentemente transformado no bode expiatório para estes réprobos imorais.

REGRESSO DO ESPÍRITO EM CÍRCULOS PÚBLICOS

É impossível para espíritos das esferas superiores manterem conversação com mortais a menos que existam condições adequadas. Círculos compostos pelos restos da vida moral e social, mercadores de curiosidades e "Tomés incrédulos", emitem emanações e vibrações que facilitam o regresso de espíritos malignos. As poucas pessoas de mente simples que acreditam implicitamente em tudo o que é rotulado e carimbado como "espiritual" são enganadas e desgostosas — e não admira. Os investigadores devem ter grande cuidado e cautela com quem se sentam em círculos públicos. Mesmo com um médium eficiente e de vida exemplar, pouco que seja benéfico pode resultar a menos que haja um tom moral elevado e harmonia entre os assistentes. Espíritos ligados à terra amontoam-se em tais reuniões e causam muito dano.

FORÇAS INVISÍVEIS

POR UM ESPÍRITO

Forças subtis residem na atmosfera, todas invisíveis e desconhecidas por vós, que podem estar hoje a minar os alicerces da vossa vida e saúde. Considerai que uma atmosfera magnética viciada — a presença de pessoas cujas esferas magnéticas não concordam — pode formar causas subtis de múltiplas doenças e sofrimento entre a humanidade. Considerai que vários processos mentais, a presença de um pensamento impuro ou de um desejo profano, podem afetar a atmosfera mental no mesmo grau que o vapor fétido afeta a atmosfera física. Saber isto é estar guardado contra isso de modo a afastá-lo; e saber que atuais desta forma mental e fisicamente uns sobre os outros é formar um dos processos seguros de proteção e esclarecimento contra isso.

Enquanto que, somado a isto, se for um facto, como é revelado pelo Espiritualismo, que milhares de seres invisíveis adicionam a sua influência à vossa — controlam-vos para o bem ou para o mal, inspiram-vos para a felicidade ou miséria, tomam parte no vosso pensamento e ação diários, movendo-vos (talvez

inconscientemente) segundo a vontade deles — torna-se sumamente importante que o saibais, para que possais acorrentar este relâmpago espiritual para cumprir as vossas ordens, e fazê-lo levar as vossas mensagens, em vez de lançar dardos e raios contra vós para vossa destruição.

Como sabeis se as guerras, revoluções, as explosões do povo em muitas direções, a insanidade e todos os tipos de doença mental não são provocados por estas condições espirituais perturbadoras? Quem descobrir, como Franklin fez, um elemento espiritual subtil que torne possível ao homem controlar estas forças e dominá-las, tornar-se-á um herói espiritual.

AS VOZES SILENCIADAS DOS MORTOS

As vozes dos mortos têm estado silenciadas e caladas por demasiado tempo. Por cima do estrondo do clamor e da discórdia sectária, ouvem-se os chamados mortos a proferir palavras de conforto e esperança a corações sofredores na linguagem do Divino Mestre: "Um pouco, e ver-Me-eis". A atividade do Mundo Espiritual hoje comanda a atenção de pensadores, filósofos e cientistas do mundo civilizado. O Espiritualismo — uma crença no regresso dos mortais — invadiu os "santuários" de reportagem e editoriais da Imprensa diária e semanal. Revistas e trimestrais dedicam agora espaço às manifestações surpreendentes do Mundo Invisível. O abuso vulgar e as alegações tolas de impostura e truque deram lugar ao pensamento sério e à crença no regresso do espírito. Silenciosamente, mas com segurança, o preconceito e a perseguição estão a dar lugar ao reconhecimento do facto de que não há morte, e de que os mortos de facto voltam e falam.

AQUELES QUE PARTIRAM

Acreditem que aqueles que partiram estão mais perto de nós do que nunca, e que se (como certamente acredito) eles sofrem pelos contratempos e más ações daqueles que deixam para trás, não sofrem em vão. A sua simpatia é uma educação adicional para eles, e um penhor, também, de ajuda — acredito que de libertação final — para aqueles para quem olham cá para baixo com amor. — *CHARLES KINGSLEY.*

AMIGOS INVISÍVEIS

"O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra." — *Salmos xxxiv. 7.*

"Quão frequentemente deixam eles os seus aposentos de prata,

Para nos virem socorrer a nós que de socorro carecemos!
Quão frequentemente fendem eles com asas douradas
Os céus passageiros, como mensageiros voadores,
Contra demónios imundos para nos ajudar militantes!
Eles lutam por nós: eles vigiam e guardam diariamente,
E os seus esquadrões brilhantes plantam ao nosso redor;
E tudo por amor, e nada por recompensa;
Oh, por que deveria o bem celestial ter tal consideração pelos homens?" —
SPENSER.

Os mortos santificados continuam interessados nos assuntos da sua antiga vida terrena. S. Paulo diz: "São enviados para ministrar", divinamente comissionados para ajudar os bons. Estão sempre ativos, "não descansam nem de dia nem de noite". A sua felicidade reside na atividade. Não procuram o seu próprio bem, mas o bem dos outros. São esquecidos de si mesmos. Os espiritualistas veem as suas belas formas e ouvem clariaudientemente a doce cadência da sua voz, e sentem o calor radiante da sua presença. É como se o véu fino tivesse sido rasgado, através do qual vem uma brisa das esferas celestiais.

Quão frequentemente, no nosso humilde círculo doméstico, vimos as formas espirituais vestidas de branco daqueles reproduzidos neste livro. A ideia tola de que estão demasiado ocupados para notar os mortais em luta deu lugar ultimamente ao reconhecimento do ensinamento da Bíblia a seu respeito. Acontecimentos que agitam nações não provocam uma ondulação no Grande Além. Secar uma lágrima, dar um raio de luz, aliviar a dor, impulsionar uma alma para a frente, é para eles mais sublime do que a coroação de um soberano. "Haverá alegria na presença dos anjos de Deus por um só pecador que se arrepende" (*S. Lucas xv. 10*).

APÊNDICE

Durante quarenta e seis anos (de 1858 a 1904) ocupei os púlpitos das Igrejas ortodoxas, tanto em Londres como nas províncias; dando palestras, também, em vários salões. Desde a minha conversão ao Espiritualismo, há quatro anos, viajei mais de cinquenta mil milhas, dirigindo-me a audiências. Alguns dos maiores salões das províncias foram pequenos demais para acomodar as multidões de ansiosos buscadores da verdade, e viajei cerca de sete mil milhas através do México e dos Estados Unidos da América. Que tive uma vida ocupada ver-se-á pelo seguinte: —

ESBOÇO DO EDITOR: MR. JOHN LOBB

Extraído de "Men and Women of the Time", publicado por George Routledge & Sons, 1899, a 15s. líquido.

O Sr. JOHN LOBB nasceu a 7 de Agosto de 1840, em Mile End New Town, no Condado de Middlesex. Após um exame meritório em 1862, recebeu um convite para o Ministério Metodista Primitivo, mas preferiu uma esfera comercial, permanecendo um pregador leigo. Em 1870 estabeleceu um jornal social, "The Kingsland Monthly Messenger", que provou ser um sucesso.

Em 1872, os seus serviços foram transferidos para o "Christian Age", um jornal semanal que tinha sido estabelecido há cerca de doze meses, com uma venda de cerca de 5.000 exemplares semanais. Em cinco anos, pela sua energia, alcançou uma circulação de cerca de 80.000 exemplares semanais.

PRINCIPAL PROPRIETÁRIO DO "CHRISTIAN AGE"

Em 1880, o Sr. Lobb tornou-se o principal proprietário. Em 1876, ele foi instado pelo falecido Sr. Samuel Morley, M.P., e George Sturge, o conhecido filantropo, a angariar um fundo para o Rev. Josiah Henson, a personagem original de "A Cabana do Pai Tomás" da Sra. Beecher Stowe. No espaço de sete meses, através de palestras e pregação de sermões, ele angariou para ele mais de £2.000. Ele editou a história da vida do Sr. Henson, que também continha um prefácio pelo Muito Hon. o Conde de Shaftesbury, K.G. Em seis semanas, foram vendidos mais de 30.000 exemplares. Posteriormente, o livro foi traduzido para doze línguas. Um quarto de milhão foi vendido.

A SUA VISITA AO CASTELO DE WINDSOR

Na segunda-feira, 5 de Março de 1877, o Sr. Lobb recebeu a ordem de Sua Majestade para comparecer no Castelo de Windsor com o herói do seu livro, e teve a honra de inscrever o seu nome no álbum privado de Sua Majestade.

Na eleição trienal da Junta Escolar de Londres de 1882, ele foi eleito pelo distrito de Hackney, em segundo lugar na votação, obtendo 11.576 votos. Em 1885, entre os treze candidatos, foi eleito à cabeça da lista, com 15.092 votos. Em 1888, foi novamente eleito à cabeça da lista, com 17.360 votos, e na eleição trienal de 1891 esteve novamente no topo, com 14.002 votos. Na eleição trienal de 1894, perdeu o seu lugar, sendo essa a primeira e única ocasião em que o Sr. Lobb se identificou com qualquer partido. Embora conhecido como Independente, era considerado um "Diggleite". Em 1897, regressou novamente à Junta. Deve dizer-se, em justiça ao Sr. Lobb, no entanto, que ele se opunha fortemente ao Sr. Athelstan Riley e aos seus amigos na questão religiosa. O Sr. Lobb pode dizer o que poucos homens públicos podem — que em todos os seus combates para a Junta nunca realizou uma única reunião pública. Ele confia nos seus eleitores.

O "FAMOSO PANFLETÁRIO"

O Sr. Lobb é conhecido como o "famoso panfletário" sobre a "Extravagância da Junta Escolar", "Os Escândalos dos Armazéns", "Esboços a Pena e Tinta de todos os

Membros", "Uma Experiência de Doze Anos na Junta Escolar de Londres". O seu primeiro panfleto, publicado em 1885, alcançou uma venda de 97.000 exemplares em seis semanas. Foi durante nove anos Presidente do Comité de Armazéns e, posteriormente, Presidente do Comité de Finanças em sucessão a Sir Richard Temple, Bart., M.P. Em 1886, editou e publicou "A Vida e Tempos de Frederick Douglas", o famoso escravo fugitivo que foi depois Marechal do Distrito de Columbia, E.U.A., para o qual o Muito Hon.

John Bright contribuiu com um prefácio. O livro foi publicado a 6s. Em 1879, publicou a "Vida do Rev. T. De Witt Talmage, D.D.", preço 2s. 6d., e também "Setas e Anedotas e a História do Grande Reavivamento", preço 2s. 6d. Em 1877, publicou um jornal semanal chamado "Daisy Family Story Paper", que em cinco anos atingiu uma venda semanal de 15.000 exemplares. Em 1882, recebeu £1.000 pelos direitos de autor do "Daisy", que foi posteriormente dirigido pela Sra. Joseph Parker, do City Temple.

O SEU TRABALHO MUNICIPAL

Ele é Guardião da União da Cidade de Londres, da qual existem noventa e quatro membros, tendo sido eleito em 1885 pela paróquia de St. Bride, Fleet Street, E.C. É membro da Junta de Asilos Metropolitanos e publicou panfletos sobre demência, imbecilidade e idiotia nas suas várias formas. É ex-Presidente do Comité de Visita a Alienados da União da Cidade de Londres, do Comité de Contratos, e é Vice-Presidente do Comité de Finanças. Em 1887, foi eleito membro do Conselho Comum para o Bairro de Farringdon Without. Serviu nos Mercados Centrais, no Mercado de Billingsgate, e foi Vice-Presidente das Finanças dos Comités de Mercados. Serviu durante dez anos no Comité de Oficiais e Funcionários, e seis anos no Comité da Escola de Órfãos de Freeman, tendo sido Presidente durante dois anos consecutivos.

Ele é também membro do Comité da Biblioteca de Guildhall, do Comité da Floresta de Epping, e um dos membros do Conselho de Assistentes da Honorável Sociedade Irlandesa. Por ocasião da visita do Imperador Alemão à Cidade, foi membro do Comité de Receção e, em 1894, serviu no Comité do Lord Mayor; e por ocasião da visita da Rainha Vitória à Cidade em 22 de Junho de 1897, foi um dos cinco conselheiros comuns nomeados para receber Sua Majestade com o Lord Mayor e os Xerifes em Temple Bar. Serviu durante doze anos como Governador do Lady Holles' Trust no Bairro de Cripplegate, E.C. É Governador da Fundação de St. Bride, Membro da Royal Historical Society e da Royal Geographical Society.

ALVO DE RECONHECIMENTO PÚBLICO

A 21 de Julho de 1891, foi-lhe apresentado publicamente um testemunho sob a forma de um cheque de £250 e uma mensagem de homenagem iluminada, e um serviço de chá e café em prata à Sra. Lobb, na Mansion House, pelo Muito Honrado Lord Mayor, Sir Joseph Savory, Bart., M.P. Posteriormente, foi-lhe apresentado um retrato a óleo de meio corpo da Sra. Lobb, por Mr. J. Mordecai, e à Sra. Lobb foi apresentado um

retrato companheiro, pelo mesmo artista, do Sr. Lobb. Em 1896, recebeu outro testemunho público sob a forma de um fruteiro em prata maciça e uma mensagem iluminada dos Guardas Escolares sob a Junta de Londres; e em 1894 serviu no Comité do Lord Mayor. O Sr. Lobb é um Freeman da Companhia dos Loriners e da Companhia dos Ferreiros. Um retrato de corpo inteiro da Sra. John Lobb esteve na Royal Academy em 1897, n.º 174 na galeria n.º 2, por Joseph Mordecai.

MR. JOHN LOBB

Extraído do volume de esboços biográficos editado por Jarrold & Sons, sob o título "Middlesex Men of Mark", preço três guinéus.

Nenhum trabalho sobre homens de destaque de Middlesex estaria completo sem um esboço, por mais imperfeito que fosse, da carreira de um homem público tão proeminente e capaz como o Sr. John Lobb. O Sr. Lobb é um poder indubitável nos círculos Metropolitanos. Pensativo, eminentemente prático e extremamente bem informado, é um reformador robusto e um opositor fervoroso da corrupção em qualquer forma ou feitio. Sincero e honesto até ao âmago, as opiniões do Sr. John Lobb têm sempre peso e comandam invariavelmente atenção. Embora tenha sido apropriadamente chamado "O Apóstolo da Reforma", não se deve pensar por um momento que o Sr. Lobb seja apenas um agitador incendiário, pois não é nada disso.

Nem é homem para ser facilmente atraído por qualquer ideia nova e fantasiosa, pois possui um aguçado poder crítico com o qual julga próxima e severamente qualquer sugestão inovadora antes de lhe conceder o benefício do seu conselho ou a ajuda da sua influência. No entanto, uma vez convencido da sensatez de qualquer caminho, ninguém é mais infatigável do que ele na promoção do seu completo sucesso. Com o Sr. John Lobb, esta perseverança persistente em qualquer tarefa que assume está em estreita aliança com uma sagacidade cautelosa que rege todos os seus empreendimentos e o impede de cair em qualquer das armadilhas que são, em todos os momentos, o perigo de esforços públicos vigorosos.

O serviço conspícuo prestado por ele ao chamar a atenção pública para as Escolas da Junta construídas de forma precária foi universalmente comentado na Imprensa na altura, e foi igualmente honrado com uma canção na pantomima de Drury Lane. Está sempre em movimento, e homem mais ocupado não se encontra em toda a Metrópole.

OUTRA APRESENTAÇÃO AO SR. JOHN LOBB

Num banquete realizado no Royal Hotel (De Keyser's) a 12 de Maio de 1905, o Sr. John Lobb, C.C., foi presenteado com uma pintura a óleo da Sra. Lobb e dos seus dois filhos, em reconhecimento dos seus serviços como Presidente do Comité de Lei e Tribunais da Cidade da Corporação de Londres. Entre os presentes estavam o Lord Mayor e Xerifes, e o Lord Chief Justice de Inglaterra, os Juízes dos Tribunais da Cidade de Londres, e outros, totalizando cerca de cem convidados. O Presidente, Sr. Cecil F. J. Jennings, ao fazer a apresentação, aludiu aos serviços prestados pelo Sr. Lobb ao público durante os últimos quarenta e cinco anos e, em particular, ao

seu Serviço à Corporação. Há quinze anos, ele conseguiu aprovar uma resolução no Conselho Comum para sessões contínuas, através da qual os pleiteantes e litigantes foram grandemente beneficiados, e um grande aumento, totalizando mais de £50.000, resultou das taxas para os cofres da tesouraria da Cidade. A pintura é do Sr. Joseph Mordecai, que foi recentemente encarregado por Sua Majestade o Rei de pintar o seu retrato no Palácio de Buckingham. O artista já teve a honra de ver não menos de vinte e uma das suas pinturas expostas nas paredes da Royal Academy.

AUTOBIOGRÁFICO

UMA VISITA AO PALÁCIO DE BUCKINGHAM

Talvez possa ser desculpado por esta breve referência à minha carreira pública ao mencionar, pela primeira vez, o seguinte incidente. No início de Maio de 1899, como Presidente do Comité da Floresta de Epping, ocorreu-me que Sua Alteza Real o Duque de Connaught poderia ser induzido a visitar a Floresta de Epping e a assumir oficialmente a faixa de terra, conhecida como Yardley Hill, que o Sr. Edward North Buxton tinha apresentado à Corporação da Cidade de Londres.

Sem mencionar o assunto a ninguém, dirigi-me ao Palácio de Buckingham e vi o Coronel Sir Alfred Egerton, o Controlador e Tesoureiro de Sua Alteza Real, e ele gentilmente providenciou para que eu comparecesse no Palácio na quarta-feira seguinte, quando se realizaria uma audiência. Sua Alteza Real não só consentiu em visitar a Floresta, como providenciou para que Sua Alteza Real a Duquesa o acompanhasse na ocasião, a 1 de Junho de 1899. Estando o Conselho Comum em recesso, reuni o meu Comité, que ficou tão surpreendido quanto encantado com o que eu tinha feito.

UM GRANDE DIA

Foi um grande dia para os distritos de Woodford e Chingford. A comitiva Real, com uma escolta de Hussardos, foi recebida pelo escritor e pelo seu Comité, o Lord Mayor e os Xerifes de Londres; e, após o almoço, caminharam para o recinto, quando o escritor, como Presidente, proferiu um discurso a Sua Alteza Real o Duque de Connaught recordando a visita de Sua Mais Graciosa Majestade a falecida Rainha, que, dezassete anos antes, tinha visitado a floresta e dedicado cerca de 6.000 acres da melhor zona arborizada ao uso do público.

O Duque de Connaught, em resposta, expressou o grande prazer que tinha em declarar o local como parte da Floresta de Epping. Após um passeio de carro muito agradável pela Floresta, Sua Alteza Real felicitou o escritor pelas disposições tomadas para a sua receção e disse que tinha dado à Duquesa e a si próprio um grande prazer estar presente. Posteriormente, o escritor foi homenageado num banquete, onde lhe foi apresentada uma pintura a óleo da sua filha Dorothy, e a Sra. Lobb recebeu um anel de diamantes.

UM CHAFARIZ NA FLORESTA PARA AS CRIANÇAS

Outro incidente memorável e agradável marcou o meu mandato. Sir Edwin Durning-Lawrence, Bart., M.P., encontrou-me em Ludgate Hill e, após uma conversa sobre a Floresta, ofereceu-se para erguer um chafariz, a um custo de 300 guinéus, para uso das crianças; e, posteriormente, ofereceu mais 100 guinéus para que a água fosse fornecida perpetuamente. O chafariz situa-se junto ao Royal Forest Hotel.

ABUSOS, ESCÂNDALOS E FRAUDES EXPOSTOS

Durante a minha longa e variada carreira pública, coube-me a sorte de desenterrar e expor abusos, escândalos e fraudes. Desde o início, recusei identificar-me com fações, assumindo a minha quota total de trabalho em comités. Não era membro da Junta Escolar de Londres há muitos meses quando o público percebeu que nada menos do que meio milhão de libras esterlinas tinha sido vergonhosamente esbanjado, e que cada capítulo da história da Junta estava repleto de erros culposos e extravagância. Publiquei vários panfletos dando detalhes e, na eleição de 1885, foi feita uma limpeza total dos membros conhecidos como o "Anel Oficial".

COMO AS ESCOLAS FORAM CONSTRUÍDAS

Das 356 escolas erguidas pela Junta até ao Dia da Senhora de 1891, 163 revelaram ter defeitos de construção e ser insalubres. Com algumas exceções, foram mal planeadas e mal construídas; muitas delas enormes celeiros, com um exterior ornamental, defeituosamente ventiladas e defeituosamente iluminadas. Os materiais usados eram o lixo mais absoluto, enquanto os melhores tinham sido especificados nos contratos e pagos. Em vez de as escolas assentarem sobre fundações sólidas, as investigações revelaram fundações soltas e ensaboadas, fundações de lama e, nalguns casos, nenhumas fundações. Os papéis impressos de expediente da Junta contêm um registo de "construção escolar" que custou aos contribuintes, para corrigir o que nunca deveria ter estado errado, meio milhão de libras esterlinas.

COMO OS ESCÂNDALOS DA JUNTA OBTIVERAM PUBLICIDADE

Nada surpreendeu e exasperou tanto o "Anel Oficial" como o método único que adotei de colocar questões publicamente nas reuniões semanais da Junta aos Presidentes de Comités em relação aos escândalos de construção. Primeiro certificava-me dos meus factos, depois imprimia-os de forma direta e concisa no papel semanal de expediente da Junta, resultando que as perguntas e respostas eram reproduzidas nas atas, sendo as mesmas enviadas aos membros e encadernadas em forma de volume. Este registo negro oficial foi demais para aqueles membros que tinham adotado uma política de "não ver nada", "não ouvir nada", "não saber nada" e "não fazer nada" em relação aos escândalos da Junta. E o que era infinitamente mais irritante era a publicidade dada a estas perguntas e respostas na imprensa diária e semanal.

MR. JOHN LOBB

"Ao Sr. John Lobb, o Chanceler do Tesouro da Junta Escolar de Londres", diz o "Echo" de 13 de Outubro de 1894, "mais do que a qualquer homem na Junta Escolar deve ser dada a palma pelo zelo incansável. Durante anos ele trabalhou infatigavelmente na causa da educação. Ninguém é mais popular do que ele. Ele é a própria quintessência da genialidade e afabilidade e, como resultado, é extremamente popular entre os seus colegas membros. A sua posição como membro não é uma sinecura. Ao contrário de muitos outros que se contentam em desfrutar do luxo de um assento sem o seu concomitante — o trabalho árduo — ele esteve sempre no centro da batalha.

Não atuou ele durante anos seguidos como Presidente do Comité de Armazéns? Não se portou ele com toda a honra nessa capacidade? E não ficaram os seus colegas membros tão satisfeitos com os seus serviços que o promoveram no momento mais cedo possível? Sim; e agora encontra-se na orgulhosa posição de Chanceler do Tesouro da Junta, um posto para o qual foi nomeadamente nomeado por unanimidade após a renúncia de Sir Richard Temple. Ele é a grande máquina de gastos da Junta, e para os contribuintes o relato da sua gestão apela naturalmente com uma força toda-poderosa."

"Nem um centavo das finanças da Junta é gasto sem o seu conhecimento, e ele mantém um olho vigilante sobre cada fonte que exige suprimentos e sobre cada canal através do qual estes podem ser aumentados."

O MEU ORÇAMENTO

O "Times", na sua edição de 29 de Junho de 1894, dedicou quatro colunas do seu espaço ao meu discurso na apresentação do meu Orçamento à Junta no dia anterior. Nessa ocasião, tratei das operações da Junta Escolar de Londres desde a sua formação, lidando com um gasto total de £33.587.231 (trinta e três milhões quinhentas e oitenta e sete mil duzentas e trinta e uma libras), o que despertou muita atenção na altura, e foi favoravelmente recebido e comentado pela imprensa londrina e provincial.

DO PALÁCIO PARA A CASA DE TRABALHO

Eu fui um dos Guardiões da Lei dos Pobres da União da Cidade de Londres, tendo sido eleito em 1885 pela Paróquia de St. Bride, Fleet Street, E.C. A minha experiência de quase vinte anos nessa Junta foi inestimável para mim como jornalista. Acontecia, de tempos a tempos, que o *Levée* de Sua Majestade (Rainha Vitória), ao qual eu ocasionalmente assistia, caía no dia em que eu estava nomeado numa pequena escala para lidar com os pobres na casa de trabalho (*workhouse*). Duas horas depois da minha breve presença no Palácio, um cenário de dignidade e grandeza, política e divindade, ciência e literatura, embaixadores e enviados num fulgor de ouro bárbaro, e homens do mais elevado escalão saudados pela Realeza, eu estava na casa de trabalho em Homerton pelo resto do dia a lidar com a pobreza abjecta.

OS BANQUETES DOS GUARDIÕES DA LEI DOS POBRES

Há vinte e cinco anos chamei a atenção para a banqueteação dos Guardiões de Hackney. Estes paroquiais, após um pouco de expediente formal, sentavam-se a banquetear-se por horas, muitas vezes até tarde da noite, servidos por um indigente

vestido com um fato de gala em segunda mão. Induzi a revista semanal cómica londrina "Judy" a publicar uma série de cartoons descritivos dos seus procedimentos, a partir de um discurso publicado de um deles. Apareceu com as ilustrações na página 12, de 1 de Julho de 1885.

OS GUARDIÕES DA CIDADE E OS SEUS BANQUETES

A Junta de Guardiões da Cidade consistia em noventa e quatro membros, e um aviso aparecia no papel de expediente assim: "Qualquer Guardião tem a liberdade de assistir à Escala de Visitas". Isto era um convite permanente para pequenas festas agradáveis. Qualquer reforma sugerida apenas intensificava a sua perversidade. Durante anos tive de me submeter a muitos abusos, e cenas de alvoroço seguiam-se a qualquer reforma sugerida. Por fim, induzi o Sr. Gould, filho de Sir F. C. Gould, da "Westminster Gazette", a comparecer em Homerton e a esboçar os Guardiões "na sua banqueteação", e ele fê-lo muito bem. O meu amigo Robert Donald, agora editor do "Daily Chronicle", ajudou-me grandemente no assunto e publicou o cartoon no "London", em 25 de Março de 1897, que ele editava nessa altura.

Entretanto, imprimi uma carta ocupando quatro páginas de papel almaço, dando detalhes, a partir dos registos oficiais da Junta de Guardiões, mostrando que, para os cinco anos terminados no dia de Michaelmas de 1896, um total de £1.191 11s. 0d. tinha sido gasto nos Comités da Casa e da Enfermaria; que, regra geral, doze brindes eram feitos nos jantares do seu Comité; e citei a seguinte carta do Sr.

Alfred Lyon, que foi Presidente da Junta durante onze anos, e que apareceu no "The Citizen", a 7 de Agosto de 1897. Ele diz: —

"Não tinha a intenção de tomar qualquer parte nesta contenda, mas tendo durante muitos anos tentado, por preceito e exemplo, trazer discretamente um melhor estado de coisas, e tendo falhado, decidi por fim falar abertamente como o Sr. Lobb fez. Não hesito em dizer, agora que é revelado pelo nosso relatório publicado de presenças, que foi possível para um homem comer oitenta e um almoços e o mesmo número de jantares em Bow e Homerton. Os grandes banquetes que têm sido dados, especialmente em Bow, e para os quais amigos de fora têm sido convidados, devem ser abolidos. Nada além de refrescos razoáveis e simples deve ser fornecido, nada mais do que o custo da viagem deve ser permitido, e não deve ser gasto nas casas mais tempo do que o absolutamente necessário para o trabalho."

Terminei a minha carta assim: "Ao Muito Hon. Henry Chaplin, M.P., Presidente da Junta do Governo Local, — Tão detestáveis e odiosas se tornaram as associações da União da Cidade de Londres que, a menos que a vossa Honrosa Junta tome uma acção

pronta e decisiva, aqueles que têm qualquer respeito pelas decências e cortesias da vida recusar-se-ão a ser identificados com ela."

Quando os Guardiões da Cidade viram pela Imprensa que eu tinha sido mandado chamar para comparecer na Junta do Governo Local com a comunicação acima, reuniram-se na Casa de Trabalho de Homerton na segunda-feira seguinte, fizeram o seu trabalho e partiram sem o seu suntuoso banquete. A Imprensa diária e semanal foi muito engraçada sobre o assunto; o "Star" disse que eu tinha arrancado lágrimas escaldantes das bochechas dos gulosos da Cidade pela perda dos seus jantares. Escuso de dizer que o fim chegou. A Junta do Governo Local enviou novos regulamentos. As recentes exposições e condenações de Guardiões da Lei dos Pobres em Londres e noutros lugares, alguns dos quais estão agora presos, desfrutando da hospitalidade de Sua Majestade à custa da nação, mostram que a minha acção durante o último quarto de século ao lidar com estes cavalheiros foi mais do que justificada.

O SR. JOHN LOBB E O TRABALHO

O "Lloyd's Weekly", de 23 de Novembro de 1890, trazia o seguinte: —

"Um grupo de trabalhadores tem motivos de gratidão para com o Sr. John Lobb. Aludimos ao pessoal empregado no Departamento de Armazéns da Junta Escolar de Londres. Anteriormente, os embaladores iniciavam o seu compromisso com um salário de 20s. por semana, subindo para 30s. Para fazer chegar aos outros membros da Junta o que este rendimento significava na vida doméstica, o Sr. Lobb mandou imprimir e enviar a todos os seus colegas uma carta sugestiva, cujo conteúdo era substancialmente o seguinte: — DESPESAS DOMÉSTICAS DE UM HOMEM COM ESPOSA E TRÊS FILHOS A 30S. POR SEMANA Aluguer, 7s. por semana; pão (7 pães de quatro libras a 5d.), 2s. 11d.; manteiga, 1 lb., 1s. 4d.; leite, 7 canecos, 1s. 2d.; carvão e lenha, 2s. 6d.; merceeiro (chá 1/4 lb., 1s.; açúcar, 4 lb. a 2 1/2 d., 10d.), 1s. 10d.; drogaria (velas, óleo de parafina, soda, sabão, anil, amido, grafite e graxa), 1s. 1d.; vegetais para a semana, 2s.; farinha, 1 medida, 6d.; aveia para as crianças, 1s.; sebo, 1 lb., 4d.; queijo, 1/2 lb., 4d.; carne (domingo e segunda-feira), 2s. 6d.; carne ou peixe por cinco dias, 2s. 6d.; lavandaria, 3d.; escola (3 a 1d.), 3d.; fundo para um funeral digno, 6d.; total £1 8s.; deixando 2s. por semana para roupas, botas e sapatos, farmacêutico e assistência médica para cinco pessoas durante a semana. Não há nada para despesas de viagem, férias ou assuntos domésticos de emergência."

Havia um mundo de patetismo nestes factos e figuras caseiros. Quem pode admirar-se de que, após os ler, a Junta Escolar tenha ordenado que os salários dos seus embaladores começassem nos 25s. e subissem ao máximo de 35s. por semana? Tanto a Junta como o Sr. Lobb estão de parabéns pelo excelente passo que deram.

A POLÍCIA DA CIDADE: VELHOS INVÁLIDOS RETIDOS, PROMOÇÃO BLOQUEADA

Não era membro da Corporação da Cidade há muitas semanas quando Londres ficou sobressaltada com os factos de uma queixa de longa data, que tinha criado raízes profundas na força policial da Cidade. Eis um recorte da Imprensa da época: —

"O Sr. John Lobb perguntou ao presidente do Comité de Polícia: (1) Se existem mais de 200 homens na força policial da Cidade ligados com ligaduras, sofrendo de varizes, hérnias e de outra forma fisicamente incapacitados para o serviço ativo; (2) se um inspetor tem um olho de vidro e é quase cego do outro e, embora esteja há quarenta e dois anos no serviço, ainda não foi reformado; (3) se existem vários sargentos detetives que estão no serviço há mais de trinta e sete anos, que, embora fisicamente incapacitados, estão a arrastar uma existência miserável no serviço ativo; e (4) se não são oferecidas facilidades para promoção até que os homens sejam demasiado velhos?"

A minha contenção era que um grande número de incapazes era retido recebendo grandes salários, bloqueando a promoção, e que homens jovens e eficientes, após doze anos de serviço, eram oficialmente informados de que eram demasiado velhos para serem retidos na força. O querido e idoso presidente, que ocupava esse cargo há muitos anos, em conjunto com um vereador, fez ouvidos de mercador a todos os pedidos de reparação.

A QUEIXA REMOVIDA

O sentimento público era demasiado forte para a inação. Fui convocado perante o Comité de Polícia e ouvido. No final, o Coronel Fraser, juntamente com os inspetores e sargentos idosos e enfermos, reformaram-se, e seguiram-se cerca de oitenta promoções e foi assegurada uma reforma para todos após vinte e cinco anos de serviço, e 15 por cento adicionados aos salários dos homens (outros 10 por cento foram entretanto adicionados).

Os meus serviços foram posteriormente requisitados para a Polícia Metropolitana. O Sr. Matthews, o então Secretário do Interior, adicionou 10 por cento à sua força.

ESPIRITUALISMO E FRAUDES

Não estava associado ao Espiritualismo há muito tempo antes de detetar fraudes. Um médium, vindo dos Estados Unidos da América, um D.D. e Rev., tinha, pelos seus notáveis poderes de clarividência, caído nas boas graças de algumas das Sociedades. Ele procurou-me e, vendo que tinha sido acolhido por velhos Espiritualistas, convidei-o para minha casa. Não demorei a descobrir que a sua vida era tudo menos espiritual, embora possuísse os dons. Após o obrigar a desembolsar £113, que devolvi àqueles de quem ele as tinha retirado indevidamente em pequenas somas, ameacei-o com processo judicial a menos que regressasse aos Estados Unidos. Ele foi, e pouco depois passou para o Mundo Espiritual.

Tive mão na exposição de duas fraudes de materialização, tendo ambas admitido a culpa. Também provoquei o colapso total de dois proeminentes Exibidores de Fantasmas (*Ghost Showmen*), que tinham descoberto que o negócio era muito lucrativo. Houve fraudes na primeira Igreja de doze, com o Mestre à cabeça. Fraudes em todos os departamentos da vida; e enquanto a natureza humana não santificada for o que é, podemos esperar encontrá-las até ao fim.

A MINHA LIGAÇÃO COM DAN LENO

Sectários de mente estreita do tipo Fariseu levantaram as pálpebras em admiração e espanto por eu estar, de alguma forma, envolvido com a profissão teatral. E no entanto, encontrei estes "santos" calmamente sentados em algumas das atuações mais ruidosas nos teatros Alhambra e Empire, e noutras salas de espetáculos, durante os meus deveres jornalísticos quando estava ligado a um jornal diário londrino. Sim, e fui tão malvado que acompanhei um dos funcionários e encarei o querido "santo" com um: "Como está?", comentando: "Estou aqui pelo meu jornal". Em alguns casos, o "querido irmão" sentiu subitamente a necessidade de um pouco de ar fresco.

Agora, quanto à minha amizade com Dan Leno. A minha ação na Junta Escolar, ao trazer à luz a chocante condição insalubre das escolas e a forma fraudulenta como foram erguidas, despertou indignação universal; todos os jornais do reino se referiram a isso, e os dramaturgos agarraram nos factos e incluíram-nos nas suas comédias, e o meu nome foi propalado por palhaços e artistas musicais por todo o reino. Durante os quatro meses de exibição da pantomima no Drury Lane, o meu nome figurou no dueto musical em "Cloudland", no qual Harry Nicholls e Dan Leno participavam: "*For Lobb is on the job*", etc.

EMPREGO DE CRIANÇAS EM TEATROS

Durante o ano de 1889, foi feito muito alarido desnecessário por uma secção dos membros da Junta Escolar sobre a alegada influência perniciosa dos teatros nas crianças empregadas para atuar nas pantomimas. Eles defendiam que a sua educação era prejudicada, e a Junta foi instada a tornar operantes os seus poderes. A Sra. Lobb juntou-se a mim, com membros da profissão teatral, para averiguar os factos, e descobrimos que 93 por cento de todas as crianças assim empregadas se tornavam bem-sucedidas, que a £1 por semana era uma bênção para os seus pais pobres, e que estavam sob os cuidados de pais adotivos durante a sua estadia nos teatros, e que nem os seus interesses morais nem educacionais eram de forma alguma afetados.

Assistimos a deputações com Lord Dunraven e o Sr. Matthews no Ministério do Interior, e apresentámos o caso ao Sr. Stuart-Wortley e, pela inserção de uma cláusula na Lei, assegurámos a posição das crianças, o que, como todos sabem, funciona bem. Os nossos humildes serviços foram muito apreciados, não só pela profissão, mas também pelos pais e pelas suas crianças.

DAN LENO EDITA O "SUN"

O Editor Gerente do jornal vespertino "Sun" concebeu a ideia de que o editor responsável deveria ocasionalmente afastar-se e permitir que alguém de fora ocupasse a cadeira editorial por uma breve temporada. O Dr. Joseph Parker foi o primeiro, seguindo-se-lhe George Jacob Holyoake e depois Dan Leno. Estive associado aos dois últimos, e tivemos tempos animados. Não menos de um milhão de exemplares foram vendidos no dia da edição do Dan. A sua árdua vida terrena chegou ao fim, e os restos mortais do nosso amigo foram depositados no Cemitério de Tooting. O caixão trazia as palavras: "George Galvin (Dan Leno), que entrou no descanso a 31 de Outubro de 1904, com 43 anos de idade".

PREDIÇÕES ESPIRITUAIS CUMPRIDAS

Logo após a minha conversão ao Espiritualismo, o espírito de controlo de "Clairibelle", "Sunbeam", informou-me que certas mudanças importantes ocorreriam no meu ambiente jornalístico que me permitiriam assumir a defesa pública do Espiritualismo. Na altura, não conseguia imaginar a possibilidade do que ela pressagiava; os meus três anos de trabalho de plataforma mostram que todas as suas predições foram cumpridas.

MORTE PREDITA

Perto do final do ano de 1905, a minha ligação ao Espiritualismo foi usada por dois homens em particular, para com quem eu tinha sido mais do que bondoso, para me prejudicarem aos olhos dos amigos, com vista a me desalojarem de uma posição que eu ocupava há dezoito anos. Eu ignorava a ação deles até ser demasiado tarde para desfazer o seu mal. Pouco depois, estava numa sessão, quando o espírito de controlo recordou a minha mágoa pela conduta deles. Eu tinha esquecido completamente o assunto, quando o espírito de controlo, após entrar em detalhes, disse: "Não se preocupe; eles vêm para aqui". No espaço de um mês, os dois homens em questão passaram para o Mundo Espiritual, subitamente, e o secretário também, subitamente. Posteriormente, o mesmo espírito de controlo num círculo recordou as suas predições e o seu cumprimento.

CAÇADORES DE FRAUDE E AS SUAS VÍTIMAS

Os registos do Espiritualismo estão repletos das chamadas exposições de médiuns fraudulentos, que em muitos casos se revelaram sem fundamento. Os fenómenos psíquicos oferecem amplo alcance para o "Tomé incrédulo".

No decorrer dos meus serviços de domingo em Manchester, foi-me entregue uma carta de dois homens residentes em Sheffield, contendo dez páginas de alegações de "fraude" escritas de forma densa contra um bem conhecido médium londrino. Apenas um dos dois homens tinha estado presente na sessão. Com base no *ipse dixit* deste assistente, endossado pelo seu vizinho, fui urgentemente solicitado a juntar-me à chamada "exposição". Os "detalhes completos" prometidos na carta foram recusados, porque eu não tinha respondido ao pedido deles por volta do correio. Investigações posteriores, no entanto, revelaram o facto de que o assistente de Sheffield era totalmente desconhecedor das leis elementares que governam a materialização, e que ele próprio

era o culpado. O elemento mais notável neste caso foi uma indicação do Mundo Espiritual de que "um ataque seria feito ao médium em questão dentro de três semanas". Com a aprovação do amigo Espiritual, avisei o médium numa carta, que pode ser apresentada. O ataque ocorreu efetivamente dentro do tempo declarado.

ESPIRITUALISMO IMPOPULAR

A minha conversão ao Espiritualismo excitou muita surpresa entre amigos com quem estive associado em trabalho municipal, filantrópico e religioso durante os últimos quarenta e seis anos. Os meus antigos colegas jornalistas em Fleet Street levantaram as sobrancelhas em espanto e admiração. Para minha surpresa, vários jornalistas antigos, e membros do Conselho Comum, admitiram discretamente a sua ligação com o Espiritualismo, mas exigiram de mim o compromisso: "Nem uma palavra, John".

Naquela altura, não percebi a necessidade de segredo. Não fazia ideia de que os Espiritualistas eram vistos com medo e superstição, e que uma confissão aberta de identidade com a causa resultaria na perda de amigos e de posição. Agora sei-o, à minha custa.

Spottiswoode & Co. Ltd., Impressores, New-street Square, Londres.